

# MARX & ENGELS

david riazanov



Curso de marxismo da Academia de Moscou

Edições NOVA CULTURA





Proletários de todo o mundo, uni-vos!





David Riazanov

# **Marx & Engels**

Edições Nova Cultura

2ª edição

2018

© 2018 - NOVACULTURA.info

Autorizamos que o conteúdo deste livro seja utilizado ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja impresso, digital, áudio ou visual por movimentos de massas, organizações, sindicatos, associações, etc.

Edições NOVA CULTURA

[www.novacultura.info/selo](http://www.novacultura.info/selo)



O selo *Edições Nova Cultura* foi criado em julho de 2015, por iniciativa dos militantes da **UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA**, com o objetivo de promover e divulgar o marxismo-leninismo.

*RIAZANOV, David; Marx & Engels. 2ª Edição. 2018.*

**Conselho Editorial:** União Reconstrução Comunista

---

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA *CREATIVE COMMONS*

*Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil.*

É permitido:

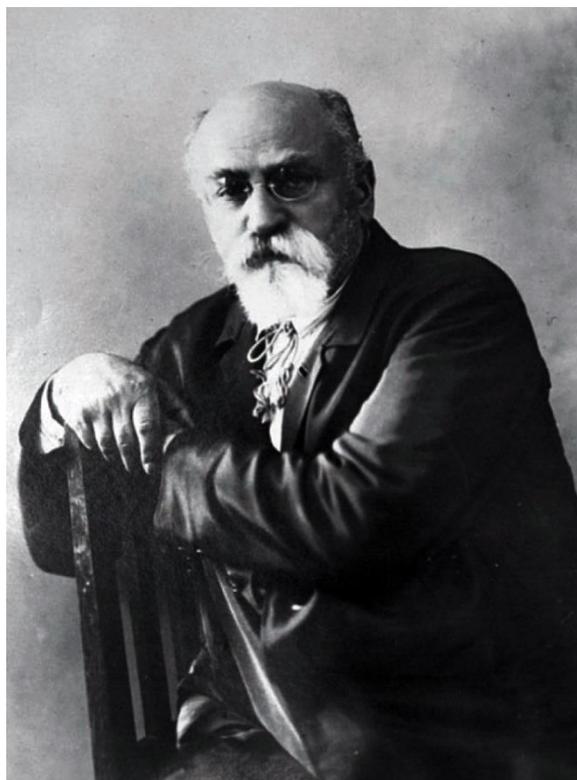
– Copiar, distribuir, exibir e executar a obra – criar obras derivadas



Sob as seguintes condições:

**ATRIBUIÇÃO:** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante; **USO NÃO COMERCIAL:** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais; **COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA:** Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

– Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outro, os termos da licença desta obra.





*Marx, junto com seu amigo Engels, estava destinado a descobrir a solução a este problema sobre o qual os homens têm atormentado seus cérebros por séculos. Marx descobriu que a história de todas as sociedades anteriores foi, em última análise, a história das relações de produção e distribuição nestas sociedades, e que o desenvolvimento destas relações sob a lei da propriedade privada se manifesta na esfera das instituições políticas e sociais na forma da luta de classes; e por esta descoberta, Marx revelou a mais importante força motriz na história. Ao mesmo tempo, uma explicação foi descoberta para a necessária desarmonia em todas as sociedades existentes até agora entre a consciência e a existência, entre os desejos da humanidade e a realidade social, entre intenções e resultados. Assim, graças às ideias de Marx, os homens aprenderam pela primeira vez o segredo de seu próprio progresso social. Para além disso, a descoberta das leis do desenvolvimento capitalista, do mesmo modo, apontaram o caminho pelo qual a sociedade está se movendo – dos estágios espontâneos e inconscientes, durante os quais os homens fizeram história da mesma maneira pela qual as abelhas constroem suas colmeias, ao estágio histórico consciente, criativo e genuinamente humano, aquele estágio quando a vontade da sociedade e a realidade social devem, pela primeira vez, estar harmoniosamente correlacionadas uma com a outra, quando as ações do ser social irão, pela primeira vez, produzir precisamente os resultados que ele deseja. Nas palavras de Engels, este decisivo “salto do reino animal ao domínio da liberdade humana” será alcançado pela sociedade como um todo apenas com a realização da reviravolta socialista.*

**ROSA LUXEMBURGO**



# ÍNDICE

Apresentação ..... 13

## *Primeira Conferência*

Introdução. A Revolução Industrial na Inglaterra. A Grande Revolução Francesa e sua influência na Alemanha ..... 19

## *Segunda Conferência*

O movimento revolucionário na Alemanha até 1830. Renânia: a adolescência de Marx e Engels. Os trabalhos literários de Engels. Marx, redator da *Gazeta Renana* ..... 35

## *Terceira Conferência*

O Socialismo Científico e a Filosofia. O Materialismo. Kant. Fichte. Hegel. Feuerbach. O Materialismo Dialético de Marx. A missão histórica do proletariado ..... 53

## *Quarta Conferência*

Crítica dos pontos de vista habituais sobre a história na Liga dos Comunistas. Marx organizador. A luta contra Weitling. Fundação da Liga dos Comunistas e o Manifesto Comunista. A polêmica com Proudhon ..... 75

### ***Quinta Conferência***

A revolução alemã de 1848. Marx e Engels na Renânia. Fundação da *Nova Gazeta Renana*. Gottschalk e Willich. A união operária de Köln. Política e tática da *Nova Gazeta Renana*. Stephan Born. Mudança na tática de Marx. Derrota da revolução e pontos de vista divergentes na Liga dos Comunistas ..... 99

### ***Sexta Conferência***

A reação de 1852 a 1862. O New York Tribune. A guerra da Crimeia. As opiniões de Marx e Engels. A questão italiana. Debate de Marx e Engels com Lassalle. Polêmica com Vogt. A atitude de Marx para com Lassalle ..... 119

### ***Sétima Conferência***

A crise de 1857-1858. Aumento do movimento operário na Inglaterra, França e Alemanha. A Exposição Internacional de Londres em 1862. A guerra civil na Alemanha. A crise da indústria algodoeira. A insurreição polonesa. Fundação da Primeira Internacional. A ação de Marx. O manifesto inaugural ..... 147

### ***Oitava Conferência***

O estatuto da Primeira Internacional. A conferência de Londres. O Congresso de Genebra. Informe de Marx. Os congressos internacionais de Lausanne e Bruxelas. Bakunin e Marx. O Congresso da Basileia. A guerra franco-prussiana. A Comuna de Paris. A luta entre Marx e Bakunin. O Congresso de Haia ..... 177

### ***Nona Conferência***

Engels se instala em Londres. Seu papel do Conselho Geral. Doença de Marx. Engels substitui Marx. O *Anti Dühring*. Os últimos anos de Marx. O interesse de Marx pela Rússia. Engels, editor das obras póstumas de Marx. Ação de Engels na época da Segunda Internacional. Morte de Engels ..... 223

# Apresentação

A atual crise mundial que afeta o mundo inteiro, fruto dos problemas estruturais do capitalismo, amplia e recrudesce a miséria e pobreza das imensas massas humanas na Ásia, na África e na América Latina, aumenta a exploração dos trabalhadores em todo o mundo, retira direitos democráticos fundamentais conquistados pelas lutas populares nas últimas décadas. Neste cenário, os nomes de Friedrich Engels e Karl Marx voltam a ganhar destaque entre todos aqueles que pretendem criticar a ordem capitalista em algum nível. Para os comunistas, a tarefa se reveste de importância ainda maior. Assim se faz necessário a todos os que se pretendem marxista-leninistas o estudo amplo, rigoroso e sistemático sobre a concepção materialista da história elaborada pelos dois filósofos alemães.

Marx e Engels foram responsáveis por uma verdadeira revolução no conhecimento humano, a fundamentação do materialismo histórico, método científico que proporciona a descoberta das leis gerais objetivas que regem o desenvolvimento da sociedade burguesa. O marxismo, tal como ficou conhecido nesse momento histórico, herdou o que de melhor havia sido criado pelo pensamento humano, a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês, e os superou dialeticamente em uma nova síntese, uma etapa superior para o entendimento da vida social.

Nos atuais tempos, em nosso país, acentuadamente no âmbito acadêmico, muitos grupos de professores e estudiosos bradam a palavra de ordem "volta a Marx", para retomar a "autenticidade" da teoria em detrimento ao desenvolvimento

desta em um período histórico revolucionário que se inicia com a Revolução de Outubro. A partir desta visão purista, toda a riqueza da experiência concreta da luta do proletariado e dos povos coloniais são ignoradas (quando não atacadas virulentamente) por ter se distanciado de uma pureza perdida do dever ser abstrato que não se realizou como se imaginava.

A fórmula de retorno a Marx é religiosa, como aponta o filósofo Domenico Losurdo, em seu livro *Fuga da História*. Análogo ao papel que a utopia cumpriu após o desenvolvimento do movimento revolucionário do proletariado na segunda metade do século XIX, o mantra “volta a Marx” é fruto de capitulação política diante da realidade concreta, demonstração da incapacidade de compreensão dos acontecimentos históricos e, sobretudo, assimilação do discurso anticomunista imposto pela ideologia burguesa acerca da heroica construção do socialismo no último século.

Evidentemente, não é necessário se estender demasiadamente para demonstrar que tal posição capitulacionista, em nada contribui para que o movimento revolucionário brasileiro se fortaleça, para assimilar a contribuição que as experiências socialistas, soviética, chinesa, coreana, cubana entre outras, têm as nos oferecer para a compreensão da tarefa histórica dos comunistas. Mas se a consigna “volta a Marx” não se sustenta por si mesma, em outro sentido, isso também não nos exime da responsabilidade de estudar de forma científica a vida e obra dos fundadores do socialismo científico.

Há disponível em língua portuguesa algumas dezenas de edições publicadas de diversos autores que reivindicam o marxismo de alguma maneira que apresentam de forma geral um resumo biográfico de Marx e Engels, elencando os principais acontecimentos de suas vidas e sua produção teórica. Há ainda algumas obras biográficas escritas por jornalistas que

são permeadas por clichês oriundos da propaganda burguesa. Por outro lado, as biografias de Engels e Marx publicadas em português pela Editora Avante são dois cânones para o estudo da vida destes. Em vista disso, pela necessidade de se ampliar a oferta de obras que contribuam para o estudo da vida e obra dos criadores do marxismo, o selo *Edições Nova Cultura* publica este registro do curso ministrado pelo historiador russo David Riazanov. O mérito da obra que agora editamos diante das demais é – como ressalta o próprio Riazanov – a aplicação do método materialista histórico para analisar a totalidade da vida dos fundadores do socialismo científico.

Historiador competente, Riazanov após a Revolução de Outubro, a partir de 1918, ficou encarregado de organizar os arquivos existentes sobre o marxismo. Em 1920 assumiu a direção do Instituto Marx-Engels (que a partir de 1931 se torna Instituto Marx-Engels-Lenin). Com um trabalho árduo e extenso, o Instituto recolheu centenas de originais, fotocópias, panfletos, além de uma biblioteca com mais de 450 mil livros e periódicos.

Este livro, datado de 1927, é resultado de um dos cursos ministrados por Riazanov na Academia Comunista de Moscou sobre a história do marxismo. Nas nove conferências que compõe o volume são destrinchadas as trajetórias de Karl Marx e Friedrich Engels, mas sem antes localizá-las em um contexto histórico determinado, que influenciou definitivamente a ação e a formação revolucionária de ambos. Ao longo do curso, são abordadas a formação intelectual e política, os debates travados e a fundamentação destes, a luta constante contra as concepções equivocadas dentro do movimento revolucionário, o esforço incessante para contribuir para o desenvolvimento do proletariado como força política, a ampla e

profícua obra desenvolvida na intensa colaboração intelectual entre ambos.

Em suma, o leitor encontrará nessa obra um ponto de apoio para a compreensão do processo teórico e prático ao qual passaram os dois comunistas alemães em suas vidas dedicadas à causa da revolução proletária e do socialismo científico. Como Lenin destacou com maestria em certa ocasião: “desde o dia em que o destino juntou Karl Marx e Friedrich Engels, a obra a qual os dois consagraram toda a vida converteu-se em uma obra comum. O proletariado pode dizer que a sua ciência foi criada por dois sábios, dois lutadores, cuja amizade ultrapassa tudo o que de mais comovente oferecem as lendas dos antigos”. Por isso, lançamos esta edição que acreditamos que poderá contribuir para uma compreensão à luz do materialismo histórico da trajetória política dos dois grandes mestres socialistas.

## UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA

# **MARX & ENGELS**

*Curso de marxismo da Academia de Moscou*



## Primeira Conferência

*Introdução. A Revolução Industrial na Inglaterra. A Grande Revolução Francesa e sua influência na Alemanha.*

Vou tratar um tema puramente histórico, porém ao mesmo tempo cumpro uma tarefa teórica: já que Marx e Engels, os mestres cuja história farei referência, interessam como autores da concepção materialista da história e criadores do socialismo científico, quis fazê-lo empregando o seu próprio método, aplicando essa mesma concepção.

Por mais que nosso programa destaque a importância da coletividade das massas, se a atribuímos excessivamente às vezes ao papel dos indivíduos na história e, nos últimos tempos particularmente, subordinamos um pouco o das massas, relegando às vezes, em última instância, às condições econômicas e históricas gerais que determinam a ação individual.

• • •

A personalidade de Engels se desenvolve um pouco antes da de Marx. É quase impossível encontrar na história do século XIX um homem que por sua atividade e sua obra científica tenha orientado de tal modo o pensamento e a ação de várias gerações em distintos países. Se passaram quarenta anos desde a morte de Marx<sup>1</sup>, e ainda assim, seu pensamento

---

1. Conferência proferida por David Riazanov em 1923.

não deixou de influenciar, de inspirar o desenvolvimento intelectual até nos países mais distantes, onde jamais havia se ouvido falar dele enquanto vivia.

O nome de Karl Marx é muito conhecido na Rússia. Há mais de meio século que apareceu a tradução russa de *O Capital*, porém a influência do marxismo longe de cessar, aumenta a cada ano. Nenhum historiador do futuro poderá estudar a história russa a partir de 1880 sem estudar previamente as obras de Marx e Engels: sinal do quão profundamente penetraram esses dois homens na história do pensamento socialista e do movimento operário revolucionário russo.

Eis-nos, pois, diante de duas figuras eminentes que determinaram a direção do pensamento humano. Vejamos em que condições e em que ambiente se desenvolveram.

O homem é produto de um meio histórico determinado. Um gênio que aporte uma novidade o fará sobre a base do existente. Não pode surgir do nada. Em consequência, se se quer precisar o gênio, o grau de originalidade de um homem, há de se ter pelo menos uma ideia aproximada do que já existia, do desenvolvimento alcançado pelo pensamento humano e pela sociedade no momento em que aquele começou a se formar, isto é, a sofrer influência do meio ambiente. Assim, para compreender Marx – e aplicaremos aqui, na prática, seu próprio método – será necessário considerar a influência do meio histórico sobre ele e Engels.

Marx nasceu em Tréveris em 5 de maio de 1818; Engels, no dia 28 de novembro de 1820, em Bremen, ambas cidades da Alemanha, situadas na mesma província – Renânia – banhada pelo rio Reno, que demarca a fronteira entre a

França e a Alemanha. Nasceram, pois, com dois anos de intervalo, em uma mesma província alemã, na primeira metade do século XIX.

Como sabemos, nos primeiros anos de sua existência a criança se encontra submetida a toda influência do meio familiar. A partir dos dez ou doze anos sofre a influência, mais complexa, da escola. Começa a entrar em contato com uma quantidade de fenômenos e de fatos desconhecidos no círculo estreito da família.

Já situamos Marx e Engels em um meio geográfico determinado: Alemanha. Veremos agora a que classe pertence sua origem. Antes nos referiremos à situação histórica geral pelo ano de 1830, quando crianças conscientes, Marx e Engels começaram a sofrer a influência do meio histórico e social. Os anos de 1830 e 1831 são para a Europa anos revolucionários. No primeiro, estourou na França a Revolução de Julho, que se estendeu por toda a Europa, do ocidente ao oriente, alcançando a Rússia, onde provocou a insurreição de 1831 no reinado da Polônia. Desde que Marx e Engels entraram para a vida mais ou menos consciente se encontram, pois, no redemoinho da revolução e recebem impressões deste período convulsivo. Porém a Revolução de Julho de 1830 viria a ser a conclusão de outra revolução mais considerável, cujas consequências e influências é necessário conhecer para valorar o meio histórico em que cresceram Marx e Engels.

A história do século XIX até 1830 está determinada por dois fatores essenciais: a Revolução Industrial na Inglaterra e a grande Revolução Francesa. Começa a primeira desde 1760 e dura um longo período; chega ao seu apogeu no início do século XVIII, porém se finaliza mais ou menos em 1830.

O que é a Revolução Industrial? – assim denominada por Engels.

Na segunda metade do século XVIII a Inglaterra já era um país capitalista. Possuía uma classe de operários, de proletários, ou seja, uma classe de homens privados de qualquer propriedade, sem instrumentos de produção e, por conseguinte, obrigados para sobreviver, vender como uma mercadoria sua força de trabalho; e uma classe capitalista que explorava esta classe operária. Existia também uma classe de proprietários de terras.

Não obstante, em meados do século XVIII, o capitalismo na Inglaterra se apoiava tecnicamente sobre a antiga produção manual. Não era a produção artesã, em que cada oficina contava somente com um patrão, dois ou três companheiros e alguns aprendizes; já havia cedido aquela forma seu lugar ao modo de produção capitalista e, até a segunda metade do século XVIII, se desenvolveram justamente na Inglaterra tais formas desse estágio da produção capitalista que era denominada como manufatureira. No estágio manufatureiro do desenvolvimento da produção, os capitalistas seguem explorando o operário, porém em uma escala maior, em uma oficina consideravelmente mais ampla, que não é a do artesanato.

No que diz respeito à organização do trabalho, a produção manufatureira se distingue da artesanal pelo fato de que reúne centenas de operários em um grande e único local. Qualquer seja o ofício no qual se ocupem, se estabelece entre essas centenas de homens uma perfeita divisão do trabalho com todas suas consequências. É a empresa capitalista sem máquinas, sem mecanismos automáticos, porém na qual a divisão do trabalho e, do mesmo modo, de produzir em diferentes operações parciais chega a um grau mais alto. E precisamente na metade deste mesmo século este período manufatureiro se generalizou na Inglaterra.

Mais ou menos em 1769 começam a se modificar as próprias bases técnicas da produção. As antigas ferramentas dos artesãos são substituídas por máquinas. Esta inovação se dá sobretudo no principal ramo da indústria inglesa, a têxtil. A aplicação sucessiva de uma série de invenções transforma a técnica do tecido e fiação. Não enumerarei todas essas invenções; bastará saber que até 1780 os teares, para tecer e fiar figuravam entre elas. Em 1785, Watt inventou sua máquina a vapor aperfeiçoada, que permitiu instalar as fábricas nas cidades, que até então eram estabelecidas exclusivamente nas margens das correntes de água que proviam a energia necessária. Daí as condições favoráveis para a concentração da produção. A partir de 1785 começam as tentativas para aplicar o vapor como força motriz nos diversos ramos da indústria. Porém o progresso da técnica não foi tão rápido como aparece às vezes nos textos atuais; o período desta grande revolução industrial se estende de 1760 até 1830. A máquina de fiar automática, hoje muito difundida em nossas fábricas, não esteve suficientemente aperfeiçoada até 1852; a de tecer adquiriu sua forma atual em 1813, sendo que os primeiros teares haviam sido inventados antes de 1760 (o de Cartwright em 1785), isto é, muito anteriormente a esta data.

Estamos considerando, pois, um país em que desde 70 anos atrás as invenções se sucedem sem cessar, a produção se concentra cada vez mais e as pequenas oficinas de tecido e fiar desaparecem progressivamente. Os artesãos são substituídos por proletários a cada dia em maior número. Em lugar da antiga classe de operários que havia começado a se desenvolver nos séculos XVI e XVII e que na segunda metade do XVIII representavam, todavia, uma pequena parte da população, ao fim deste século até meados do XIX, se registra

na Inglaterra uma classe considerável que impõe suas características em todas as relações sociais.

Simultaneamente com esta revolução industrial se produz certa concentração no seio da própria classe operária e também uma modificação em todas as ordens econômicas. Os tecelões e fiandeiros ficam privados de suas habituais condições de existência. No princípio, o operário manufatureiro apenas se diferenciava do artesão e do camponês, tinha confiança no futuro, sabia que estava nas mesmas condições do seu pai ou do seu avô; porém agora tudo havia mudado e haviam desaparecido as seculares relações familiares entre patrões e operários; aqueles jogavam nas ruas sem piedade dezenas e centenas de trabalhadores. Reagem estes, por sua vez, contra esta modificação tão radical, contra este transtorno em suas condições de vida. Se indignam, e sua indignação, seu ódio, se dirigem em seguida, naturalmente, contra o signo anterior desta nova revolução que atacam seus interesses, contra as máquinas, que representam para eles todo o mal. E assim, acontecem no começo do século XIX, sublevações de trabalhadores contra o emprego das máquinas e contra os aperfeiçoamentos técnicos da produção, que adquirem grandes proporções na Inglaterra até 1815, pouco depois da adoção da máquina de tecer aperfeiçoada. Por esta época o movimento afeta a todos os centros industriais, deixa de ser espontâneo, se organiza, responde a chefes e palavras de ordem. Fica conhecido na história como o movimento dos “ludistas”, segundo alguns, por causa do nome de um operário e segundo outros devido ao fabuloso general Ludda, cujas proclamações eram subscritas pelos operários. Para repeli-los, as classes dirigentes, a oligarquia dominante, recorreram as medidas mais rigorosas. Qualquer tentativa de destruição

de máquinas era castigada com a pena de morte. Inúmeros operários foram, por isso, enforcados.

Assim, se fazia necessária uma propaganda apropriada para fazê-los compreender que a causa da sua situação não estava nas máquinas, mas nas condições em que estas eram empregadas. O movimento revolucionário que se propõe fazer dos operários uma massa consciente capaz de lutar contra determinadas condições políticas e sociais, começa a se desenvolver vigorosamente na Inglaterra a partir de 1815. Não o examinarei em detalhes, porém quero assinalar que, apesar de haver iniciado neste tempo, teve precursores nos fins do século XVIII. Para compreender o papel que tiveram, é preciso estudar a situação da França, porque é difícil compreender corretamente os primeiros passos do movimento inglês sem conhecer as consequências da Revolução Francesa. Esta eclodiu em 1789 e chegou a sua fase culminante em 1793. Desde 1794 começa a declinar e acaba alguns anos mais tarde com a instauração da ditadura militar de Napoleão. Em 1799, Napoleão realiza seu golpe de estado e após ser cônsul por cinco anos, se proclama imperador e reina até 1815.

Até o fim do século XVIII, a França foi governada por uma monarquia absolutista. Na realidade, o poder pertencia a nobreza e ao clero que cediam por vantagens materiais uma parte de sua influência à burguesia financeira e comercial que começava a se constituir. A efervescência das massas populares, dos pequenos produtores, dos camponeses, dos pequenos e médios industriais que não possuíam privilégios alguns suscita um forte movimento revolucionário que obriga o poder real a fazer concessões e assim Luís XVI convoca os Estados Gerais. Enquanto lutam os dois grupos sociais representados pela classe pobre das cidades e as ordens privilegiadas, o poder cai nas mãos da pequena burguesia revolucionária e

os operários parisienses em 10 de agosto de 1792. Dominam então os jacobinos com Maximilien de Robespierre e Jean-Paul Marat. Adicionamos o nome de Georges-Jacques Danton. Durante dois anos é dono da França o povo sublevado, cuja vanguarda está na Paris revolucionária. Os jacobinos representavam a burguesia, porém levaram suas reivindicações até seu limite lógico. Não eram nem comunistas, nem socialistas. Robespierre, Marat, Danton, democratas pequeno-burgueses, assumiam o papel e a tarefa que havia de cumprir toda a burguesia: despojar a França das sobrevivências do regime feudal; criar condições políticas que permitissem a todos os proprietários desenvolver livremente suas atividades e aos pequenos proprietários procurar uma renda média com um ofício honrado ou com uma honesta exploração do trabalho alheio. Porém em sua luta pela criação dessas condições políticas e contra o feudalismo, contra a aristocracia, e principalmente contra toda Europa, que avançava sobre a França, sobre os jacobinos: Robespierre e Marat agiram como chefes revolucionários, pondo em prática métodos de propaganda também revolucionários. Para opor a força das massas populares a dos senhores ou reis, lançaram a palavra de ordem: “Guerra aos palácios, paz nos bairros!” e inscreveram em sua bandeira: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*.

As primeiras conquistas da Revolução Francesa tiveram repercussão imediata na Renânia, onde foram organizadas sociedades jacobinas. Muitos alemães foram incorporados como voluntários no exército francês, e alguns em Paris participaram de todas as sociedades revolucionárias. Grande e duradoura foi essa influência na Renânia e também no Palatinado; no começo do século XIX as tradições heroicas da revolução conservavam ainda todo seu prestígio sobre a jovem geração. O próprio Napoleão, o usurpador, em sua luta

contra a Europa monárquica e feudal se apoiou nas conquistas fundamentais da Revolução Francesa. Havia começado sua carreira militar no exército revolucionário. Os soldados franceses, descalços, esfarrapados, quase sem armas, lutaram contra as tropas regulares prussianas e venceram por seu entusiasmo, sua superioridade numérica e a arte de desmoralizar e desagregar o exército inimigo bombardeando-o com proclamações antes de dirigir-lhes as balas. Napoleão em suas guerras também recorreu a essa propaganda revolucionária. Sabia bem que os canhões são um poderoso meio de ação, porém jamais desdenhou daquele outro instrumento de propaganda que desorganiza tão bem as tropas adversárias.

A influência da Revolução Francesa se estendeu igualmente até o Leste e chegou até São Petersburgo, onde, como conta nossos velhos livros, as pessoas se abraçavam e felicitavam nas ruas ao receber a notícia da queda da Bastilha. Havia na Rússia um pequeno grupo de homens, dos quais o principal era Radichtchev, que compreendia o sentido da Revolução Francesa.

Na Inglaterra, país que então encabeçava as coalizões dirigidas contra a França, a mesma influência se fez sentir não somente entre os elementos pequeno-burgueses como também na numerosa população operária gerada pela Revolução Industrial. A primeira organização operária revolucionária surgiu na Inglaterra precisamente entre os anos 1791 e 1792. Foi batizada como “Sociedade de Correspondência” para enganar a lei inglesa que proibia que as sociedades das distintas localidades se ligassem organicamente. Ao fim do século XVIII, a Inglaterra, que já havia passado por duas revoluções, uma na metade e outra no encerrar do século XVII, se regia constitucionalmente. Considerava-se como o país mais livre;

permitia-se ali o funcionamento de clubes e sociedades, porém sem direito de se vincularem entre si. Burlando essa proibição, os operários organizaram onde puderam aquelas sociedades de correspondência, que se relacionavam por cartas. A de Londres era dirigida por Tomás Hardy, um sapateiro escocês, de origem gaulesa. Atraiu e organizou um grande número de operários, os quais pagavam uma reduzida quota de ingresso. A sociedade organizava encontros e assembleias. A maioria eram artesãos, sapateiros e alfaiates, o que se explica pelo efeito desagregador que sobre a antiga produção manufatureira havia começado a exercer a Revolução Industrial a qual já fiz referência.

Vou dar outro nome ligado a história posterior do movimento tradeunionista inglesa: Francis Place, alfaiate de ofício. Citarei também, dentre outros artesãos membros de sociedades de correspondência, o sapateiro Holcruft, poeta, publicista e orador talentoso, que teve destacada atuação nas consequências do século XVIII.

Duas ou três semanas depois da proclamação da República na França (em 10 de agosto de 1792), a sociedade de Hardy, por meio do embaixador francês em Londres, enviou secretamente à Convenção uma mensagem de simpatia. Esta saudação, uma das primeiras manifestações de solidariedade internacional, produziu grande impressão do proceder do povo inglês, cuja classe dominante dedicava a França então a mais viva hostilidade, e a Convenção a retribuiu por resolução especial.

Tomando como pretexto as relações que sustentava com os jacobinos franceses, a oligarquia inglesa empreendeu perseguições contra as referidas sociedades. Contra Hardy e muitos dos seus companheiros foi iniciada uma série de pro-

cessos. Ao analisar os discursos dos procuradores em que interviram, se vê como os grupos capitalistas ingleses tentaram retirar da França revolucionária suas colônias na Ásia e na América.

O temor de ver destruída sua dominação, fez com que a oligarquia inglesa tomasse medidas contra o então nascente movimento operário. As sociedades, as uniões que os elementos burgueses, as pessoas acomodadas, estava até então, autorizados a fundar, e por isso era impossível até então negar a autorização aos artesãos, foram proibidas em 1800.

Em 1799 uma lei especial proibiu toda associação de operários na Inglaterra e desde então até 1824 a classe operária do país esteve privada do direito de reunião e de associação.

Voltemos agora a 1815. O movimento dos “ludistas”, cuja intenção exclusiva era destruir as máquinas, foi transformando-se em uma luta mais consciente. Novas organizações revolucionárias se propuseram a obter a modificação das condições políticas da classe operária, exigindo em primeiro lugar o direito de reunião e associação e a liberdade de imprensa. O ano de 1817 começou com uma luta encarniçada que, em 1819, provocou em Manchester, centro da indústria algodoeira, o célebre combate de Peterlow. Fortes esquadrões da cavalaria oprimiram os operários e em consequência da luta morreram dezenas de homens. O rei da Inglaterra felicitou os valentes cossacos que haviam vencido os trabalhadores desarmados, como em outro tempo Nicolau III aclamou aos bravos *fanagoritsy* que haviam aberto fogo contra os operários de Iaroslav.

Foram tomadas novas medidas rigorosas contra a classe operária, conhecida com o nome de “Seis Pontos”. Es-

tas perseguições não fizeram mais que fortalecer o movimento, principalmente a Place, que ainda já se tornara um rico industrial, não havia deixado de se relacionar com os radicais da Câmara dos Comuns, os operários ingleses conseguiram a famosa lei de coalizção. Desde então o movimento conquistou uma base legal para a criação de organizações destinadas a defesa contra a opressão dos industriais, a conquista de melhores condições de trabalho e salários mais elevados. O tradeunionismo começa a se desenvolver e em seu seio se formaram sociedades políticas com o fim de conquistar o sufrágio universal.

Na França, enquanto isso, com a caída de Napoleão em 1815 e o restabelecimento da antiga monarquia dos Bourbons com Luís XVIII, segue a época de restauração que dura 15 anos. Recuperado o trono com a ajuda estrangeira, de Alexandre I em particular, Luís XVIII fez uma série de concessões aos grandes proprietários de terras que haviam sofrido as consequências da revolução. Era impossível restituir-lhes suas terras, posto que seria necessário expulsar os camponeses, porém lhes foi pago uma fabulosa soma de francos.

O poder real se esforçava para conter o desenvolvimento do novo regime social e político e deixar sem efeito, em tudo que fosse possível, as concessões que fora obrigado a fazer. A luta entre liberais e conservadores prosseguiu sem interrupção e conduziu finalmente a uma nova revolução que eclodiu em julho de 1830.

A Inglaterra, que ao fim do século XVIII, havia visto se fortalecer o movimento operário com raízes na Revolução Francesa, sob a influência desta, volta a contemplar um novo avanço revolucionário, que começa com uma campanha em favor da extensão do sufrágio, a qual somente tinha direito uma parte ínfima da população. Os proprietários de terras

exerciam o domínio e, por conseguinte, na Câmara dos Comuns. Os partidos dirigentes, os “whigs” e os “tories”, que representavam, em resumo, as diferentes frações da aristocracia proprietária de terras, se viram forçados a fazer certas concessões. O mais liberal de ambos, os “whigs”, que considerava necessária a reforma eleitoral, ganhou terreno. Porém a burguesia industrial conseguiu somente para si o direito ao voto. Ante a traição desta burguesia liberal, que se aliou ao antigo membro da sociedade de correspondência Place, os trabalhadores, depois de várias tentativas infrutíferas, organizaram em 1836 sua sociedade em Londres, dirigida por talentosos operários, entre os quais William Lowett e Henry Haseington. Em 1837, Lowett e seus camaradas formularam pela primeira vez as reivindicações políticas fundamentais da classe operária. Se propõe organizar os trabalhadores em um partido especial com seu programa político, não em um partido de classe, adversário de todos os outros partidos burgueses, mas sim em um partido que junto aos demais, aspira ter influência e participar da luta política como partido político da classe operária sob o regime burguês. Partidos operários desta natureza ainda existem atualmente na Austrália e Nova Zelândia. Não tem por objetivo a transformação radical das condições sociais, e com frequência até se unem estreitamente com a burguesia para assegurar aos operários determinada influência na máquina governamental.

O documento no qual Lowett e seus companheiros declararam as pretensões dos operários recebeu o nome de “Carta” e o seu movimento de “cartista”. Com estas seis reivindicações se iniciou o cartismo: sufrágio universal, parlamento anual, voto secreto, imunidade parlamentar, divisão do país em circunscrições eleitorais iguais, supressão da taxa eleitoral para os deputados. Começou, como vimos, em 1837.

Marx tinha 19 anos e Engels, 17. Foi a mais alta expressão alcançada pelo movimento operário no momento em que Marx e Engels tornavam-se conscientes.

A Revolução de Julho de 1830 não havia instaurado na França uma república, mas uma monarquia constitucional em cuja cabeça figurava o chefe dos Orleans que, durante a grande Revolução Francesa e mais tarde na Restauração, havia combatido os Bourbons. Luís Felipe foi o representante típico da burguesia; sua preocupação pela economia provoca a admiração dos pequenos comerciantes de Paris.

A monarquia de julho outorgou a liberdade à burguesia industrial, comercial e financeira para permitir-lhes enriquecer mais rapidamente, e dirigiu seus golpes contra a classe operária, na qual já se manifesta, ainda que de forma débil, uma tendência à organização. Nos anos subsequentes à revolução, as sociedades revolucionárias eram compostas principalmente por estudantes e intelectuais: os operários eram uma exceção nelas. Porém respondendo a traição da burguesia, uma insurreição operária eclode em 1831 nas tecelagens de Lyon. Durante vários dias os operários têm a cidade em seu poder. Não fazem reivindicação política alguma. Levantam apenas a palavra de ordem: "Viver trabalhando ou morrer combatendo". Finalmente são vencidos e submetidos à terríveis represálias. Em 1834, outra vez em Lyon, surgiu uma nova revolta. Sua importância foi mais considerável do que a da Revolução de Julho. Enquanto esta se baseava nos elementos pequeno-burgueses democráticos principalmente, a dupla insurreição lyonesa revelou pela primeira vez a importância revolucionária do elemento operário que, ainda que em somente uma sociedade, levantava a bandeira da rebelião contra toda a burguesia, demonstrando claramente os problemas de sua classe. Porém o proletariado de Lyon não atacava as

reais bases do regime burguês, ainda que suas reivindicações fossem dirigidas contra os capitalistas.

Surgido em cena como nova classe revolucionária, o proletariado tenta nesta época organizar-se na Inglaterra; e na França, após os sucessos de Lyon, começaram as primeiras tentativas de sua organização revolucionária.

A figura de destaque deste movimento foi August Blanqui, um dos maiores revolucionários franceses. Havia tomado parte na Revolução de Julho. Sob a influência das insurreições lyonesas, que mostraram que o elemento mais revolucionário estava representado pelos operários, Blanqui começa junto com seus companheiros a construir sociedades revolucionárias entre os operários de Paris, nas quais participam, como nos tempos da grande Revolução Francesa, homens de outras nacionalidades: alemães, belgas e suíços.

Decididos a tomar o poder político com um só golpe e aplicar, em seguida, uma série de medidas em favor da classe operária, realizam em maio de 1839, em Paris, uma audaz tentativa de insurreição que, desde logo, é abortada, porém custa a Blanqui uma condenação à morte, comutada para prisão perpétua, e um sério desgosto a seus companheiros alemães. Entre estes mencionarei Chapper, nome que voltaremos a ouvir posteriormente. Obrigado a sair da França com alguns camaradas, chega em fevereiro de 1840 a Londres, onde organizada uma sociedade operária de educação.

Nesta época, quando o movimento operário revolucionário chegava ao seu auge, Marx e Engels, tinha 22 e 20 anos, respectivamente.



## Segunda Conferência

*O movimento revolucionário na Alemanha até 1830. Renânia: a adolescência de Marx e de Engels. Os trabalhos literários de Engels. Marx, redator da 'Gazeta Renana'.*

Vejam a situação da Alemanha após 1815, terminadas as guerras napoleônicas, guerras em que tomaram parte, além da Inglaterra, a França, a Rússia, aliada dos alemães e dos austríacos. No Congresso de Viena, que decidiu a sorte da Europa, Alexandre I desempenhou o papel principal. A paz de Viena não foi melhor para a Europa do que foi a de Versalhes, no final da última guerra imperialista. Por ela, a França foi despojada de todas suas conquistas territoriais do período revolucionário. As colônias francesas foram entregues à Inglaterra. Alemanha, que esperava sua unidade por meio desta guerra de libertação, se cindiu definitivamente em duas partes: Alemanha do Norte e Áustria.

Imediatamente após 1815 surgiu entre os intelectuais e estudantes da Alemanha um movimento que tencionava essencialmente a restaurar a unidade do país. O inimigo principal então era a Rússia, que, em seguida ao Congresso de Viena, constituiu com Alemanha e Áustria a Santa Aliança, destinada sobretudo a sufocar as aspirações revolucionárias. Alexandre I e o imperador da Áustria foram os fundadores oficiais desta instituição; na realidade seu criador foi Metternich, diretor da política austríaca. Mas como se considerava que a Rússia era o principal foco da reação, o movimento ilegal dos intelectuais e estudantes alemães, cujo propósito era propagar a cultura e a instrução entre o povo para prepará-lo no

sentido da unificação do país, teve desde o princípio uma orientação anti-russa. Foram fundadas numerosas sociedades com este caráter, entre as quais de destacaram especialmente os círculos universitários de Jena, de Hesse, etc.

Em 1819, um estudante, Karl Sand, matou o escritor alemão August von Kotzebue, considerado, não sem razão, como um espião russo. Este ato terrorista, que produziu uma grande impressão na Rússia, onde Sand se tornou uma figura exemplar para a maior parte dos futuros dezembristas, proporcionou a Metternich e aos governos alemães o pretexto para exercer a repressão contra os intelectuais, porém as sociedades de estudantes, longe de desaparecer, se fortaleceram e pouco a pouco constituíram as organizações revolucionárias.

Nosso movimento dezembrista, que levou a cabo uma tentativa infrutífera de insurreição armada em 14 de dezembro de 1825, não é um movimento isolado de intelectuais russos, mas se desenvolveu sob a influência do movimento revolucionário dos intelectuais da Polônia, Áustria, França e Espanha. Corresponde a uma corrente literária especial, cujo representante mais importante e mais típico foi, de 1818 a 1830, o jornalista alemão Ludwig Börne, de origem judaica, que teve igualmente uma grande influência sobre o desenvolvimento do pensamento político alemão. Verdadeiro democrata político, se interessou pouco pela questão propriamente social, convencido de que se poderia reparar tudo e melhorar tudo concedendo ao povo a mais completa liberdade política.

A Revolução de Julho de 1830 teve uma repercussão considerável em toda a Europa e, particularmente em algumas regiões da Alemanha, foi a origem de convulsões e insurreições, mas como o movimento carecia de raízes profundas entre as massas, bastaram algumas concessões para que o governo

triunfasse. A derrota da insurreição polonesa de 1831, consequência direta da Revolução de Julho, obrigou a muitos revolucionários poloneses buscar refúgio na Alemanha, a fim de escapar das perseguições do governo czarista. Este fato aumentou o ódio dos intelectuais alemães contra a Rússia e, de igual modo, a simpatia pela Polônia escravizada.

A Revolução de Julho e a insurreição polonesa provocaram uma série de movimentos revolucionários, nos quais nos é conveniente dar mais atenção. Recordemos os fatos que de uma ou outra maneira puderam influir sobre Marx e Engels. Em 1832, o movimento revolucionário da parte sul da Alemanha está concentrado no Palatinado, região que como a Renânia esteve por longo tempo nas mãos da França, sendo restituída à Alemanha somente em 1815. A Renânia passou então ao poder da Prússia e o Palatinado foi incorporado à Baviera, onde a reação não era menos violenta do que na Prússia. Habitados a uma relativa liberdade sob o regime francês, os habitantes da Renânia e do Palatinado deviam naturalmente opor resistência ao regime ao qual agora estavam sujeitos. Cada empurrão do movimento revolucionário francês fortificava suas tentativas de luta de oposição. Em 1831, este movimento se difunde amplamente entre os intelectuais liberais no Palatinado. Os advogados Wirth e Siebenpfeifer organizam em Hambach, em 1832, uma grande festa, na qual uma série de oradores, entre eles Börne, proclamaram a necessidade de uma Alemanha livre e unificada. Entre eles se encontrava um jovem operário, Johann Philipp Becker, de 23 anos, cujo nome encontramos na história do movimento revolucionário europeu. Becker, que manteve relações estreitas com várias gerações de revolucionários russos, de Bakunin até Plekhanov, demonstrava aos intelectuais que não deviam limitar-se à agi-

tação, que era preciso preparar a insurreição armada. Revolucionário de grande capacidade, chegou a se tornar escritor, mas nunca um teórico eminente; representou ante tudo o tipo de revolucionário pragmático. Depois da reunião de Hambach permaneceu alguns anos na Alemanha ocupado nos trabalhos de agitação e propaganda e organizando a fuga de alguns prisioneiros revolucionários. Em 1833, estando ele mesmo na prisão, seu grupo efetuou um ataque armado contra a guarnição de Frankfurt, cidade na qual se reunia naquele momento a dieta da Confederação Germânica. Os estudantes e operários filiados a este grupo estavam persuadidos de que uma insurreição vitoriosa nessa cidade causaria forte impressão na Alemanha, porém fracassaram. Karl Schapper, que então trabalhava na Alemanha, participou energicamente na insurreição; depois da derrota se refugiou na França. Todo o movimento revolucionário se concentrou precisamente nas regiões que durante muito tempo havia ficado sob a dominação francesa.

Um movimento revolucionário se produziu também no principado de Hesse, encabeçado pelo pastor Weidig, partidário convicto da liberdade política e da unificação da Alemanha. Weidig organizou uma imprensa clandestina, onde imprimia seus discursos e fazia esforços para agrupar os intelectuais ao seu redor. Entre esses últimos, um dos que mais ativamente participaram no movimento foi Georg Büchner, autor do drama *A Morte de Danton*. Persuadido da necessidade de conquistar as simpatias da massa rural, fundou para os camponeses de Hesse um jornal especial de propaganda, que foi o primeiro ensaio deste gênero. O jornal que era impresso na gráfica clandestina de Weidig, teve uma existência efêmera: deixou de ser publicado em 1835. Seus organizadores foram presos, e Büchner, que pode fugir das perseguições,

se refugiou na Suíça, onde morreu pouco tempo depois. Enquanto Weidig (parente próximo de Wilhelm Liebknecht, quem, ainda criança, certamente deve ter ficado profundamente impressionado por tais acontecimentos), foi encarcerado e submetido a castigos corporais.

Uma parte dos revolucionários que Becker ajudou a fugirem, entre eles Karl Schapper, que se evadiu antes da insurreição de Frankfurt, junto a Theodore Schuster, estabeleceram-se em Paris, onde fundaram uma sociedade secreta: *A Liga dos Proscritos*. Sob a influência de Schuster e dos operários alemães que estavam em Paris, a corrente socialista se esforçou notavelmente dentro da sociedade e finalmente gerou uma cisão. Uma parte dos seus membros, dirigidos por Schuster, funda a *Liga dos Justos*, que subsistiu por três anos, cujos aderentes participaram da insurreição de Blanqui e, como os blanquistas, foram encarcerados. Ao recobrar a liberdade, Schapper e seus camaradas se dirigiram a Londres, onde criaram uma sociedade de educação operária que se transformou logo em seguida em sociedade comunista.

Nesta época, os intelectuais alemães sofriam, além da de Börne, a influência de diversos escritores, entre os quais o mais eminente era Heinrich Heine, poeta e publicista. Suas correspondências de Paris, o mesmo que as de Börne, influíram na formação da juventude alemã.

Nativos, Heine e Börne, um do Palatinado e o outro da Renânia, ambos eram judeus. Marx também era originário da Renânia e judeu. Em que medida a origem judaica influiu em seu desenvolvimento?

Na história do socialismo alemão quatro judeus, Marx, Lassalle, Heine e Börne desempenharam um papel muito importante. Poderia citar outros, porém falo aqui os mais importantes. É incontestável que a origem judaica de Marx e de

Heine exerceu certa influência na direção do seu desenvolvimento político. Os estudantes se levantavam contra a opressão política e social que reinava na Alemanha, porém os intelectuais judeus sentiam mais fortemente seu jugo. Basta ler os artigos em que Börne descreve as humilhações da censura e fustiga aos filisteus da Alemanha daquele tempo para compreender que qualquer um, por pouco esclarecido que fosse, deveria protestar fortemente contra estas condições de vida, particularmente insuportáveis para os judeus. Börne passou toda sua juventude no bairro judeu de Frankfurt e o regime medieval que ali ainda se mantinha o marcou, como havia feito a Heine, profundamente.

Marx não estava em iguais condições; daí alguns dos seus biógrafos tenham negado quase inteiramente a influência do meio judeu sobre ele.

Seu pai, Heinrich Marx, advogado de profissão, homem culto e livre de preconceitos religiosos, era grande admirador da literatura filosófica do século XVIII e induziu a seu filho ler as obras de escritores como Locke, Voltaire e Diderot. Locke, um dos ideólogos da segunda revolução inglesa, era na filosofia, adversário do inato; sustentava que o homem não possui ideias inatas; que toda ideia, que todo pensamento, é produto da experiência e da educação. Os materialistas franceses seguiam seu caminho e demonstravam que nada existe na inteligência do homem que não seja antes de tudo, sensação, que não passe pelos sentidos. Da mesma forma, não reconheciam a existência de nenhuma ideia inata.

Apesar do pai de Marx não praticar nenhuma religião, em 1824 adotou o cristianismo. Em sua biografia de Marx, Mehring procura demonstrar que esse ato de Heinrich Marx foi uma tentativa de entrada na alta sociedade cristã. Há nisso

uma parte de verdade, porém Heinrich Marx realizou sua conversão, sobretudo, para escapar as novas humilhações as quais os judeus estavam expostos desde a incorporação da Renânia à Prússia. Mesmo Marx, ainda que não estivera espiritualmente ligado a tal meio, se interessou muito em sua juventude pela questão judaica e manteve relações com a comunidade judaica de Tréveris. Neste tempo os judeus elaboravam frequentes petições para solicitar a revogação de diversas medidas vexatórias. A pedido dos seus parentes próximos e da comunidade de Tréveris, Marx, então com 24 anos, escreveu uma dessas petições.

Assim, pois, de nenhum modo desdenhava Marx a seus antigos correligionários; lhe interessava a questão judaica e participava da luta por sua emancipação. Isto não o impedia fazer uma clara distinção entre os judeus pobres e os endinheirados, ainda que, verdade seja dita, havia poucos judeus ricos na região onde Marx vivia: a aristocracia judaica estava concentrada em Hamburgo e em Frankfurt.

Tréveris, local de nascimento de Marx e onde muitos dos seus antepassados foram rabinos, se encontra na Renânia, província de uma intensa vida industrial e política. Hoje, é uma das regiões mais industrializadas da Alemanha. Nela estão contidas as cidades Solingen e Remscheid, conhecidas por seus artigos de aço, assim como Bremen e Elberfeld, centros da indústria têxtil. Tréveris, onde Marx vivia, era uma cidade medieval que havia, no século X, desempenhado um papel considerável e sido, ao lado de Roma, um dos centros do cristianismo. Era igualmente industrial e durante a Revolução Francesa foi palco de um forte movimento revolucionário. Possuía curtumes e fábricas de tecidos, porém a indústria manufatureira estava escassamente desenvolvida em comparação com o norte da Renânia, onde se encontravam os centros

metalúrgicos e da indústria algodoeira. Situada em uma região vinícola, com sobrevivências da antiga comunidade rural, e sendo seus camponeses pequenos proprietários, vicultores amantes da alegria e do bom vinho. Tréveris conservou até certo ponto os costumes de uma cidade medieval. Interessado então pela situação dos camponeses, Marx realizava excursões nas cidades dos arredores e documentava prolixamente sobre sua vida. Os artigos que publicou alguns anos mais tarde demonstram um conhecimento perfeito dos detalhes da vida rural, do regime da propriedade da terra e dos procedimentos de cultivo dos camponeses do vale do Mosela.

No colégio, como particularmente comprova um atestado de um dos seus professores em um dos seus trabalhos, Marx era um dos mais brilhantes alunos. Por encargo do seu professor, escreveu um texto sobre a escolha da profissão pelos jovens, no qual demonstra que não podem escolhê-la livremente, porque as condições de nascimento do homem pré-determinam sua profissão, assim como, em sentido geral, sua concepção de mundo. Aqui se pode ver o embrião da concepção materialista da história. Porém há que o considerar unicamente como a prova de que Marx, já em sua juventude e sob a influência do pai, estava imbuído das ideias do materialismo francês, mas que somente que estas ideias eram expostas de uma forma especial.

Aos 16 anos de idade, Marx saiu do colégio e em 1836 ingressou na universidade, em uma época em que as revoltas revolucionárias haviam cessado e reinava uma relativa calma na vida universitária.

Para ser melhor compreendido, farei referência ao movimento revolucionário russo. O empurrão revolucionário da oitava década persiste até 1883-1884, cujo momento se vê

com toda clareza quando a antiga *Narodnaia Volia* foi aplastada. Os anos de 1886-1889, especialmente depois do atentado do 19 de março contra Alexandre III, são, nas universidades, anos de intensa reação, nos quais o movimento revolucionário se interrompe completamente. As pessoas com a minha idade – aquelas que, claro, não perderam o sentimento revolucionário – passaram a se ocupar do trabalho científico de forma temporária, dedicadas exclusivamente ao estudo das causas da derrota do movimento revolucionário.

Um período semelhante transcorreu na Alemanha quando Marx entrou na universidade. Nela se dedica a estudos conscienciosos. Possuímos sobre essa época de sua vida um documento interessante: uma carta na qual fala a seu pai como se faz a um amigo íntimo, na qual expõe sem rodeios seus ideais. Heinrich Marx apreciou e compreendeu muito bem a seu filho, sendo suficiente ler sua resposta para ajuizar sua elevada cultura.

No espírito do seu tempo, Marx buscava as concepções e as doutrinas que lhe permitissem fundamentar teoricamente o ódio que já nutria contra o regime político e social dominante. Mais tarde, estudarei essa questão em detalhe; direi, entretanto, que, em sua busca, Marx adota a filosofia hegeliana sob a forma que lhe deram os “jovens hegelianos”, que haviam rompido radicalmente com todos os preconceitos e tirado desta as deduções mais radicais no aspecto político e nas relações civis e religiosas. Em 1841, Marx finalizou seus estudos universitários e obteve o diploma de doutor em filosofia, precisamente na época em que Engels ficou sob a influência dos jovens hegelianos.

Engels nasceu em Barmen, cidade situada ao norte da Renânia, o centro da indústria do algodão e da lã, próxima de Es-

sen, que mais tarde chegaria a ser o centro da indústria metalúrgica. Engels era de origem alemã e pertencia a uma família abastada. Se examinarmos os antecedentes da família Engels, vemos que ocupa um lugar honrável entre as famílias de comerciantes e indústrias da Renânia. Até tinha o seu brasão. E como se fosse para acentuar o desenvolvimento pacífico da vida de Engels, suas tendências pacifistas, esse brasão era ornamentado por um anjo com um ramo de oliveira, escudo com o qual Engels entra na vida. Provavelmente seus antepassados escolheram este brasão porque Engels significa “anjo” em alemão. A família de Engels remonta ao século XVI, o que quer dizer que é uma família arraigada. No que concerne à família de Marx, ninguém se ocupou em estabelecer seus antecedentes e é até difícil saber sobre seu avô com exatidão. Se sabe somente que Marx provinha de uma família de rabinos. Sobre a origem da de Engels existem duas versões. Segundo certos dados, Engels seria descendente distante do francês Ange, huguenote refugiado na Alemanha. Porém seus parentes atuais negam tal antecedente e procuram provar sua origem puramente alemã. De qualquer forma, no século XVII a família Engels já era uma antiga família fabricante de tecido, cujos descendentes se fizeram produtores de tecidos de algodão, pessoas endinheiradas e com fortes tendências internacionais. Com seu amigo Ermen, o pai de Engels fundou uma fábrica de tecidos em sua pátria e outra em Manchester, transformando-se em um burguês anglo-alemão. Professava a religião protestante e pertencia à confissão evangélica. Remonta evidentemente aos antigos calvinistas que uniam uma fé profunda à convicção não menos profunda em ganhar dinheiro e acumular capital para a produção e para o comércio. Em sua vida privada era um homem religioso, fanático, que emprega todas as horas ociosas em reflexões piedosas. De tal

modo, se estabeleceram entre Engels e seu pai relações diametralmente opostas as de Marx e o seu progenitor. Logo cedo as ideias de Engels provocaram conflito com seu pai. Com a intenção de fazer do seu filho um comerciante, o educou em tal sentido; aos 17 anos o enviou a Barmen, uma das cidades de maior comércio na Alemanha, onde o jovem Engels ficou três anos empregado em um escritório comercial. As cartas aos seus amigos do colégio mostram com se esforçou para eliminar a influência de tal meio. Religioso ao chegar a Barmen, logo fica sob a influência de Börne e Heine. Começou a escrever aos 19 anos, e com seus primeiros trabalhos se colocou entre os livres pensadores democratas da Alemanha. Seus primeiros artigos, assinados com o pseudônimo "Oswald", com os quais atraem a atenção pública, atacam o meio social no qual passou sua infância. Suas cartas de Wupperthal (o nome do vale de Wupper no qual estão situadas as cidades de Bremen e Elberfeld) causaram forte impressão. Se notava que o autor havia sido educado nessa região e que conhecia a todos seus homens mais notáveis. Em Barmen, Engels se despiu de todos os preconceitos religiosos e chegou a ser uma espécie de jacobino francês tardio.

Até 1841, quando tinha por volta de 20 anos, Engels, na qualidade de filho de rico industrial, entrou como voluntário na artilharia da guarda de Berlim. Ali é onde se vincula com o círculo dos jovens hegelianos que Marx também frequentava. Com eles participa da luta contra os velhos preconceitos e da mesma forma que Marx adere a tendência mais radical da filosofia hegeliana. Porém enquanto Marx fica, por assim dizer, em seu gabinete de trabalho e se prepara para a carreira universitária, Engels, que começou a escrever em 1839, em 1842, já ocupa, sob seu pseudônimo, um lugar des-

tacado no jornalismo e participa ativamente na luta ideológica que se desenvolve entre os adeptos dos velhos e dos novos sistemas filosóficos.

Quero chamar atenção particularmente sobre os anos 1841 e 1842, que são os anos em que vários russos de Moscou viviam na Alemanha. Estão ali, entre outros, Bakunin, Ogarev e Frolov, que estavam mais ou menos em condições parecidas de entusiasmo de Marx e Engels por esta mesma filosofia. Isso pode ser visto pelo seguinte episódio: em 1842, Engels escreveu uma violenta crítica da filosofia do adversário de Hegel, Schelling, que havia sido convidado pelo governo da Prússia a mudar-se para Berlim e assim opor sua filosofia a de Hegel, na qual se esforçava para conciliar o Evangelho com a ciência. As opiniões que Engels tinha então se assemelhavam as expostas por Bielinsky e Bakunin em seus artigos desta época, cujo folheto que critica a Filosofia da Revelação de Schelling era atribuído a Bakunin até então. Agora sabemos que não foi escrito por ele, porém a argumentação, as expressões, as provas empregadas para demonstrar a superioridade da teoria hegeliana, se parecem tanto as de Bakunin que não é surpreendente que inúmeros russos tenham considerado como se fosse sua.

Em 1842, Engels tinha 22 anos, com a sorte de desde cedo ser um escritor democrático, radical, completamente formado. Como ele mesmo disse, descrevendo-se em um poema furtivo, era um ardente jacobino, e sob este aspecto recordam fortemente a alguns alemães que se somaram a Revolução Francesa. Segundo suas próprias palavras, a *Marseillaise* está constantemente em seus lábios e reivindica, por último, a guilhotina. Tal era Engels em 1842. Marx havia alcan-

çado mais ou menos o mesmo grau de desenvolvimento intelectual. Nesta mesma data se descobrem trabalhando com um mesmo propósito.

Finalizados seus estudos universitários e doutorado em abril de 1842, Marx se propôs, desde o primeiro instante, a ocupar-se da filosofia e da ciência, porém renunciou a este propósito quando seu professor e amigo, Bruno Bauer, que era um dos líderes dos jovens hegelianos e criticava violentamente a teologia oficial, foi privado do direito de ensinar na universidade. Justamente em tal ocasião, Marx foi convidado a colaborar em uma nova publicação. Os representantes da burguesia comercial e industrial mais radical da Renânia, Kamphausen e outros, resolveram fundar seu órgão político. O jornal mais influente da Renânia era o *Koelnische Zeitung* – e Köln era então o maior centro industrial da região – publicação que adulava o governo. A burguesia radical queria opor a isto seu próprio órgão, a fim de defender seus interesses econômicos frente ao feudalismo. Além de Kamphausen, o construtor de ferrovias Mevisson desempenhava um papel considerável na região. Ambos dispunham de dinheiro, porém faltava-lhes colaboradores. Acontecia o que se produziu mais tarde na Rússia: um bom número de jornais criados por capitalistas caíram nas mãos de um grupo determinado de literatos. Assim ocorreu antes e depois de 1905 e igualmente durante a guerra; industriais independentes forneciam fundos a um grupo de escritores. Assim, na Renânia, alguns jovens filósofos e literatos tomaram a direção do jornal fundado pelos industriais. Destes escritores, foi Moses Hess, mais velho que Marx e Engels, que desempenhou o papel principal. Era, como Marx, judeu, porém desde cedo havia se distanciado do seu pai, homem bastante rico. Com a adesão ao movimento liber-

tador na sequência de 1830, começou a demonstrar a necessidade da união nas nações mais avançadas para assegurar a conquista da liberdade política e cultural. Já em 1842, antes de Marx e Engels, Hesse, sob a influência do movimento comunista francês, tornou-se comunista. Com alguns dos seus camaradas foi o redator mais eminente da *Gazeta Renana*.

Marx vivia então em Bonn, e durante longo tempo não foi senão um colaborador que enviava periodicamente seus artigos. Somente pouco a pouco conquistou o primeiro posto do jornal, dirigido por Hess, com seus dois camaradas Oppenheim e Rutenberg (este último era amigo de Marx, recomendado à redação). Assim, pois, ainda que a *Gazeta Renana* fora editada às costas da burguesia industrial da região, era, ao mesmo tempo, o órgão do grupo mais radical dos escritores de Berlim, a qual pertenciam Marx e Engels.

No outono de 1842, Marx fixou residência em Köln e imediatamente deu ao jornal uma nova orientação. Contrariamente a seus amigos de Berlim e a Engels, insistia Marx em travar uma luta mais radical, porém não sob uma forma demasiadamente barulhenta, contra as condições políticas e sociais existentes. Assim se manifesta a influência das condições distintas em que se formaram Marx e Engels, e em particular o fato de que Marx não havia conhecido a opressão religiosa, jugo intelectual ao qual em sua juventude Engels esteve submetido. Por isso Marx se apaixonava menos por uma luta religiosa e não considerava necessário dedicar todas as forças a uma crítica violenta antirreligiosa. Preferia uma polêmica aprofundada a uma demasiadamente ampla, o que considerava necessário para conservar o jornal e dispor assim deste órgão. Engels – e isto é uma característica de toda sua produção juvenil – estava mais próximo do grupo que queria

uma luta aberta mais vigorosa contra a religião. Esta diferença entre Marx e Engels, diga-se de passagem, lembra a que existiu nos fins de 1917 e início de 1918 em nosso meio, quando alguns camaradas reclamavam a luta imediata contra a igreja. Outros, pelo contrário, estimavam que isto não era o mais urgente e que tínhamos tarefas de maior importância. Parecidas divergências existiam entre Marx e Engels e outros jovens publicistas, seus companheiros. Esta polêmica é expressada nas cartas que Marx escreveu como redator a seus velhos camaradas de Berlim.

Os biógrafos de Marx concordam que seu primeiro encontro com Engels na redação da *Gazeta Renana* foi bastante frio. Engels, que havia sido um dos correspondentes em Berlim, esteve em Köln antes de sua partida para a Inglaterra. É possível que então tivera uma explicação de Marx, que defendia sua tática e havia abordado claramente a questão dos trabalhadores. Criticava durante as leis que proibiam o aproveitamento comunal da lenha e advogavam o direito de retirá-la dos bosques, demonstrando que tais leis eram obras dos proprietários do solo que empregavam todo seu poder na exploração dos pequenos camponeses e para elaborar decretos que os transformavam em criminosos. Publicou na *Gazeta Renana* vários artigos sobre a situação, por ele bem conhecida, dos camponeses do Mosela, que suscitaram uma encalorada polêmica entre ele e o prefeito da Renânia.

As autoridades locais pressionaram então por meio de Berlim e o jornal foi submetido a uma dupla censura. Como Marx era a alma da redação, foi exigido que ele fosse deposto do cargo. O novo censor admirava grandemente a este brilhante e inteligente publicista que iludira habilmente a censura, porém seguiu a denúncia, e agora não só a redação, mas

também ao grupo de acionistas que sustentavam o jornal foram afetados. Estes últimos começaram a inquietar-se e pediram a Marx que fosse mais prudente, para evitar questões desagradáveis. Marx se negou a cumprir tal pedido. Provou que toda tentativa de moderação não conduziria a lugar algum, que o governo não reduzirá sua agressividade. Por fim, entregou sua demissão como redator e abandonou o jornal, mas este fato não foi capaz de salvar a publicação, que logo após foi definitivamente aplastada.

Marx saiu do jornal completamente modificado. Quando ingressou era um democrata liberal; ainda que um democrata que se interessava pelos assuntos econômicos fundamentais ligados a situação social e econômica dos camponeses. Agora, Marx, que até então se dedicara exclusivamente à filosofia e à jurisprudência, passava a se ocupar cada vez mais em um maior grau dos problemas econômicos e de diversas questões concretas.

Marx sustentou naquele tempo uma polêmica com um jornal conservador a propósito de um artigo de Hess, que foi quem, em 1842, converteu Engels ao comunismo. Respondeu, em resumo, a este jornal: “Vocês não têm direito de atacar o comunismo. Não conheço o comunismo, porém uma vez que o comunismo tenha assumido a defesa dos oprimidos, não pode ser combatido com tanta rapidez. Antes de condená-lo é preciso ter conhecimento completo e exato desta corrente”. Quando abandonou a *Gazeta Renana*, Marx não ainda comunista, mas um homem a quem interessava o comunismo como tendência, como filosofia concreta. Com seu amigo, Arnold Ruge, chegou à conclusão de que seria absolutamente impossível realizar na Alemanha a propaganda política e social que lhes interessava, e resolveu mudar-se para Paris para editar os *Anais Franco-Alemães*. Com este nome, de oposição

aos nacionalistas franceses e alemães, querem dizer que uma das condições de êxito da luta contra a reação está na estreita aliança política entre Alemanha e França. Nos *Anais Franco-Alemães*, Marx formulou pela primeira vez os pontos fundamentais de sua futura filosofia, nos quais de democrata liberal se transformou em comunista.



## Terceira Conferência

*A vinculação do Socialismo Científico e da Filosofia.  
O Materialismo. Kant. Fichte. Hegel. Feuerbach.  
O Materialismo Dialético de Marx.  
A missão histórica do proletariado.*

Nos detemos no momento em que Marx abandonou sua carreira de jornalista na Alemanha para ir ao estrangeiro. Resumiremos agora o que foi dito anteriormente. Nos propusemos a tarefa de estudar a vida de Marx e de Engels aplicando o método de investigação criado por eles.

Vimos que, apesar de toda sua genialidade, Marx e Engels foram homens de uma época determinada. Não de recordar de como chegaram à vida consciente, ou seja, como saíram do período infantil, durante o qual as principais impressões provêm da família; como caíram sob a influência de uma época histórica, cujo caráter foi determinado principalmente pela Revolução de Julho na Alemanha, pelo desenvolvimento da ciência e da filosofia, pelo desenvolvimento do movimento operário e pelo avanço revolucionário. Indicamos igualmente que Marx e Engels não somente são produto da época histórica, com também, por sua origem, foram homens de um lugar determinado. A Renânia, era então a província mais industrializada e mais internacional da Alemanha, e também a mais fortemente influenciada pela Revolução Francesa. Demonstramos que nos primeiros anos de vida, Marx esteve sujeito a outras influências que não as que cercavam Engels e que foi grande em sua família o efeito oriundo da filosofia francesa. Ao contrário, Engels esteve submetido a influência

da religião em uma família rígida. Assim, as questões relacionadas à religião foram sempre mais angustiantes para Engels do que para Marx. Por fim, ambos, por diferentes caminhos, mais facilmente um, com mais dificuldades outro, chegaram a conclusões idênticas.

Havia parado no momento em que chegaram a ser os representantes mais radicais do pensamento político e da filosofia do seu tempo; o momento em que Marx se mudou para Paris para formular o seu novo ponto de vista. Para saber o que Marx, aos 25 anos, expôs de verdadeiramente novo, falaremos brevemente o que encontro de domínio da filosofia.

Deborin expôs<sup>2</sup> a questão da consciência, da inteligência, da matéria do ser, etc., e citou provavelmente o nome de alguns filósofos. Para referir a elas citarei as palavras de Engels no prefácio do seu folheto *O Desenvolvimento do Socialismo Científico*. “Nós, os socialistas alemães – escreve Engels – nos orgulhamos de descender não somente de Saint-Simon, Fourier e Owen, como também de Kant, Fichte e Hegel”. Engels não mencionou a um quarto filósofo alemão, Feuerbach, ao que dedicou mais tarde uma obra específica. Exporemos agora a origem filosófica do socialismo científico. Não somos, como Deborin, especialistas em filosofia; somente nos ocupamos em adquirir uma ideia das questões fundamentais, como fizeram todos aqueles que se interessam pela evolução humana.

A questão fundamental, como formula Engels, é saber se existiu um princípio criador que precede o mundo; ou em outras palavras, se há, como aprendemos em nossa infância, um Deus. Este criador todo poderoso, pode se revestir de diferentes formas segundo as religiões. Pode manifestar-se na

---

2. Se refere a suas conferencias sobre o materialismo dialético.

forma de um monarca celestial de poder infinito, com inúmeras legiões de anjos sob suas ordens. Pode transmitir seus poderes a um papa, a bispos, a sacerdotes; pode, em fim, um rei bom e esclarecido, estabelecer de uma vez para sempre uma constituição, leis fundamentais que governam a humanidade inteira e, em sua infinita sabedoria, se satisfaz com o amor e respeito aos seus filhos sem intrometer-se jamais na administração dos seus assuntos. Pode, em uma palavra, manifestar-se nas formas mais diversas, porém no momento em que se reconhece a existência deste deus, se admite que há um ser que existiu em todos os tempos e que, um dia, disse “Que o mundo seja” e cuja palavra se transformou em realidade de imediato.

Desta maneira, pois, o pensamento, o desejo, a intenção de criar este mundo, existia em alguma parte, fora do próprio mundo; onde, não se sabe exatamente. Este segredo não foi descoberto por nenhum filósofo, nem ainda por nossos novos filósofos de Petrogrado.

Este ser eterno criou todo o existente. Sendo assim, a consciência, o pensamento, determinam tudo o que existe. A ideia cria a matéria, por conseguinte, a consciência determina o ser. No fundo, apesar de todo o verniz filosófico, esta nova forma de manifestação do “princípio primeiro”, não é outra coisa que a velha concepção teológica do mundo.

Trata-se, definitivamente, de saber se, no universo em que nos movemos, no que existe, pode acontecer algo sem a intervenção de um ser desconhecido, situado para além dos limites do universo, de um ser fora da nossa percepção, que seja Jeová, o Pai, o Filho, o Espírito Santo, ou ainda a Razão. Se pode designá-lo também, como o Evangelho de São João, o Verbo. “No princípio era o verbo”. Este Verbo criou a existência; criou o mundo.

A ideia do Verbo princípio de tudo, havia sido combatida no século XVIII pelos materialistas, pelos representantes da nova filosofia e da nova classe, a burguesia revolucionária, na medida em que atacavam a antiga ordem social, o feudalismo. A antiga concepção de mundo era insuficiente para explicar a origem dos novos acontecimentos, que distinguiram sua época das precedentes.

A consciência, a ideia, a razão, consideradas como *unas e imutáveis*, tinham, a seus olhos, um defeito capital. A observação lhes indicava que todo o terreno se modificava, que o ser se reveste das mais diversas formas. A experiência os ensinava (sem falar das viagens e dos descobrimentos que forneciam a cada dia novos materiais de estudo) que existiam diferentes pessoas, diferentes Estados e diferentes ideias. Tratava-se de conhecer a procedência de toda essa diversidade, de saber como surgem as diferenças que existem entre os homens e as coisas.

Quanto mais os filósofos se aprofundavam no estudo do passado, maior era o número de povos diferentes que encontravam, alguns desaparecidos, outros que sobreviveram à história. Os ingleses atravessaram distintas épocas, o mesmo com os franceses. De onde vem essa diferença no tempo e no espaço se a causa de tudo residia em um princípio único, em um Deus, por exemplo? Só faltavam supor que esse deus, sem que se possa compreender o porquê, decidia que hoje houvesse uma Inglaterra, amanhã uma Alemanha, e uma França depois disso. Um deus que tivera o capricho de fazer reinar um dia na Inglaterra os Stuart, para logo em seguida cortar a cabeça de Carlos I e entregar o poder a Cromwell.

A partir do século XVIII, e um pouco ainda do XVII, à medida em que a existência, a humanidade e as relações entre os homens se modificam notavelmente sob a influência dos

próprios homens, a existência da divindade, origem de tudo, suscitou maiores dúvidas. Com efeito, o que explica tudo em sua diversidade, no tempo e no espaço, não explica nada a partir da *diferença* dos acontecimentos e do que esses têm em comum, se explica pelo fato de que surgiram em condições *diferentes*, sob a influência de causas distintas. Cada uma dessas diferenças deveria ser explicada pelas causas particulares, pelas influências específicas que a produziram.

Os filósofos ingleses, que viviam sob um capitalismo em rápida transformação e que acumulavam a experiência de duas revoluções, se perguntaram se existia de fato uma força que independente da vontade dos homens provia e fazia tudo. Suscitavam dúvidas o problema de saber se todas essas diferentes ideias, que se haviam manifestado e combatido entre si na época da Revolução Inglesa, eram ideias inatas. Apesar de todos os esforços para concilia-las com os ensinamentos da Bíblia, era evidente que essas ideias levavam o selo da *novidade*.

Os materialistas franceses, dos quais já falamos, colocavam a questão com mais clareza. Para eles a suposta força que se encontra fora de nosso mundo, essa força divina que se ocupa sem cessar da nova Europa, que pensa em tudo e contribui com tudo, não existe. Todo fenômeno, todo fato histórico é resultado da ação dos próprios homens.

Os materialistas franceses não conheciam o que determina os atos dos homens, mas sabiam que não era Deus, que não era nenhuma força exterior que faz a história, mas que são os próprios homens que dirigem os acontecimentos. Porém, caíam em uma contradição. Sabiam que os homens agiam diferentemente porque tem opiniões e interesses diferentes, mas não conheciam o que concretamente gera essas

divergências de interesses, como tampouco conheciam a influência que as condições materiais exerciam sobre os homens. Ao contrário, acreditavam que a formação dos próprios homens está determinada por esse ou aquele legislador que, da maneira de um deus, dispõe deles e fixa seus atos.

Alguns materialistas franceses haviam colocado claramente outra questão. Certo – replicavam seus adversários – Deus não é um ser idêntico ao terrível Jeová dos judeus, nem ao Pai, Filho e Espírito Santo da religião cristã, porém existe um princípio espiritual que introduziu na matéria a possibilidade do pensamento; que precede a natureza. Respondiam os materialistas que para isso não há necessidade alguma de uma força exterior qualquer, porque o estímulo procede da própria matéria.

Ainda que na época na qual os materialistas franceses elaboraram sua filosofia, a ciência em geral e as ciências naturais, em particular, haviam alcançado um desenvolvimento ainda escasso, eles estabeleceram essa ideia fundamental. Todos os que se intitulam materialistas negam que a consciência, o pensamento, no sentido que nós damos a estas palavras, precedam a matéria, a natureza. Durante milhões de anos não existiu na Terra nenhum ser vivo, organizado; em consequência, não existia o que se chama pensamento, nem o que se denomina consciência. Ou seja: o ser, a natureza, a matéria, precederam a consciência, o pensamento, o espírito.

Não se deve imaginar que a matéria seja necessariamente algo grosseiro, pesado, sujo, e a ideia, delicada, ligeira, pura. Materialistas vulgares, às vezes jovens materialistas, no calor da discussão ou para zombar dos fariseus do idealismo que não param de falar do grande e do belo enquanto se acomodam perfeitamente com a vilania e a infâmia da sociedade

burguesa, sublinham, às vezes intencionalmente, que a matéria é uma coisa pesada e grosseira. Pelo contrário, quando se segue o desenvolvimento das ciências físicas se comprova que durante os últimos cinquenta anos a matéria se transformou em algo incrivelmente etéreo e extremamente móvel. Desde que a Revolução Industrial cambiou as bases da velha economia natural, tudo se pôs em movimento. Quando dormia, despertou e tudo o que estava imóvel se colocou em movimento. Na matéria compacta, aparentemente fixa, foi descoberto novas forças e novas formas de movimento.

O fato a seguir nos mostrará os quão insuficientes eram os conhecimentos dos materialistas franceses. Quando Holbach, um dos mais lógicos, escreveu seu livro *O Sistema da Natureza*, ignora o que agora sabe todo bom aluno de 12 anos. Para ele o ar era indivisível e um dos elementos principais que constituíam a natureza; por outra parte, não sabia sobre o ar mais do que sabiam os gregos dois mil anos atrás. Alguns anos depois da publicação do livro de Holbach, a química, desenvolvida sobretudo por Lavoisier, mostrou que o ar se compõe de nitrogênio e oxigênio, aos quais estão mesclados em quantidade ínfima certo número de elementos. E um século mais tarde, no final do século XIX, a química descobre no nitrogênio e no oxigênio, gases como o argônio e o hélio, que são matéria, porém extremamente sutil.

Outro exemplo: na Rússia soviética é muito usada a radiotelegrafia, pois nos prestou serviços imensos durante o bloqueio e a guerra civil. Sem ela, teríamos vagado, por assim dizer, na escuridão. A radiotelegrafia somente existe há 30 anos, pois em 1897 ou 1898 foi quando descobriram na matéria grosseira e inanimada, substâncias tão imateriais que, para designá-las, foi preciso buscar denominações na antiga teologia da Índia. A radiotelegrafia transmite os sons. Pode-

se aqui, em Moscou, ouvir um concerto executado a várias centenas de quilômetros de distância. E não somente isso; ultimamente descobrimos que se pode enviar um telegrama que além da caligrafia do remetente reproduz seu retrato, e que para isso basta a adaptação de um aparelho inventado pelo técnico francês Belin. E tudo isso se efetua não com a ajuda do “espírito”, mas com a ação de uma matéria extremamente sutil e delicada, medida e dirigida por nós.

Esta história foi contada para demonstrar quão atrasadas são as concepções habituais sobre a materialidade e a imaterialidade; eram ainda mais no século XVIII. Se os materialistas desta época tivessem considerado todos os novos fatos existentes, seriam menos “grosseiros” e as pessoas “delicadas” não teriam se separados deles.

Os filósofos alemães contemporâneos de Kant adotaram o ponto de vista ortodoxo. Rechaçaram a doutrina materialista como ímpia e imoral; mas Kant não ficou satisfeito com uma conclusão tão simples. Compreendeu perfeitamente toda a inconsistência das velhas ideias religiosas, porém não possuía nem a audácia psicológica nem a lógica necessária para romper com essas ideias categoricamente.

Em 1781, Kant publicou sua principal obra, *Crítica da Razão Pura*, em que sustenta que não há prova alguma da existência de Deus, da imortalidade da alma, das ideias eternas, e que nossa ciência é baseada na experiência. Segundo ele, não podemos conhecer as coisas em si mesmas, sua essência, mas somente as formas sob as quais se manifestam e causam impressões aos nossos sentidos. A essência das coisas, dissimulada no fenômeno, nunca nos será acessível. Desta forma, Kant estabelece uma espécie de ponte entre o materialismo e o idealismo, entre a ciência e a religião. Não nega os progressos da ciência nem que ela ajude a compreender as coisas,

porém, ao mesmo tempo, deixa uma porta aberta à teologia, permitindo batizar com o nome de Deus a essência das coisas. Em sua contabilidade de duplo caráter, em seu desejo de ficar bem com a ciência e com a fé, Kant vai ainda mais longe. Escreve outra obra, *Crítica da Razão Prática*, em que demonstra que se na teoria pode prescindir de Deus, da imortalidade da alma, etc., na prática há que se reconhecer todos esses princípios, uma vez que sem eles a própria ação careceria de base moral.

O já citado poeta alemão Heine, que foi um grande amigo de Marx, e sobre o qual este teve algum tempo de considerável influência, narrou de uma maneira muito interessante os motivos dessa atitude kantiana. Kant tinha um velho criado, Lampe, que estava com ele há 40 anos e que o rodeava com a mais afetuosa solicitude. Para Kant, Lampe personificava o homem comum que não pode viver sem fé. E Heine, depois de expor brilhantemente o alcance revolucionário da *Crítica da Razão Pura* na luta contra a teologia, e ainda contra a fé como princípio divino, explica porque Kant teve necessidade da *Crítica da Razão Prática*, na qual reconstrói tudo o que acabara de destruir. Eis o que disse Heine: “A tragédia sucede a farsa. Immanuel Kant cumpriu até aqui o papel do filósofo intransigente. Se lançou ao céu, venceu a guarnição e abateu suas armas; ficou rendido e banhado em sangue o amo do mundo; não há misericórdia, não há providência paternal, não há recompensa em outro mundo para as virtudes deste; a imortalidade agoniza; aqui, estertores, lá gemidos. Mas o velho Lampe está lá, guarda-chuva embaixo do braço, espectador aflito, com o rosto coberto com um suor frio e banhado em lágrimas. A piedade penetra então o coração de Kant e demonstra que não é só um grande filósofo, mas também bom homem. Depois de refletir um instante, diz, com um

tom benévolo e irônico: ‘O velho Lampe tem a necessidade de um deus, senão não será feliz. Bem, o homem deve ser feliz na Terra. Assim fala a razão prática. E, bom, que assim seja!; a razão prática é a responsável pela existência de Deus’”.

Kant desempenhou um papel importante na história da ciência. Demonstrou, como fez o astrônomo francês Laplace, que a terra não foi criada por Deus em alguns dias, como nos contam na Sagrada Escritura, mas que é resultado de uma longa evolução e que, como todos os corpos celestes, se formou pela condensação de uma matéria informe e rarefeita.

No fundo, Kant foi um conciliador da antiga e da nova filosofia, e assim atuou em todos os aspectos da vida prática. Mas ainda que não tenha rompido de forma resoluta com o passado, avançou, de forma considerável, e seus discípulos mais consequentes, como Heine, compreenderam a verdadeira razão de sua contabilidade, rechaçaram a *Crítica da Razão Prática* e extraíram da *Crítica da Razão Pura* as deduções extremas que ela contém.

Não me deterei longamente em Fichte, que Engels menciona. Fichte teve uma influência muito maior sobre Lassalle do que sobre Marx. Sua filosofia encerra um elemento que não foi completamente desenvolvido no sistema de Kant e que influenciou consideravelmente sobre os intelectuais revolucionários da Alemanha. Se Kant foi um filósofo tranquilo que durante décadas não saiu de sua amada Königsberg, Fichte não foi somente um filósofo, mas um homem de ação, elemento ativo que introduz na sua filosofia. Ao antigo conceito de uma força especial que domina os homens, opõe um novo que faz da personalidade humana e da ação a fonte principal de toda teoria e de toda prática.

A filosofia que mais influência teve sobre Marx e Engels foi a de Hegel, cujo sistema total se baseia em princípios divergentes dos de Kant e Fichte. Entusiasmado em sua juventude pela Revolução Francesa, em 1831, ano de sua morte, Hegel era um professor e funcionário prussiano cuja filosofia contava com a aprovação do Estado.

Como a filosofia de Hegel tornou-se a fonte na qual Marx, Engels e Lassalle saciaram a sede de conhecimentos? O que havia nesta que atraiu irresistivelmente o mais capacitado do pensamento revolucionário e social?

A filosofia de Kant, em suas linhas fundamentais, foi elaborada antes da grande Revolução Francesa. Ao eclodir esta, Kant tinha 75 anos, e ainda que seja verdade que sentiu sua influência, não tirou dela conclusões radicais. Portanto, no que concerne à natureza, a história do planeta, se assimila a ideia de evolução, porém seu sistema se reduz a explicação do mundo *tal qual é*.

O contrário acontecia com Hegel. Havia atravessado a época dos transtornos econômicos dos fins do século XVIII e começo do XIX e se empenhou em explicar o mundo tal qual tornou-se. Nada permanece imóvel. Sua ideia absoluta, sua razão, somente vive e se manifesta em um processo contínuo. Tudo flui, tudo muda, tudo desaparece. O perpétuo movimento, o desenvolvimento contínuo da ideia absoluta, determina a evolução de nosso mundo em todos seus domínios. Para compreender os fenômenos que nos cercam não basta estudá-los tal qual existem, mas compreender como se produziu o desenvolvimento, pois tudo o que nos rodeia é o resultado de um processo anterior. Ademais, se imediatamente tal coisa nos aparece como imóvel, examinando-a atentamente se comprova que se produz nela uma luta, que existe

nela influências, forças que a mantem no estado em que a conhecemos, e outras forças, e outras influências, que tendem a modificá-la. Em cada fenômeno, em casa causa, se produz uma luta desses dois princípios, a tese e a antítese. Desses dois princípios, um observa, outro destrói. A luta de ambos, que existe em cada fenômeno, conduz a uma síntese, a sua união.

Para Hegel, a razão, o pensamento, a ideia, não permanecem imóveis, imutavelmente fixas, não se estabilizam em uma tese. Pelo contrário, essa tese, este pensamento, opondo-se a si mesmo, se divide em dois contrários: a afirmação e a negação, o sim e o não. A luta desses elementos contrários, trancados na antítese, constitui o movimento que Hegel chama de dialético para ressaltar o elemento de *luta* que existe neste. Nesta luta, nesta dialética, ambos contrários se equilibram mutuamente e se fundem. A fusão dos contrários produz um novo pensamento: sua *síntese*, novo pensamento, nova ideia, que se divide a sua vez em duas opostas, a tese se transforma em antítese e ambos se conciliam em uma nova síntese.

Hegel considera todo fenômeno, toda coisa, como um processo, como algo em estado de transformação constante, de incessante desenvolvimento. Todo fenômeno não somente é resultado de uma modificação anterior, mas que leva em si o germe de uma nova modificação. Jamais se detém em um ponto determinado. Pelo contrário, apenas chegou a um grau superior e dali começa a luta das novas contradições. Como muito bem disse Hegel, a luta das contradições é a origem de todo desenvolvimento.

Eis aqui precisamente o aspecto revolucionário da filosofia de Hegel. Ainda que Hegel fosse idealista, ainda quando para ele o princípio seja o espírito e não a natureza, a ideia ao invés

da matéria, exerceu uma imensa influência nas ciências históricas e sociais e, ainda nas ciências naturais. Incitou ao estudo da realidade, a buscar todas as formas de desenvolvimento da ideia absoluta, manifestações desta ideia que, quanto mais variadas fossem, mais o é também o fenômeno, o processo do qual é preciso estudar o desenvolvimento.

Para compreender melhor o que atraía Marx, Engels e Lassalle, assim como os revolucionários russos Bielinsky, Herzen, Bakunin e Chernichevsky por esta filosofia tão árida, com sua nebulosa linguagem, leiamos o que dela disse Chernichevsky: "Mudança eterna da forma, destruição eterna da forma engendrada por um determinado conteúdo ou aspiração, como consequência do esforço desta mesma aspiração, do desenvolvimento último do conteúdo. Quem compreende esta grande lei eterna e universal, quem aprende a aplicá-la a cada fenômeno, permanece tranquilo frente as contingências que aos demais abatem. Repetindo o poeta: 'Apostei quanto tenho sobre nada, e o mundo inteiro me pertence', não deplora nada do que cumpriu seu tempo e disse: 'Aconteça o que aconteça, no final das contas o triunfo será nosso'".

Não explicarei aqui outros aspectos da filosofia hegeliana que mostram porque ela impulsionou fortemente o estudo da realidade. Quanto mais os discípulos de Hegel estudaram a realidade à luz e sob a direção do método dialético criado por seu mestre, mais se revelou o defeito fundamental desta filosofia: é uma filosofia idealista, pois para ela o principal motor, o criador, é a ideia absoluta, a consciência determinando o ser.

O ponto débil da filosofia de Hegel incitava a crítica. Sua ideia absoluta não era, em suma, podemos dizer, mais que uma reedição do antigo Deus cristão, ou de um deus pu-

rificado, incorpóreo, o que haviam criado para o povo, filósofos como Voltaire. Deste ponto de vista aborda a filosofia de Hegel um dos seus discípulos mais talentosos, Ludwig Feuerbach. Havia compreendido e assimilado muito bem o lado revolucionário desta filosofia, mas, questionava: pode realmente tal ideia absoluta, em seu desenvolvimento, determinar o ser? Feuerbach responde negativamente a essa questão. Inverte a tese fundamental de Hegel e demonstra, pelo contrário, que o ser é quem determina a consciência; que houve um tempo no qual o ser existia sem consciência; que o pensamento, a ideia, era o produto deste mesmo ser. Segundo ele, a filosofia hegeliana é somente o último dos sistemas teológicos, pois substitui a Deus por um ser – a ideia absoluta – do qual deriva tudo. Feuerbach prova que todas nossas ideias sobre Deus e os diferentes sistemas religiosos, compreendido neles o cristianismo, são o produto do próprio homem, que não é Deus o criador do homem, mas sim que o homem é quem cria Deus a sua imagem. Basta dissipar todo este mundo de fantasmas, de anjos, de feitiçarias e de outras manifestações da mesma essência divina, para obter o mundo humano. O homem é o princípio fundamental de toda a filosofia de Feuerbach. A lei suprema para o mundo humano não está na lei de Deus, mas na do próprio homem. De outro lado, Feuerbach opunha ao antigo princípio teológico divino, um novo princípio, o antropológico.

Após leitura dos nossos velhos críticos e jornalistas, Dobrolyubov e Chernichevsky, se adverte que sua concepção de mundo se assenta sobre o princípio antropológico, ou seja, que o ponto de partida é o homem com suas necessidades. Para instaurar a verdadeira comunidade humana não basta se ocupar do espírito, mas também do corpo; é necessário satisfazer todas as necessidades do homem, criar condições de

vida nas quais o homem possa desenvolver todas suas faculdades. A estas conclusões chegaram com o auxílio de Feuerbach, o mesmo aconteceu com Marx e Engels e todos os intelectuais avançados de sua época. Basta comparar as obras de Marx e Engels anteriores a 1845 com as de Herzen, Bielinky e, Dobrolyubov e Chernichevsky, para comprovar a analogia de ideias e pontos de vista da exposição, analogia maior quanto mais os escritores russos se distanciavam de Hegel para aproximar-se de Feuerbach. Mas sabemos que nem Chernichevsky, nem Dobrolyubov, nem, por razões mais poderosas, Herzen, foram marxistas ou comunistas, ainda que fossem socialistas. Todos ficavam presos a um ponto específico, ainda Chernichevsky, que ia mais longe pelo caminho em que o havia colocado o estudo de Feuerbach.

Somente Marx introduziu algo realmente novo semelhante a filosofia de Feuerbach e extraiu novas deduções; porém para compreender o que Marx inovou na filosofia alemã será preciso retrocedermos um pouco.

Ao falar da juventude de Marx destaquei um pequeno fato. Em um dos seus trabalhos realizados no colegial, Marx demonstrou que existe, anteriormente ao nascimento do homem, uma série de condicionamentos que determinava fatalmente sua futura profissão. Assim, já no colégio, Marx conhecia a ideia que se deduz logicamente da filosofia materialista do século XVIII. O homem é o produto do meio, das circunstâncias, o que o impede de ser completamente livre para seguir suas convicções; não pode ser o artífice da sua felicidade. Nesta tese, como já destaquei, não há nada de novo, nada que pertença propriamente a Marx, somente que formulou, é verdade, o que já havia lido muitas vezes nas obras dos filósofos preferidos do seu pai de uma maneira bastante original. Ao entrar na universidade e se encontrar em um meio intelectual

novo, no qual dominava a filosofia clássica alemã, Marx opôs de imediato ao idealismo uma concepção acentuadamente materialista. Por isso extraiu rapidamente da filosofia hegeliana todas as conclusões radicais que comportava e aclamou a *Essência do Cristianismo* de Feuerbach. Em sua crítica do cristianismo este último chega as mesmas conclusões dos materialistas radicais do século XVIII, com a diferença de que destes só vieram engano e superstição. Feuerbach, discípulo de Hegel, enxerga uma fase necessária da civilização humana; mas também para ele o homem é uma figura tão abstrata quanto para os materialistas franceses do século XVIII.

Bastava aprofundar a análise do homem e do meio para observar que o próprio homem constitui uma diversidade extrema, que existe sob diversas aparências e que se recobre das roupagens mais distintas. O rei da Prússia e o superintendente da Renânia são homens a igual título que os camponeses do Mosela e que os operários das fábricas com quem Marx mantinha relações. Todos possuem os mesmos órgãos, a mesma cabeça, as mesmas pernas e os mesmos braços. Fisiológica e anatomicamente não havia diferenças essenciais entre o campesinato do Mosela e do junker prussiano; e, ainda assim, existe entre ambos uma diferença abissal do ponto de vista de sua situação social.

Porém os homens se distinguem uns dos outros não somente no espaço, mas também no tempo; os homens do século XVII se distinguem dos do XII. De onde vem tais diferenças se o próprio homem não muda e é somente produto da natureza? Em tal direção trabalhou o espírito de Marx. Não basta dizer que o homem é o produto do meio, que o meio forma o homem. Para formar homens tão diferentes o mesmo meio deve ter diferenças e conter elementos diversos. Assim, o meio não é simplesmente uma aglomeração de seres, mas

um meio social no qual os agentes estão vinculados por determinadas relações e pertencem a diferentes grupos sociais. Por isso Marx não ficou satisfeito com a crítica da religião feita por Feuerbach. Este explicava a essência da religião pela essência do homem; porém a essência do homem não é algo abstrato, exclusivo do homem como indivíduo. O próprio homem representa um resumo, um conjunto de relações sociais determinadas. Não existe o homem isolado. Porém as relações naturais existentes entre os homens são de menos importância que as sociais estabelecidas entre eles no curso do desenvolvimento histórico. Por isso o sentimento religioso não é uma coisa natural, é um produto social.

Da mesma forma, não basta dizer que o homem é o ponto de partida de uma nova filosofia. É preciso acrescentar que este homem social, produto de uma evolução histórica determinada, se forma e se desenvolve sobre o terreno de uma determinada sociedade, que se diferencia de um modo determinado. Ao aprofundar, se comprova que essa diferenciação do meio em tipos diversos não é primordial, natural, mas resultado de um largo desenvolvimento histórico. Ao estudar a forma com a qual se efetua tal evolução, chega-se a ver que é sempre resultado da luta de contradições, de oposições que surgem em um dado estado do desenrolamento social.

Marx não se limitou a crítica do aspecto religioso, mas empreendeu contra outras teses filosóficas de Feuerbach. Na filosofia puramente teórica, contemplativa, introduziu um novo elemento: a ação prática revolucionária fundada na crítica sobre a realidade.

Como os materialistas franceses, Feuerbach ensina que os homens são produto das circunstâncias e da educação, da reação do ser sobre a consciência. Parece assim que, tal qual é, cabeça, braços, pernas, o homem, distinto do resto do

mundo animal, é somente um mecanismo sensível de uma espécie particular que recebeu a influência da natureza e ambiente. Todos seus pensamentos e suas ideias, são o reflexo desta natureza. Desta maneira, pois, segundo Feuerbach, o homem é um elemento passivo que registra docilmente todos os impulsos que recebe da natureza. A esta afirmação Marx opôs outra: tudo que se realiza no homem, todas as modificações do próprio homem, não são somente o resultado da ação da natureza sobre ele, mas também, em um sentido mais amplo, da sua ação sobre a natureza. Todo o desenvolvimento da humanidade consiste em que o antropomorfo primitivo não se limitou, em sua luta contínua pela existência, a sofrer passivamente a influência da natureza; operou ele mesmo sobre a natureza e, transformando-a, transformou as condições de sua existência e, ao mesmo tempo, também transformou a *si mesmo*.

Assim, pois, Marx introduziu na filosofia passiva de Feuerbach o elemento revolucionário, o elemento da ação. A obra da filosofia – disse, contrariamente a Feuerbach – não consiste somente em *explicar* o mundo, mas sim em *transformá-lo*. A teoria se completa com a prática; a crítica da realidade, do mundo que nos cerca, sua *negação*, completa-se pelo trabalho *positivo*, pela ação prática. Desta forma Marx introduziu na filosofia materialista o princípio *revolucionário*, de tal modo que transformou a filosofia *contemplativa* de Feuerbach em uma filosofia da *ação*, pela prática do seu pensamento, do seu programa. Quanto mais se aplica a ação prática, mais rapidamente encarna a realidade e prova melhor que esta mesma realidade contém já todos os elementos necessários para cumprir a tarefa que ele se colocou, para a realização do programa elaborado por ele mesmo. Brevemente

Marx formula em linhas gerais esta crítica a Feuerbach. Seguindo com atenção o curso do seu pensamento, é fácil compreender o modo com o qual chegou a sua ideia fundamental, cuja elaboração o levou ao socialismo científico.

Marx, por sua origem, pertencia ao meio intelectual alemão, e é com esses intelectuais que entra em debate para convencê-los da inconsistência dos seus velhos princípios. Desde já estamos de acordo, dizia, em reconhecer que a atual Alemanha, que a Prússia, onde a vida é tão difícil, sem liberdade de imprensa nem de ensino, que todo este mundo é bem pouco atraente. Não há dúvida de que deve ser transformado caso não queiramos que o povo alemão se afunde completamente neste horrível pântano. Porém, de que maneira podemos transformá-lo? – pergunta Marx. Só pode sê-lo se na sociedade alemã há um grupo, uma categoria de homens interessados em modificar todas as condições de sua existência.

Marx examinou sucessivamente os diferentes grupos existentes na sociedade alemã: a nobreza, os funcionários, a burguesia. Chegou à conclusão de que esta última, contrariamente a burguesia francesa, que desempenhou um papel revolucionário considerável, não era capaz de assumir a função de classe emancipadora capaz de mudar todo o regime social. Porém, então, que outra classe poderia assumir esta função? E Marx, que nesta época estudava atentamente a história e a situação da Inglaterra e da França, conclui que esta classe não pode ser outra senão o *proletariado*.

De modo que já em 1844, Marx formula essa tese fundamental: a classe que pode e deve assumir a missão de emancipar o povo alemão e efetuar a transformação do regime social, somente pode ser o proletariado. Por que? Porque é a classe em cujas condições de existência se encarna todo o mal da sociedade burguesa contemporânea, e não há

outra classe que está situada mais abaixo na escala social e sobre a qual pese mais todo o resto da sociedade. Enquanto a existência das demais classes se baseia sobre a propriedade individual, o proletariado está privado dessa propriedade e não tem interesse algum em manter a sociedade existente. Somente falta-lhe consciência de sua missão, a ciência, a filosofia; e constituirá o eixo de todo o movimento emancipador se chegar a adquirir esta consciência, esta filosofia, se compreender o grande papel que lhe corresponde.

Eis o ponto de vista próprio e fundamental de Marx.

Os grandes utópicos, Saint-Simon, Fourier, Owen, em particular este último, haviam fixado sua atenção sobre “a classe mais numerosa e mais deserdadas”, sobre os proletários; mas todos eles compartilhavam a visão de que o proletariado é a classe mais miserável, a que mais sofre e que, portanto, é preciso ocupar-se dela, tarefa correspondente às classes superiores e cultas. Na condição miserável do proletariado somente viam a pobreza e não identificavam o fator revolucionário que se oculta nesta miséria, produto da decomposição da sociedade burguesa.

Marx é o primeiro a revelar que o proletariado não é somente uma classe enferma, mas também um elemento ativo da luta contra a sociedade burguesa; a classe que por suas condições de existência, chegará fatalmente a ser a única revolucionária da sociedade burguesa. Esta ideia, que havia exposto no início de 1844, foi desenvolvida em uma obra escrita em colaboração com Engels. Esta obra, intitulada *A Sagrada Família*, está dedicada a seus antigos companheiros de armas, os irmãos Bauer. Hoje já envelhecido, apareceu em 1845, porém não mais que em algumas obras de Plekhanov e ainda de Lenin. Tome qualquer livro de Plekhanov publicado

em 1883 ou de Lenin em 1903, e o leitor jovem não compreenderá quase nada sem um bom comentarista. Os de minha idade recordam perfeitamente o período de 1890, conhecem com detalhes os representantes das correntes literárias e revolucionárias ainda que fossem as mais ínfimas daquele tempo. Porém quem ignora quase todos esses nomes e desconhecem completamente a luta que desenvolveram os primeiros marxistas, leem com indiferença, até com incômodo às vezes, as páginas que em nós despertam o mais vivo interesse.

Nesse sentido *A Sagrada Família*, escrita principalmente por Marx, envelheceu; porém é de interesse para todos aqueles que querem ter uma ideia clara da Alemanha de 1840 a 1850, sobre as lutas travadas contra as distintas correntes intelectuais e sociais. Marx ridicularizou todas as tentativas dos intelectuais alemães de apartar-se do proletariado ou de contentar-se com as sociedades de beneficência destinadas a buscar a felicidade para esta classe; explicou aos intelectuais a importância revolucionária do proletariado, que alguns meses antes, representados pelos tecelões da Silésia, demonstrou que para defender seu interesse deve-se chegar até a insurreição.

Nesta obra, Marx cumpriu os primeiros passos do desenvolvimento posterior de sua nova filosofia. O proletariado é uma classe à parte, porque a sociedade em que vive é uma sociedade de classes. Ao proletariado se opõe a burguesia; o capitalista explora o operário, e então surge novas questões. De onde surgem os capitalistas? Quais são as causas que engendram a exploração do trabalho pelo capital? Há que estudar a sociedade, as leis fundamentais de sua existência e desenvolvimento. Igualmente neste aspecto, Marx estava à

frente de Feuerbach, este pouco interessado no desenvolvimento das relações sociais, e que em tal domínio era inferior ao seu mestre Hegel, que havia estudado com acuidade e a partir do ponto de vista idealista as leis do desenvolvimento da sociedade burguesa.

Em *A Sagrada Família*, Marx adverte que é impossível compreender qualquer coisa da história do seu tempo se não se conhecer o estado da indústria, das condições diretas de produção, das condições materiais da vida do homem e as relações que se estabeleceram entre os homens no processo de satisfação de suas necessidades materiais. Marx começou então a trabalhar com toda energia neste problema. Mas adiante veremos as conclusões a que chega no transcurso dos anos posteriores, antes da revolução de 1848.

Embarca no estudo da economia política para compreender melhor o mecanismo das relações econômicas da sociedade contemporânea. Porém, Marx não era somente um filósofo ansioso por explicar o mundo, era também um revolucionário que igualmente desejava transformá-lo. No trabalho teórico se emparelhava o trabalho prático.

Na próxima conferência veremos como, em menos de 3 anos e meio da mais implacável luta de frações, Marx organizou, com Engels, a *Liga dos Comunistas*, para qual se encarregou de escrever o *Manifesto Comunista*.

## Quarta Conferência

*Crítica dos pontos de vista habituais sobre a história na Liga dos Comunistas. Marx organizador. A luta contra Weitling. Fundação da Liga dos Comunistas e o Manifesto Comunista. Contra Proudhon.*

Marx, que ainda não havia tirado proveito de toda a ciência e da filosofia do seu tempo, formulou, segundo vimos, um ponto de vista inteiramente novo na história do pensamento social e político do século XIX. Quase não falei da influência que exerceu sobre ele o pensamento socialista, porque essa influência começou a manifestar-se mais tarde. Hoje irei expor, em troca, a participação de Marx na criação da *Liga dos Comunistas*, tema que havia prometido desenvolver.

Bom, depois de ter examinado os antecedentes contidos nas obras de Marx e Engels sobre a história daquela Liga, devo confessar que não posso resistir a fazer uma crítica séria. Marx não se iludiu mais que uma vez na sua vida sobre essa história, como em uma obra muito pouco lida, *Senhor Vogt*, publicada em 1860. Marx cometeu nela uma série de erros. Porém, para informar-se sobre a *Liga dos Comunistas* recorre-se quase sempre a um relato rescrito por Engels em 1885. Aqui, mais ou menos, seguindo Engels, os fatos.

Houve uma vez, dois filósofos e políticos alemães – Marx e o próprio Engels – que tiveram de abandonar a Alemanha à força. Viveram na França, estiveram na Bélgica e escreveram sábias obras que depois de atrair a atenção dos intelectuais, se difundiram entre os operários. Um bom dia, estes se apresentaram diante dos filósofos que, tranquilamente sentados em seus gabinetes, conservando-se longe da ação

vulgar, e como convém formalmente aos depositários da ciência, esperavam orgulhosos que os operários fossem buscá-los. A desejada hora chegou quando os operários se dirigiram a Marx e Engels, convidando-os a unir-se a eles. Ambos declararam que não o fariam a menos que aceitassem seu programa. Os operários consentiram, organizaram a *Liga dos Comunistas* e, imediatamente, encomendaram a Marx e Engels o Manifesto do Partido Comunista.

Esses operários pertenciam à *Liga dos Justos*, da qual falei em minha primeira conferência sobre a história do movimento operário na França e Inglaterra. Como disse, esta organização estava constituída em Paris e havia sido submetida a duras provas após a infrutífera tentativa de insurreição dos blanquistas em 12 de maio de 1839. Após esta derrota, seus membros se radicaram em Londres. Encontrava-se entre eles, Schapper, quem organizou em fevereiro de 1840 a *Sociedade de Educação Operária*.

Para dar melhor ideia sobre como habitualmente é relatada esta história, vou ler um fragmento do opúsculo de Steklov sobre Marx: “Residindo em Paris, Marx mantinha relações pessoais com os dirigentes da *Liga dos Justos*, formada por desterrados políticos e artesãos, porém não se afiliava a ela porque o programa da Liga, saturado de um espírito idealista e temerário, não podia satisfazê-lo. Porém, pouco a pouco, se produziu na Liga uma evolução que a aproximou de Marx e Engels, estes que por conversações, por correspondência e também pela imprensa, influenciaram as opiniões políticas dos seus membros. Em alguns casos excepcionais, os dois amigos fizeram conhecer seus pontos de vista via circulares impressas. Após a ruptura com o revoltoso Weitling e a “crítica severa dos teóricos inconsistentes” ficou preparado o terreno para a entrada de Marx e Engels na Liga. O primeiro

congresso, que aprovou a mudança de nome para *Liga dos Comunistas*, foi assistido por Engels e Wilhelm Wolf; no segundo, convocado em novembro de 1847, participou o próprio Marx. Depois de ter escutado o discurso em que Marx expusera sua nova filosofia socialista, o congresso o encarregou de elaborar, junto a Engels, o programa da Liga. Assim surgiu o *Manifesto do Partido Comunista*”.

Steklov se limita a repetir o que escreveu Mehring, que por sua vez, repete o que nos conta Engels. E como não crer neste último? Com efeito: quem melhor que ele que participou da organização dessa empreitada pode contar sua história? Não obstante, devemos submeter a um exame crítico as palavras de Engels, como as de qualquer historiador, com maior razão sabendo que escreveu estas páginas quase quarenta anos depois de passados os episódios que descreve. Em semelhante tempo é fácil esquecer algo, sobretudo quando se escreve em condições e em estado espiritual completamente distintos daquela época.

Existem outras circunstâncias que em nada corroboram com aquela narração. Marx e Engels não eram teóricos puros com os apresentam Steklov. Pelo contrário. Só compreendeu Marx que, quem julgasse necessário transformar radicalmente o atual regime social, não poderia se apoiar senão no proletariado como classe, que por suas condições de existência encontrava todos os estímulos para a luta contra o dito regime, manter os meios operários, esforçando-se para penetrar com seu amigo em todos os lugares e organizações nos quais os trabalhadores estavam submetidos a outras influências. Sendo assim, infere-se que existiam então essas organizações. Examinemo-las.

Ao estudar a história do movimento operário me detive nas proximidades do ano 1840. Depois da derrota de maio de

1839, a *Liga dos Justos* deixou de funcionar como organização central e, de qualquer maneira, a partir de 1840 não se encontra mais indício de sua existência ou atividade como tal. Restaram apenas círculos isolados – sobre um dos quais, o de Londres, já falamos – organizados por antigos membros da Liga. Outros membros, entre os quais Wilhelm Weitling que exercia grande influência, se refugiaram na Suíça.

Alfaiate de profissão, Weitling, um dos primeiros artesãos alemães revolucionários, como muitos outros daquela época, andava de cidade em cidade até que em 1837 se estabeleceu em Paris, onde já havia estado em 1835. Se afiliou à *Liga dos Justos* e estudou ali as teorias de Lamennais, representante do socialismo cristão, de Saint-Simon e de Fourier. Em Paris se vinculou também a Blanqui e seus adeptos. Ao fim de 1838 escreveu, a pedido dos seus camaradas, o folheto *Como é e como deveria ser a Humanidade*, no qual defendia as ideias comunistas.

Depois da infrutífera tentativa de estender a propaganda à Suíça francesa e à Suíça alemã, iniciou com alguns companheiros a organização de círculos entre os operários e os emigrados alemães. Em 1842, publicou sua principal obra, *As garantias da Harmonia e da Liberdade*, na qual desenvolvia as ideias expostas em 1838, mas que não é o caso de considerarmos agora.

Weitling se distinguia dos demais utopistas do seu tempo e – influenciado em parte por Blanqui – não acreditava na possibilidade de chegar ao comunismo pela persuasão. A nova sociedade, cujo plano havia elaborado em todos seus detalhes, seria realizada unicamente pela violência. Quanto mais rapidamente se destruir a sociedade existente, mais rapidamente se libertará o povo, e o melhor meio para chegar a essa situação era, em sua concepção, extremar a desordem

social. O elemento mais seguro, o mais revolucionário, capaz de derrubar a sociedade, era, para Weitling, o proletariado vagabundo, o “*lumpemproletariado*”, e até mesmo os bandidos.

Na Suíça, Bakunin, que abraçava já algumas dessas ideias, encontrou Weitling e conheceu suas teorias. Quando na primavera de 1843, Weitling foi preso em Zurique e processado com seus seguidores, Bakunin apareceu comprometido com a causa e se viu obrigado a emigrar.

Cumprida a pena, Weitling foi repatriado em maio de 1844. Depois de inúmeras vicissitudes, conseguiu, saindo de Hamburgo, chegar a Londres, onde foi acolhido com grande pompa. Em sua homenagem foi organizada uma grande assembleia, a qual assistiram, além dos socialistas e dos cartistas ingleses, os emigrados franceses e alemães. Era a primeira grande assembleia internacional celebrada naquela cidade e forneceu a Schapper a ocasião para organizar, em outubro de 1844, uma sociedade internacional que adotou o nome de *Sociedade dos Amigos Democráticos de todos os Povos*. Dirigida por Schapper, se propôs ligar os revolucionários de todos os países, estreitar vínculos fraternais entre os distintos povos e conquistar os direitos políticos e sociais.

Weitling permaneceu em Londres por quase um ano e meio. No princípio gozava de muita moral na sociedade operária londrina, onde se debatia apaixonadamente todos os problemas da época, porém não demorou para encontrar forte oposição. Seus velhos companheiros, como Schapper, Bauer, Moll, durante a cisão, haviam se familiarizado com o movimento operário inglês e se aprofundado nas doutrinas de Owen.

Para Weitling, como dizemos, o proletariado não constituía uma classe especial, com interesses próprios: era somente uma parte da população pobre, oprimida, entre estes

elementos pobres o mais revolucionário era o *“lumpemproletariado”*. Defendia que a delinquência era um dos elementos mais seguros na luta contra a sociedade existente. Não atribuía nenhuma importância à propaganda. Imaginava a futura sociedade como uma sociedade comunista, dirigida por um pequeno grupo de homens sagazes. Para atrair as massas julgava ser necessário recorrer ao sentimento religioso; fazia de Cristo um precursor do comunismo. Para compreender melhor as divergências que logo surgiram entre ele e Marx e Engels, convém recordar que Weitling era um operário muito capacitado, autodidata, dono de considerável talento literário, mas que sofria de todos os defeitos dos autodidatas. Na Rússia são muitos os que se educam como Weitling.

O autodidata, em geral, se empenha em extrair do seu cérebro algo extremamente romântico, algum invento engenhoso em alto grau, mas a experiência logo lhe prova que desperdiçou tempo e forças consideráveis para não fazer outra coisa que descobrir a América. Chegar a buscar um “móvel perpétuo” qualquer ou o meio suscetível de tornar feliz e sábio o homem em um piscar de olhos.

Weitling pertencia a esta categoria de autodidatas. Queria encontrar a maneira com que os homens assimilassem quase instantaneamente, não importa qual, a ciência. Queria criar uma língua internacional. Característica notável: outro autodidata, um operário, Proudhon, também havia empreendido esta tarefa. É difícil, às vezes, saber o que preferia, o que adorava mais Weitling, se o seu comunismo ou seu idioma universal. Sentindo-se um verdadeiro profeta, não suportava crítica alguma e guardava particular receio para com os homens instruídos que acolhiam com ceticismo sua mania.

Em 1844, Weitling era um dos homens mais populares e conhecidos, não somente entre os operários, mas também

entre os intelectuais alemães. Heine, deixou uma página singular sobre seu encontro com o famoso alfaiate: “O que mais incomodou minha altivez foi a incivilidade do moço comigo durante a conversa. Não tirou o chapéu e enquanto eu permanecia de pé, ele estava sentado em um banco, sustentando o joelho direito na altura do queixo, enquanto a mão livre não cessava de esfregá-lo. Supus que essa posição desrespeitosa era um hábito adquirido na prática do seu ofício, porém logo me desmenti. Como perguntara porque não deixava de esfregar o joelho, me respondeu em um tom indiferente, como se tratasse da coisa mais habitual, que nas distintas prisões alemães nas quais estive preso, que tinham correntes e, como o anel de ferro usado para prender o joelho era demasiado estreito, havia gerado um tipo de coceira que lhe obrigava a executar esse exercício... Confesso: retrocedi uns passos quando o alfaiate com sua familiaridade repulsiva, me contou tal história sobre o cárcere... Estranhas condições do coração humano! Eu, que um dia havia beijado respeitosamente, em Münster, as relíquias do alfaiate Jan van Leiden, os ferros que havia levado, as ferramentas com que o torturaram, eu, que havia me entusiasmado com um alfaiate morto, sentia invencível repugnância por esse alfaiate vivo, por esse homem que era, ainda assim, um apóstolo e um mártir da mesma causa pela qual padeceu o glorioso Jan van Leiden”.

Ainda que esta descrição não faça jus a Heine, mostra a profunda impressão que Weitling causou ao poeta adulado por inúmeros aduladores.

Heine aparece, nessa circunstância, como grande senhor da arte e do pensamento, que considera com curiosidade, e não sem repugnância, este tipo de lutador estranho a ele. Com essa mesma ociosa curiosidade nossos poetas de outra época examinavam um bolchevique. Pelo contrário, um

intelectual como Marx, adotava outra atitude diante de Weitling, a quem julgava um talentoso porta voz das aspirações desse proletariado cuja missão histórica ele mesmo acabara de formular. Escreveu sobre Weitling antes de conhecê-lo: "Que obra sobre o problema de sua emancipação política poderia apresentar a burguesia compreendido seus filósofos e literatos, frente a de Weitling, *As garantias de Harmonia e da Liberdade?*. Compare-se a mediocridade esquelética e fanfarrona da literatura política alemã com essa brilhante iniciação dos operários alemães, compare-se essas botas de sete léguas do proletariado em sua infância, com os estreitos sapatos da burguesia e se verá no proletariado o atleta futuro de gigantesca estatura".

Naturalmente, Marx e Engels deveriam procurar se relacionar com Weitling. No verão de 1845, ambos amigos, durante sua curta permanência na Inglaterra, haviam se relacionado com os cartistas e os emigrados alemães, porém não se sabe com certeza se encontraram Weitling, que então vivia em Londres. De qualquer modo, até 1846, quando foi a Bruxelas, onde Marx se estabelecera após ser expulso da França, não se vincularam estreitamente.

Marx já se dedicava ao trabalho de organização, para o qual Bruxelas oferecia grandes facilidades dada a localização intermediária da Bélgica, entre França e Alemanha. A partir de Bruxelas, onde os operários e intelectuais alemães que se dirigiam a Paris paravam alguns dias, se difundia por contrabando a literatura ilegal em toda a Alemanha. Entre os operários estabelecidos em Bruxelas, vários eram homens inteligentes.

Não demorou para Marx conceber a ideia de convocar um congresso de todos os comunistas para criar a primeira organização comunista geral. Este congresso devia se realizar

em Verviers, cidade situada próxima da fronteira com a Alemanha, para facilitar o acesso aos alemães. Não é possível confirmar com exatidão se na realidade foi levado a cabo o congresso, porém todos os preparativos foram feitos por Marx muito tempo antes dos delegados da *Liga dos Justos* chegarem a Londres para convidá-lo para ingressar nesta. Na verdade, Marx e Engels atribuíam também grande importância à conquista dos círculos influenciados por Weitling e não pouparam esforços para acordar com estes, uma plataforma comum. Suas tentativas concluíram, porém, em uma ruptura, cuja história nos foi contada por nosso compatriota que em viagem à França, passou então por Bruxelas. Me refiro ao crítico russo Pavel Annenkov que, se por um tempo foi admirador de Marx, logo deixou de ser um revolucionário.

Nos chegou de Annenkov um curioso relato que contém muitas mentiras, mas também certa parte de verdade. Dali um extrato de uma sessão na qual discutiram violentamente Marx e Weitling.

Gritava Marx, golpeando a mesa com o punho: "a ignorância jamais ajudou a ninguém e nunca foi útil para algo!" Estas palavras são muito verossímeis. Com efeito, como Bakunin, Weitling se opunha ao trabalho preparatório de propaganda, sob pretexto de que os pobres sempre estavam dispostos à revolução e, por conseguinte, podia esta ser declarada a qualquer momento, sempre que houvesse chefes resolutos. Segundo carta do próprio Weitling, nessa assembleia, Marx sustentou que era necessário depurar as fileiras comunistas e fazer a crítica a todos os teóricos inconsistentes, declarando que se deveria renunciar a todo socialismo apoiado unicamente na boa vontade; que a realização do comunismo estaria precedida por uma época durante a qual a burguesia ainda deteria o poder.

Se vê como as divergências teóricas entre Marx e Engels e Weitling eram quase as mesmas que se manifestariam entre os revolucionários russos 40 anos depois. Em maio de 1846, a ruptura foi definitiva; Weitling partiu em seguida para Londres, de onde se mudou para a América, onde ficaria até a revolução de 1848.

Com a contribuição de outros companheiros, que se aproximaram nesta época, Marx e Engels prosseguiram seu trabalho de organização. Criaram em Bruxelas a “Sociedade de Educação Operária”, na qual Marx proferiu aos operários conferências sobre economia política. Além de certo número de intelectuais, entre os quais se destacavam Wolf (a quem Marx dedicaria o primeiro tomo de *O Capital*) e Weidemeyer, permaneciam em Bruxelas operários como Born, Vallan, Seiler e outros.

Sobre a base desta organização e com a ajuda dos camaradas de Bruxelas, Marx e Engels se esforçaram para estabelecer relações com os círculos da Alemanha, Londres, Paris e Suíça. Eis o trabalho que era realizado por Marx em Paris. Pouco a pouco, os partidários de Marx e Engels aumentaram. Marx concebeu então um plano para agrupar todos os elementos comunistas, pensando em transformar aquela organização nacional puramente alemã em uma organização internacional. Iniciaria por criar em Bruxelas, Londres e Paris, núcleos de comunistas que estivessem de comum acordo, os quais designariam comitês encarregados de manter relações com outras organizações. Deste modo, se estabeleceriam relações mais estreitas com outros países e se prepararia o terreno para a união internacional dos comitês, denominados “de correspondência comunista”, como proposto por Marx. Como os que escreveram a história do socialismo alemão e do movimento operário foram literatos e jornalistas membros

de agências informativas, acreditaram que aqueles comitês não era senão simples escritórios de correspondentes.

Em resumo, segundo eles, Marx e Engels resolveram fundar em Bruxelas um escritório de correspondentes de onde se despacharia circulares. Ou como escreve Mehring, em seu último trabalho sobre Marx: “Carentes de um órgão próprio, Marx e seus amigos se empenharam em preencher esta lacuna, dentro do possível, com circulares impressas. Ao mesmo tempo, procuravam assegurar a cooperação de correspondentes regulares nos grandes centros onde viviam comunistas. Semelhantes escritórios de correspondência existiam em Bruxelas e em Londres e havia a intenção de estabelecer um em Paris. Marx escreveu a Proudhon solicitando sua colaboração”.

Basta ler atentamente a resposta de Proudhon para ver que se tratava de uma organização muito distante de ser um simples escritório de correspondência. E se lembrarmos que esta troca de cartas ocorreu no verão de 1846, muito antes que fosse proposto o ingresso na *Liga dos Justos* existiam em Londres, Bruxelas e Paris organizações cuja iniciativa emanava incontestavelmente de Marx.

Recordemos o que foi dito sobre a sociedade de correspondência londrina que foi organizada em 1792 por Tomás Hardy. Os comitês de correspondência organizados pelo clube dos jacobinos quando este foi proibido de criar suas seções nas províncias, representavam uma instituição análoga a de Marx. Estudando e comparando estes fatos cheguei à conclusão, há muito tempo, de que Marx, ao fundar essas sociedades tinha precisamente a intenção de fazer delas comitês de correspondência. Já no segundo semestre de 1846 existia efetivamente em Bruxelas um comitê muito bem organizado

que atuava como organismo central, do qual se enviava informes. Reunia um grande número de membros, entre os quais muitos operários. Em Paris funcionava outro organizado por Engels, que realizava intensa propaganda entre os artesãos alemães; e em Londres o dirigem Schapper, Bauer e Moll (o mesmo que segundo disse foi a Bruxelas seis meses depois, para convidar Marx a incorporar-se à *Liga dos Justos*). E como prova uma carta de 20 de janeiro de 1847, que transmiti a Mehring, Moll foi a Bruxelas não como delegado da *Liga dos Justos*, mas como representante do comitê de correspondentes comunistas de Londres para levar um informe sobre a situação inglesa. É assim que me convenci de que o relato da fundação da *Liga dos Comunistas*, tal qual foi feito com arranjo de Engels e reproduzido em diversas obras, não passa de uma lenda que não resiste à crítica.

O grande trabalho preparatório efetuado, principalmente por Marx, se parece muito com o cumprido pelos primeiros social-democratas russos meio século depois, ao se esforçarem para unir as organizações existentes, com a particularidade de que neste caso a organização do "Iskra" substituíra os comitês de correspondentes e as distintas sociedades operárias, nas quais trabalhavam os agentes comunistas, estavam substituídas pelas uniões e comitês nos quais os elementos do comitê central procuravam entrar para ganhá-los a sua causa.

Aos historiadores passou inadvertido esse trabalho de organização de Marx, a quem apresentam como um pensador de gabinete, e não conhecendo o papel de Marx como organizador, não conheceram um dos aspectos mais interessantes de sua personalidade. Se não se conhece o papel que Marx (faço notar: Marx e Engels) teve nos anos 1846 e 1847 como dirigente e inspirador de todo esse trabalho de organização,

é impossível compreender a importância como organizador em 1848 e 1849 e na Primeira Internacional.

Depois da viagem de Moll a Bruxelas, quando teve a certeza de que a maioria dos londrinos havia se livrado da influência de Weitling, resolveu, provavelmente com a iniciativa do comitê de Bruxelas, convocar o congresso em Londres, a cidade mais indicada naquelas circunstâncias. Foi então que começaram a debater e lutar contra diversas tendências. Em Paris, sobretudo, onde trabalhava Engels, a disputa era muito acirrada. Ao ler suas cartas, pode-se acreditar ter se transportado ao ambiente russo dos últimos anos. A luta de facções que descreve, lembra de um modo surpreendente nossas discussões sobre os diferentes programas.

Uma corrente estava representada por Grün, que defende o comunismo alemão ou comunismo “verdadeiro”, do qual se encontra uma crítica mordaz no *Manifesto Comunista*, enquanto Engels sustentava outro programa. Como é de se esperar, cada um dos adversários se esforçava para conquistar apoio, porém Engels acreditava ter alcançado a vitória não só por ter convencido os vacilantes como comunicara ao comitê de Bruxelas, mas porque foi mais astuto que seus adversários, os colocando contra a parede.

O congresso de Londres se reuniu no verão de 1847. Marx não assistiu. Wolf representou Bruxelas e Engels representou os comunistas parisienses. Os delegados eram poucos, porém nenhum permaneceu calado. Tampouco em 1898, quando se fundou o Partido Social-Democrata Operário Russo, o congresso de Minsk reunia oito ou nove pessoas que representavam a três ou quatro organizações.

Ficou deliberada a integração à *Liga dos Comunistas*. De nenhum modo trata-se da *Liga dos Justos* reorganizada,

como assegura Engels: esquece que era representante do comitê de correspondência de Paris fundado por ele mesmo. Foi adotado um estatuto cujo primeiro parágrafo declarava claramente a ideia essencial do comunismo revolucionário: “A Liga persegue a derrubada da burguesia e o domínio do proletariado, a supressão da velha sociedade burguesa, baseada no antagonismo de classes, e a instauração de uma nova sociedade sem classes nem propriedade privada”.

O estatuto da organização foi adotado sob a condição de que fosse submetido ao exame dos distintos comitês para que fosse aprovado definitivamente no seguinte congresso com as modificações que se julgasse necessário introduzir. O princípio do “centralismo democrático” estava na base da organização. Todos os membros deviam professar o comunismo e ajustar suas vidas aos propósitos da Liga. Um grupo determinado formava o núcleo principal do organismo, designado como “comunidade”. Havia comitês regionais. As diferentes regiões de um país se uniam sob a direção de um centro cujos poderes se estendiam sobre todo o país e que, por sua vez, deveria informar ao Comitê Central.

Esta organização chegou a ser um modelo para todos os partidos comunistas da classe operária no começo do seu desenvolvimento, porém tinha uma particularidade que logo desapareceu, ainda que antes de 1870 fosse encontrada entre os alemães. O comitê central da *Liga dos Comunistas* não era eleito nos congressos. Suas faculdades de centro dirigente eram transmitidas ao comitê regional da cidade escolhida pelo congresso como o lugar que sediaria o comitê central. Assim, se o congresso escolhia Londres, a organização desta região escolhia um comitê central de cinco membros pelo menos, de modo que estava assegurava sua estreita vinculação com a grande organização nacional. Este sistema reaparece

mais tarde entre os alemães na Suíça e na própria Alemanha. Seu comitê central estava sempre ligado a determinada cidade designada pelo congresso, como cidade de vanguarda.

Neste congresso foi decidido também elaborar uma “profissão de fé” comunista, que seria o programa da Liga; as distintas regiões deveriam apresentar as suas no congresso seguinte. Decidiu-se, ademais, editar uma revista popular. Foi o primeiro órgão operário de que tivemos conhecimento e, como podemos ver<sup>3</sup>, reivindicava abertamente o título de “comunista”.

Na primeira página desta publicação, surgida um ano antes do *Manifesto Comunista*, figura a palavra de ordem: “Proletários de todos os países, uni-vos”. É uma raridade bibliográfica. Não conheço desta revista mais do que três exemplares: este que encontrei em 1912 e descrevi em um artigo em 1914; outro encontrado mais tarde por Mayer nos arquivos da polícia de Berlim e descrito por ele em 1919, e o terceiro, que foi encontrado nos últimos tempos pelo professor Grünberg e publicado em uma edição especial.

Esta revista foi publicada somente uma vez. Os artigos do primeiro e único número foram escritos principalmente pelos representantes da *Liga dos Comunistas* estabelecida em Londres, que fizeram também a composição tipográfica. O editorial está redigido em forma muito popular. A linguagem fácil expõe as particularidades que distinguem a nova organização comunista das demais francesas e das de Weitling. Não foi citada nem uma só palavra sobre a *Liga dos Justos*. Um artigo dedicado ao comunista francês Cabet, autor da famosa utopia *Viagem à Icária*. Em 1847, este havia feito intensa propaganda para estabelecer na América pessoas dispostas a

---

3. O conferencista Riazanov mostrou um exemplar que pertencia ao Instituto Marx e Engels.

criar em terra virgem uma colônia comunista conforme o modelo descrito em seu livro. Se mudou para Londres especialmente para atrair os comunistas daquela capital. O artigo submetia o plano de Cabet a uma crítica minuciosa e recomendava aos operários não abandonar o continente europeu, porque somente na Europa seria possível instaurar o comunismo. Há, além disso, um grande artigo que, a meu juízo, deve ter sido escrito por Engels. A revista se encerra com um resumo político e social, do qual indubitavelmente o autor fora o delegado do comitê de Bruxelas no congresso, Wolf.

O segundo congresso foi realizado no fim de novembro de 1847 e, desta vez, foi assistido por Marx. Antes de se reunirem, Engels, de Paris, havia lhe avisado que tinha esboçado um projeto de uma espécie de catecismo ou profissão de fé, mas que julgava mais conveniente intitulá-lo *Manifesto Comunista*. Marx provavelmente levou ao congresso as teses por ele elaboradas. Ali, longe de tudo ir tão bem como descreve Steklov, calorosas discussões se desenvolveram. Os debates duraram vários dias e muito custou a Marx convencer a maioria da justeza do novo programa, que finalmente foi aceito em seus aspectos fundamentais. O congresso da *Liga dos Comunistas* o encarregou da redação não de uma profissão de fé, mas sim de um manifesto como havia proposto Engels. Designado pelo congresso, Marx, na composição do documento aproveitou, é verdade, o projeto preparado por Engels, porém somente ele ficou com a responsabilidade política do manifesto diante da Liga. Esta impressão de unidade se deve ao fato de que, precisamente, foi escrito apenas por Marx. Contém certamente ideias concebidas em comum por Marx e Engels, porém seu pensamento fundamental, como destacou o próprio Engels, pertence à Marx: “A ideia fundamental do Manifesto, a saber: que a produção econômica e a estrutura

social determinada por ela constituem o fundamento da história política e intelectual de uma dada época histórica, por conseguinte, toda a história, desde a desagregação da comunidade rural primitiva, tem sido a história da luta de classes, vale dizer, da luta entre explorados e exploradores, entre as classes dominadas e as dominantes, nas distintas etapas da evolução social, que esta luta chegou agora a um grau em que a classe explorada e oprimida (o proletariado) não pode libertar-se da classe que a oprime e explora (a burguesia) sem libertar ao mesmo tempo e para sempre toda a sociedade da exploração, da opressão e da luta de classes. Esta ideia fundamental, digo, pertence única e exclusivamente a Marx”.

Me detive nesse ponto para que se saiba, como sabiam a *Liga dos Comunistas* e Engels, que a elaboração do novo programa foi, em grande parte, obra de Marx e que a ele foi confiada a redação do Manifesto.

Possuímos uma carta interessante, que além de comprovar o que argumentamos, esclarece melhor as relações entre Marx e a organização essencialmente operária, que tinha uma tendência a considerar o “intelectual” unicamente como um homem com a capacidade de dar forma literária ao que pensa e quer o operário. Para que se compreenda melhor esta carta, adicionarei que de acordo com o estatuto, o congresso havia definido Londres como lugar de residência do comitê central, eleito, por sua vez pela organização desta cidade. A carta foi enviada em 26 de janeiro pelo comitê central ao comitê regional de Bruxelas, a fim de que fosse transmitido a Marx. Contém a resolução adotada em 24 de janeiro pelo comitê central: “O Comitê Central, por meio desta, encarrega o comitê regional de Bruxelas a comunicar ao cidadão Marx que se o *Manifesto do Partido Comunista*, cuja redação ficou a cargo dele no último congresso, não for entregue a Londres

antes da terça-feira, 1º de fevereiro do ano em curso, serão tomadas as medidas adequadas. No caso do cidadão Marx não cumprir o trabalho, o comitê central pedirá a devolução imediata dos documentos postos à sua disposição. Em nome do comitê central: Schapper, Bauer, Moll”.

Por esta carta imperativa se vê que Marx, em fins de janeiro, não havia cumprido a tarefa que lhe confiaram em dezembro. É uma característica de Marx: apesar de todo seu talento literário, não tinha facilidade para o trabalho. Elaborava sempre extensamente suas obras, sobretudo caso se tratasse de um documento importante. Neste caso, o queria perfeitamente redigido, de modo que pudesse resistir a ação do tempo. Temos uma página de um dos originais, que prova quanto cuidado colocava em cada frase.

O comitê central não precisou aplicar sanções. Marx terminou seu trabalho no início de fevereiro. É uma data digna de ser recordada. O manifesto foi publicado na segunda quinzena do mesmo mês, ou seja, alguns dias antes da Revolução de Fevereiro, de maneira que não pode ter influência alguma na preparação deste acontecimento e como os primeiros exemplares chegaram na Alemanha somente em maio ou junho de 1848, se compreende que tampouco pode ter grande influência sobre a revolução alemã. Nessa época, somente um reduzido grupo de comunistas de Bruxelas e Londres o conhecia e o compreendia.

Permitam-me agora que diga algumas palavras sobre o conteúdo do Manifesto. É o programa da *Liga dos Comunistas*, cuja composição temos algumas referências. Compreendia belgas e cartistas ingleses inclinados ao comunismo, sobretudo alemães. O Manifesto deveria considerar não um país qualquer isoladamente, mas o mundo burguês em seu

conjunto, ante o qual pela primeira vez os comunistas declaravam abertamente seus propósitos.

O primeiro capítulo é uma exposição brilhante e precisa da sociedade burguesa capitalista, da luta de classes engendrada por esta e que continua a se desenvolver sobre a base desta sociedade. Se constata ali como a burguesia se formou no seio do antigo regime feudal, como se transformaram gradualmente as condições de existência como consequência da mudança das relações econômicas, o papel revolucionário cumprido em sua luta contra o feudalismo, a que grau surpreendente chegou a desenvolver as forças produtivas da sociedade e como criou, pela primeira vez na história, a possibilidade da emancipação material da humanidade. Segue após isso uma síntese histórica do desenvolvimento do proletariado. Se vê que o proletariado se desenvolveu segundo leis determinadas, de igual modo que a burguesia, cujo desenvolvimento segue, passo a passo, como a sombra ao corpo.

De um modo progressivo se constituiu como classe especial, e o Manifesto explica como e em qual forma se desenvolveu sua luta contra a burguesia até o momento em que criou sua própria organização de classe.

A continuação do Manifesto expõe e refuta todas as objeções formuladas pelos ideólogos burgueses contra o comunismo. Não me deterei nisso, porque estou convencido de que todos já leram o Manifesto. Apoiando-se em Engels, ainda que em menor medida do que se acreditava, Marx expõe, em seguida, a tática dos comunistas perante todos os demais partidos operários. Convém destacar aqui uma interessante particularidade. O Manifesto diz que os comunistas não são um partido especial oposto aos outros partidos operários, mas que se distingue unicamente no sentido em que representam a vanguarda operária, que tem a vantagem de

compreender as condições, a marcha e as consequências gerais do movimento operário.

Agora que conhecem a verdadeira história da *Liga dos Comunistas*, será mais fácil compreender que a razão desta formulação da tarefa dos comunistas obedecia a situação do movimento operário, particularmente na Inglaterra, pois os vários cartistas que haviam na Liga consentiram em ingressar sob a condição de conservar seus vínculos com o partido e sem outro compromisso que não organizar uma espécie de núcleo comunista com o cartismo, para propagar ali o programa e os objetivos dos comunistas.

O Manifesto analisa as inumeráveis correntes que então lutavam pela hegemonia entre os socialistas e comunistas. As critica com violência e as rechaça categoricamente, excetuando os grandes utopistas Saint-Simon, Fourier e Owen, cujas doutrinas, sobretudo as dos dois últimos, haviam sido até certo ponto aceitas e reformuladas por Marx e Engels. Contudo, ainda adotando suas críticas ao regime burguês, o Manifesto opõe ao socialismo pacífico, ao utópico e ao que desdenhava da luta política, o programa revolucionário do novo comunismo crítico do proletariado.

Em sua conclusão, o Manifesto examina a tática dos comunistas durante a revolução, particularmente a respeito dos partidos burgueses. Para cada país, as regras dessa tática variam segundo as condições históricas concretas. Onde a burguesia é a classe dominante, o ataque do proletariado se dirige completamente contra ela, enquanto onde ainda aspira ao poder político, vide Alemanha, o Partido Comunista a apoia em sua luta revolucionária contra a monarquia e a nobreza, sem que jamais deixe de inculcar aos operários a consciência nítida da oposição dos interesses de classe burguesa e os do

proletariado. Como questão fundamental de todo o movimento, os comunistas colocam sempre em primeiro plano o problema da propriedade privada.

Na conferência seguinte falaremos sobre como foram aplicadas concretamente tais táticas elaboradas por Marx e Engels na véspera da revolução de fevereiro de 1848 e que modificações lhes foram introduzidas pela experiência desta revolução.

O Manifesto contém todos os resultados do trabalho científico a que Marx e Engels – especialmente o primeiro – se dedicaram de 1845 a 1847. Durante esse tempo, Engels estudou os materiais reunidos por ele sobre a *Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*; enquanto Marx trabalhava sobre a história das doutrinas políticas e econômicas. A concepção materialista da história que lhes possibilitou analisar com tanta justeza as relações materiais, as condições de produção e de distribuição, pelos quais se determinam todas as relações sociais, havia sido amadurecida por eles nesses anos, enquanto lutavam contra as distintas doutrinas idealistas.

Antes do Manifesto, Marx havia exposto a nova doutrina em forma mais completa e brilhante, polemizando contra Pierre-Joseph Proudhon. Contudo, em sua obra *A Sagrada Família* mostrava uma grande estima por Proudhon. O que provocou a ruptura entre os aliados de outrora? Proudhon, de origem operária e autodidata como Weitling, porém ainda mais talentoso, foi um dos publicistas franceses mais eminentes. Teve na literatura uma iniciação muito revolucionária. Em sua obra *O que é a Propriedade?*, publicado em 1841, criticava violentamente a propriedade burguesa e afirmava, com audácia, que definitivamente esta é um roubo. Mas logo se constatou que condenando a propriedade, Proudhon tinha em visto somente uma de suas formas, a propriedade capitalista

privada, baseada na exploração do pequeno produtor pelo grande capitalista. Ainda que reivindicasse a supressão da propriedade capitalista privada, Proudhon era adversário do comunismo, posto que somente na conservação e consolidação da propriedade privada do camponês e do artesão via o meio destes prosperarem, e a situação do operário, segundo ele, não podia melhorar pela luta econômica e pelas greves, mas sim pela transformação do operário em proprietário.

Proudhon adotou esse ponto de vista em definitivo em 1845-1846, época em que imaginou o plano mediante o qual defendia que salvaria os artesãos da ruína e faria dos operários, produtores independentes.

Já disse o que Engels fazia em Paris nesses momentos. Seu adversário principal no debate sobre os distintos programas existentes era Karl Grün, representante do “socialismo verdadeiro”. Grün estava ligado a Proudhon, cujas teorias divulgou entre os operários alemães residentes em Paris. Antes de Proudhon publicar sua nova obra destinada a desvelar todos os “antagonismos econômicos” da sociedade contemporânea, explicar a origem da miséria e dar a filosofia desta, havia comunicado suas ideias a Grün, que se apressou em utilizá-las em sua polêmica contra os comunistas.

Engels comunicou então o plano, por meio das palavras de Grün, ao comitê de Bruxelas: “E que vemos nele? – escreve. Nem mais nem menos que os “armazéns de trabalho” conhecidos há muito tempo na Inglaterra, as associações de artesãos de distintas profissões, que já muitas vezes fracassaram, um grande depósito; todos os produtos fornecidos aos membros das associações são avaliados segundo o custo da matéria prima e a soma do trabalho gasto em sua confecção, e se pagam com outros produtos cotados segundo o mesmo método. Os produtos que sobram na sociedade são vendidos

na praça e a soma que rende fica em proveito dos produtores. Assim crê o astuto Proudhon poder suprimir a ganância realizada pelo intermediário comercial”.

Em outra missiva, Engels explanou sobre novos detalhes sobre o plano de Proudhon e se indignava pelo fato de que fantasias como a da transformação dos operários em proprietários pela aquisição de oficinas mediante a poupança, ainda atraíam os trabalhadores alemães.

Publicado o livro de Proudhon, Marx trabalhou nisso e respondeu a *Filosofia da Miséria*, com uma obra intitulada *Miséria da Filosofia*, na qual refutou, uma a uma, todas as ideias de Proudhon e opôs a seus pontos de vista suas bases do comunismo crítico. Pelo brilho e pela precisão do pensamento, esta obra é uma digna introdução ao *Manifesto Comunista* e em nada perde em comparação com o último artigo de Marx contra Proudhon, escrito uns 30 anos mais tarde, em 1874, endereçado aos operários italianos. Este artigo, intitulado *A Indiferença Política* (publiquei este em russo em 1931 na revista *Proviestvhenie*) em nada difere da *Miséria da Filosofia*, o que demonstrava que já em 1847 o ponto de vista de Marx estava definitivamente elaborado.

Marx, insisto, já o havia formulado em 1845, porém em forma menos clara. Necessitou mais dois anos de trabalho tenaz para escrever a *Miséria da Filosofia*. Investigando as condições da formação e do desenvolvimento do proletariado na sociedade burguesa, se dedicou cada vez mais ao estudo das leis do capitalismo, que governam a produção e a distribuição. Examinou as doutrinas dos economistas burgueses à luz do método dialético e provou que todas as categorias fundamentais, que todos os fenômenos da sociedade burguesa: mercadoria, valor, dinheiro, capital, são coisas passageiras.

Na *Miséria da Filosofia* tentou pela primeira vez estabelecer as principais fases do processo da produção capitalista.

Sem ser mais do que um esboço, Marx já demonstrava o verdadeiro caminho, dono do método mais seguro que o orientava, como uma bússola, no labirinto da economia burguesa. Porém, esta obra demonstrava que não basta aplicar um método justo e que, longe de se limitar a deduções gerais, é necessário estudar minuciosamente o capitalismo para conhecer todas as engrenagens de um mecanismo tão complexo. Marx ainda teria pela frente um imenso trabalho para transformar em um monumental sistema esse esboço genial que é, em essência, o *Miséria da Filosofia* no que concerne ao estudo dos principais problemas econômicos.

Antes de que atingisse tal objetivo, que implicava a impossibilidade de ocupar-se do trabalho prático, pode assistir à Revolução de 1848, prevista e impacientemente esperada por ele e por Engels, para a qual prepararam e elaboraram as teses fundamentais expostas no *Manifesto Comunista*.

## Quinta Conferência

*A revolução alemã de 1848. Marx e Engels na Renânia. Fundação da Nova Gazeta Renana. Gottschalk e Willich.*

*A União Operária de Köln. Política e tática da Nova Gazeta Renana. Stephan Born. Mudança na tática de Marx. Derrota da revolução e pontos de vista divergentes na Liga dos Comunistas na divisão.*

Estamos na Revolução de Fevereiro. Demonstrei anteriormente que o *Manifesto Comunista* foi impresso alguns dias antes desta revolução. A organização da *Liga dos Comunistas* somente foi concluída em novembro de 1847. Esta organização englobava os círculos estrangeiros de Paris, Bruxelas e Londres e se relacionava com alguns pequenos grupos alemães. De forma que as forças organizadas com as quais podiam contar a seção alemã da *Liga dos Comunistas* eram poucas. A revolução eclodiu em Paris no dia 24 de fevereiro de 1848 e se estendeu rapidamente para a Alemanha. Em 3 de março aconteceu em Köln, principal cidade da Renânia, uma tentativa de levante popular. Os administradores da cidade foram obrigados a dirigir uma petição ao rei da Prússia para pedir uma intervenção diante da efervescência popular e que fossem feitas algumas concessões. Esta efervescência, ou se preferir, levantamento de 3 de março em Köln, estava dirigida por dois homens, Gottschalk, médico muito popular entre os operários e a população pobre da cidade, e Willich, um ex-oficial. Somente dez dias depois a revolução eclodiu em Viena, capital da Áustria; em 18 de março se estendeu a Berlim, capital da Prússia.

Neste momento, Marx estava em Bruxelas. O governo belga, para evitar ter o mesmo destino da monarquia francesa, investiu contra os emigrados residentes em Bruxelas, deteve Marx e o expulsou da Bélgica. Marx foi para Paris, para onde acabara de ser convidado. Um dos membros do governo provisório, Ferdinand Flocon, redator de um jornal que tinha Engels como colaborador, enviou imediatamente uma carta a Marx, na qual declarava que na livre terra francesa todos os decretos do velho governo estavam revogados.

O comitê regional de Bruxelas, a qual o de Londres havia transmitido plenos poderes desde que a revolução eclodira no continente, os enviou, por sua vez, a Marx. Entre os operários alemães reunidos então em grande número em Paris, surgiram desentendimentos e se organizaram distintos grupos. A um desses grupos aderiu o nosso compatriota Bakunin, que, como o poeta alemão Herweg, manteve seu projeto. Este organizou uma legião revolucionária, se colocou como líder e se dirigiu à fronteira, onde foi derrotado. Marx e outros camaradas conseguiram chegar a Alemanha e se radicaram em diferentes locais. Marx e Engels se estabeleceram na Renânia.

O fato da seção alemã da *Liga dos Comunistas* não possuir nenhuma organização, deve ter sido levado em conta por Marx e Engels. Existiam somente simpatizantes isolados. O que deveriam fazer Marx, Engels e os camaradas mais próximos? Quarenta anos mais tarde, Engels se esforçou para explicar a tática que Marx e ele aplicaram na Alemanha de 1848, e ofereceu uma resposta clara a uma pergunta, feitas por alguns jovens camaradas. Perguntavam porque, ao invés de ir a Berlim, Marx e ele ficaram em Köln, cidade da Renânia. Escolhemos a Renânia – dizia Engels – porque esta era a província de maior desenvolvimento industrial; porque nesta o código

de Napoleão, herança da Revolução Francesa, ainda estava em vigência, o que os permitia dispor de maior liberdade de ação e de agitação. Ademais, na Renânia também havia um proletariado numeroso. Mas a verdade é que Köln não era então a cidade mais desenvolvida do ponto de vista comercial, mas a sede do poder administrativo e o centro da Renânia. Por sua população, Köln estava entre as mais importantes cidades renanas, ainda que somente tivesse 80 mil habitantes. Possuía um contingente operário bastante numeroso, ainda que a proporção de operários empregados na grande indústria fosse ínfima. As refinarias eram as principais fábricas. Neste tempo, Köln era muito conhecida pela água de colônia, mas não existiam grandes indústrias mecânicas. O desenvolvimento da indústria têxtil era menor do que em Elberfeld e Bremen. Em todo caso, Marx e Engels tinham razões plausíveis para escolher Köln como local de residência. Queriam realizar um trabalho de agitação em toda a Alemanha, fundar um grande jornal que pudesse ser uma tribuna para suas ideias em todos os países e, para isso, Köln era, em seu juízo, o lugar mais propício. Na Renânia, em 1842, havia sido editado o primeiro grande órgão político da burguesia alemã. Na época, se preparava o lançamento de um jornal, a qual conseguiram se apoderar em seguida.

Contudo, esse jornal era tido como órgão da democracia. Aqui Engels se esforçou para explicar porque escolheram a denominação “órgão da democracia”. Argumentou que naquele momento não existia nenhuma organização proletária e que por isso eram somente possíveis duas ações: ou empreender desde o primeiro dia a organização de um partido comunista, ou então utilizar as organizações democráticas existentes, agrupá-las em um organismo único, realizar neste a propaganda necessária e atrair a ele as diferentes sociedades

operárias então existentes. Marx e Engels optaram pelo segundo caminho: renunciaram a constituir organizações proletárias especiais na Renânia e entraram para a Sociedade Democrática de Köln. Por isso desde o começo, se encontraram em uma posição um tanto quanto falsa a respeito da União Operária de Köln, fundada imediatamente após o 3 de março por Gottschalk e Willich.

Como vimos, Gottschalk era um médico bastante popular entre as classes necessitadas de Köln. Por suas teorias, não era comunista. Antes da fundação da *Liga dos Comunistas* se aproximara de Weitling e seus partidários. Era um bom revolucionário, porém deixava-se facilmente influenciar por correntes contrárias. Pessoalmente irrepreensível, carecia de um programa firme, ainda que compreendesse bem o caráter da democracia, pois em sua primeira intervenção no conselho municipal declarou: “não é em nome do povo que tomo a palavra, pois os demais conselheiros municipais também pertencem ao povo; me dirijo a vocês unicamente em nome da classe operária”. Deste modo, distinguia a classe operária e os trabalhadores, frente a nação em geral. Advogava pela ação revolucionária, porém, republicano, ao mesmo tempo reclamava uma federação de repúblicas alemães. Isso foi, como veremos adiante, um dos pontos essenciais de sua divergência com Marx. A sociedade por ele fundada, União Operária de Köln, havia reunido rapidamente quase todos os elementos proletários da cidade. Contava com 7 mil membros, o que é bastante para uma cidade de 80 mil habitantes.

A União Operária de Köln, entrou, em seguida, em conflito com a organização a qual pertenciam Marx e Engels. No seio da União Operária haviam elementos que não compartilhavam do critério de Gottschalk. Moll, que havia sido enviado pelo comitê comunista de Londres para o de Bruxelas para

preparar a organização do congresso, que era um dos principais membros da União Operária e, evidentemente, unido estreitamente a Marx e Engels. A esta mesma união também pertencia Schapper, que atuava do movimento operário desde 1830. De tal sorte, não tardou o surgimento de frações na União Operária, frente a qual funcionava a sociedade democrática.

Isso foi resultado do plano que Engels expôs posteriormente em um artigo publicado na *Nova Gazeta Renana*. Marx e Engels esperavam tornar seu jornal, que começou a ser publicado em Köln em 19 de julho de 1848, o centro que aglutinaria, no curso da luta revolucionária, todas as futuras organizações comunistas. Seria errôneo acreditar que Marx e Engels entraram no “órgão da democracia” na qualidade de democratas. Ingressaram ali como comunistas, considerando-se a extrema esquerda da democracia. Nunca deixaram de criticar do modo mais violento, não apenas os erros do partido liberal alemão, mas também os da democracia, tanto que nos primeiros meses perderam todos os acionistas. Em seu primeiro artigo publicado na *Nova Gazeta Renana*, Marx criticou duramente a democracia. Quando se soube que o proletariado parisiense havia sido esmagado durante as jornadas de julho, que Cavaignac, apoiado por todos os partidos burgueses, havia massacrado milhares de proletários, a *Nova Gazeta Renana*, órgão da democracia, publicou um apaixonado artigo, no qual atacava os verdugos burgueses e os satélites da democracia. Eis aqui uma curta passagem do dito artigo: “Os operários parisienses foram esmagados por um inimigo superior em força, mas não aniquilados. Foram derrotados, porém seus inimigos estão vencidos. O triunfo efêmero da força brutal desvaneceu todas as ilusões da Revolução de Fevereiro, demonstrou a desintegração do antigo

partido republicano, a divisão da nação francesa em duas partes: a dos possuidores e a dos proletários. Daqui por diante, a república tricolor terá somente uma cor, a cor dos vencidos, a cor do sangue. Se transformou na república vermelha. A Revolução de Fevereiro foi uma revolução magnífica, a revolução que contou com a simpatia geral porque as contradições que surgiram nela mais tarde estavam ainda em estado latente, e a luta social, que era sua base, era unicamente verbal. A Revolução de Junho, pelo contrário, foi uma revolução repugnante, porque a ação substituiu a frase, porque a mesma república descobriu a cabeça do monstro arrancando a coroa que o mascarava. O profundo abismo que se abriu perante nossos olhos vão desencorajar a nós, democratas, e nos fazer acreditar que as lutas pelas formas de governo são ilusórias e a nada conduzem? Apenas os espíritos débeis, acomodados, podem responder assim. Há que lutar para vencer os conflitos que nascem das próprias contradições da sociedade burguesa e que não podem ser derrotadas a partir de sonhos quiméricos. A melhor forma de Estado é aquela na qual os antagonismos sociais não são apagados e nem suprimidos pela força, ou seja, artificial e superficialmente. A melhor forma de governo é aquela na qual tais antagonismos se chocam livremente na luta e por essa mesma encontram sua solução. Contudo, nos dirão, não teremos uma lágrima, um suspiro, uma palavra, para as vítimas do furor popular, para a guarda nacional, a guarda móvel, a guarda republicana, as tropas? O Estado se ocupará das viúvas e dos órfãos, decretos os elevarão as nuvens, receberão grandes funerais solenes, serão proclamados como imortais pela imprensa oficial, de leste a oeste a reação europeia glorificará seus nomes. Porém, os plebeus torturados pela fome, ridicularizados pela imprensa, abandonados pelos médicos, chamados de ladrões, incendiários e

criminosos por nossos cidadãos “honrados”; suas mulheres e seus filhos serão jogados na mais absoluta miséria; seus representantes sobreviventes do massacre, desterrados para além dos mares... é o privilégio e o direito da imprensa democrática de ter em sua frente uma coroa de louros”.

Este artigo foi escrito em 28 de junho de 1848. Não pode pertencer a pluma de um democrata: somente um comunista poderia ser seu autor e, por sua tática, Marx e Engels não enganavam ninguém. Assim o jornal deixou de receber qualquer subsídio da burguesia democrática e se transformou no verdadeiro órgão dos operários de Köln, do proletariado alemão.

Durante esse tempo, outros membros da *Liga dos Comunistas* esparsos por toda a Alemanha prosseguiram seu trabalho. Considero necessário mencionar especialmente a um: Stephan Born, tipógrafo. Engels o julgou de forma desfavorável em um prefácio de um livro de Marx.

Born seguia uma tática distinta. Em sua chegada a Alemanha, radicou-se em Berlim, centro operário de importância, e se entregou à tarefa de criar uma grande organização operária. Com a ajuda de alguns camaradas fundou um pequeno órgão, *Fraternidade Operária*, e realizou uma metódica agitação entre as distintas categorias de trabalhadores. Não se limitou, como haviam feito anteriormente Gottschalk e Willich em Köln, a organização de uma sociedade operária puramente política. Empreendeu a organização de diferentes sociedades destinadas a defesa dos interesses operários, e dedicou tanta energia à obra que logo sua organização se estendeu a algumas cidades vizinhas e a outras regiões da Alemanha. Todavia, esta organização apresentava uma lacuna. Era puramente operária e, tal qual mais tarde o “economicismo” russo também defenderia, insistia demasiadamente sobre as

tarefas exclusivamente econômicas da classe trabalhadora. Assim, enquanto alguns membros da *Liga dos Comunistas*, como Born, homem de talento, criavam essas organizações puramente operárias, outros no sul da Alemanha, como Marx, empregavam toda sua força na transformação do partido democrático em objeto no qual a classe operária fosse o núcleo fundamental, e para torna-lo o mais democrático possível. Nesta direção seguia o trabalho de Marx. A *Nova Gazeta Renana*, tratava de todas as questões de importância, e desta forma pode-se considerá-la um modelo de jornal revolucionário. Nenhum outro jornal russo ou europeu chegou à altura da *Nova Gazeta Renana*. Ainda que em breve completem 75 anos, os artigos não perderam nada de sua atualidade, do seu ardor revolucionário, de sua aguda análise dos acontecimentos. Ao lê-los, sobretudo os de Marx, podemos assistir a história da Revolução Alemã, da Revolução Francesa, contada por elas mesmas, tão vivo é o estilo e tão profundo o sentido.

Qual era o ponto central da política interior e exterior da *Nova Gazeta Renana*? Antes de passar a esta questão, devemos destacar que Marx e Engels não possuíam outra experiência revolucionária além da grande Revolução Francesa. Marx havia estudado atentamente sua história e procurado extrair princípios táticos para empregá-los na ocasião da futura revolução, que ele, ao contrário de Proudhon, previa com justeza. Logo, o que nos tem a ensinar a Revolução Francesa? Esta revolução, eclodida em 1789, representava um largo processo que durou dez anos, de 1789 a 1799, ou seja, até o ano em que Bonaparte dá o golpe de Estado. A experiência da Revolução Inglesa do século XVII ensinava igualmente que a revolução futura seria provavelmente de longa duração. A revolução começou em meio à alegria e ao entusiasmo geral; a burguesia liderou o povo oprimido, derrubou o absolutismo,

e somente depois do seu triunfo se desenvolveu a luta, e no curso desta, desta revolução mais radical, o poder passou cada vez mais aos partidos extremos. Esta luta se deu durante três anos e se encerrou com a tomada do poder pelos jacobinos. Parecia a Marx, que havia estudado atentamente a organização do partido político jacobino, que no curso do prolongado desenvolvimento da revolução pode-se organizar uma força que constituía progressivamente a fortaleza da ação. Esta premissa teórica explica seu erro. Conservou por algum tempo essa opinião, até que uma série de acontecimentos o obrigaram a desfazê-la. O fracasso de junho do proletariado parisiense foi o primeiro golpe assestado à revolução no ocidente e imediatamente permitiu à reação se levantar na Prússia e na Áustria. Ademais, por detrás da Prússia e da Áustria estava a Rússia com Nicolau I, que desde o início havia oferecido ajuda ao rei prussiano. Desde o primeiro instante, este declinou a oferta no que concerne à força militar, mas aceitou o dinheiro. Nicolau I possuía então as reservas de ouro mais significativas da Europa. O dinheiro foi usado em proveito do governo prussiano. Nicolau I ofereceu batalhões russos ao governo austríaco, contra o qual se havia sublevado a Hungria, e a proposta foi aceita.

Apoiando-se novamente na experiência da Revolução Francesa, a *Nova Gazeta Renana* traçou a seguinte tática. A guerra contra a Rússia era o único meio favorável para a revolução na Europa ocidental amordaçada por causa da derrota do proletariado parisiense. A história da Revolução Francesa ensinou que a ofensiva da coalizão contra a França deu novo impulso ao movimento revolucionário. Os partidos moderados foram jogados ao mar. A direção do movimento foi tomada pelos partidos que mais energicamente rechaçaram a agressão estrangeira. O ataque da coalizão contra a França,

conduziu, em agosto de 1792, a proclamação da República. Marx e Engels deduziam que a guerra reacionária contra a nova revolução teria as mesmas consequências. Por isso a *Nova Gazeta Renana* criticava violentamente a Rússia. Apresentava esta como uma força sempre disposta a sustentar a reação austríaca e alemã. Em cada artigo demonstravam que a guerra contra a Rússia era o único meio para salvar a revolução e se esforçavam para preparar a democracia para esta guerra contra os russos, como a única solução racional. Marx e Engels, repito, se dedicaram a provar que a guerra contra a Rússia daria um novo impulso a revolução e reforçaria as aspirações revolucionárias do povo alemão. Por isso, defendiam em seu jornal todos os movimentos de oposição contra o regime existente; foram os defensores mais ardentes da revolução húngara e apoiaram os poloneses, que pouco antes executaram uma tentativa de insurreição. Eles reivindicavam a restauração da Polônia independente e que a Alemanha e a Áustria reintegrassem as províncias que lhe haviam tomado, e que a mesma coisa fosse feita pela Rússia. Partidários da união da Alemanha em uma república única, reclamavam à Dinamarca a restituição de algumas regiões alemãs, com exceção das regiões dominadas pelo elemento dinamarquês. Em uma palavra, eram fiéis a tese fundamental do *Manifesto Comunista* e apoiavam todo movimento revolucionário dirigido contra a ordem vigente. Mas, não se pode ocultar (e isso se advertirá quando da oportunidade de ler os artigos publicados por Marx e Engels na *Nova Gazeta Renana*) que nestes brilhantes artigos preponderava o aspecto político; sempre se critica neles os atos políticos da burguesia e da burocracia. A *Nova Gazeta Renana* dedicava relativamente um espaço diminuto à questão operária. Sob este aspecto, é interessante

comparar o jornal de Marx com o de Born. O do segundo parecia um periódico especial das cooperativas: dedicava à questão operária uma maior atenção. O mesmo não era feito pela *Nova Gazeta Renana*, que raramente tocava nessa questão. Criticava de forma violenta a declaração dos direitos fundamentais do povo alemão e arremetia contra a legislação impregnada do espírito do liberalismo nacional. Tomava a defesa vigorosa dos camponeses, demonstrando à burguesia a necessidade de sua emancipação. Porém, até fins de 1848 são escassos os artigos dedicados às reivindicações da classe operária. Tais reivindicações não figuravam em nenhuma parte da *Nova Gazeta Renana*, quase inteiramente absorvida pelas tarefas políticas fundamentais, que consistia em acender as paixões políticas e preconizar a criação de forças revolucionárias democráticas capazes de varrer em um só golpe todas as sobrevivências do regime feudal na Alemanha.

No fim de 1848 a situação se modificou. A reação, que começou a se reforçar depois da derrota do proletariado parisiense, ampliou este processo em outubro de 1848. O esmagamento do proletariado húngaro com a ajuda russa, contribuíram com o fracasso do movimento de Berlim. O governo prussiano demonstrou coragem e, em dezembro de 1848, dissolveu a Assembleia Nacional e impôs ao país uma constituição elaborada por ele mesmo. Nesse momento, a burguesia prussiana, procurava firmar um acordo com o povo.

Marx, pelo contrário, demonstrava que o poder real sofreu uma derrota em março de 1848 e não é questão de se propor um acordo com ele. O próprio povo deve elaborar uma constituição sem preocupar-se com o poder real e proclamar na Alemanha uma república única e indivisível. Porém, a Assembleia Nacional, onde a burguesia liberal democrática tinha hegemonia, temia o resultado de uma ruptura definitiva

com a monarquia. Seguiu sua política de conciliação até o momento da dissolução da assembleia.

Então, pareceu bem claro para Marx a impossibilidade de contar com apoio da ala mais radical da burguesia alemã. A fração democrática da burguesia, da qual se podia esperar a obtenção das liberdades políticas que permitiriam o desenvolvimento da classe operária, se mostrou incapaz de cumprir essa tarefa. Eis a caracterização desta burguesia feita por Marx em dezembro de 1848, após a triste experiência de Berlim e Frankfurt: “Enquanto as revoluções de 1648 e de 1789 podem se orgulhar de ter realizado uma obra de criação, as de Berlim de 1848 puseram sua honra em ser um anacronismo. Sua luz se parece com a das estrelas que chega aos habitantes da terra dez mil anos depois de se extinguirem no astro que a emitiu. A revolução prussiana de março é para a Europa um pequeno astro deste gênero. Sua luz é a de um cadáver social há muito tempo em decomposição. A burguesia alemã se desenvolveu tão suave, indolente e lentamente, que no momento em que se alçou na luta contra o feudalismo e contra o absolutismo, se fez hostil ao proletariado e a todas as camadas de população urbana cujos interesses e ideias se assemelham. Viu que toda a Europa estava a sua frente. Contrariamente a burguesia francesa de 1789, a burguesia alemã não foi a classe que defenderia toda a sociedade contemporânea contra os representantes da velha ordem. Desceu ao nível de uma categoria social oposta à monarquia e ao povo, indecisa diante cada um dos seus aniversários, pois a teve sempre, tanto adiante como atrás dela. Desde o começo inclinou-se à traição do povo e à conciliação com os “coroados” da velha sociedade, a qual ela mesmo ainda pertencia; não representava os interesses da nova sociedade contra a velha, porém tinha interesses renovados no seio de uma sociedade

envelhecida; não exerceu a direção do processo revolucionário porque o povo estava atrás dela, mas porque o povo a pôs diante dele; não liderou porque representava a iniciação de uma nova época social; foi uma camada do velho Estado, camada social que não traçou sua própria rota, porém que pela força do cataclismo foi posta à cabeça do novo Estado. Sem confiança em si mesma, sem fé no povo, resmungando contra os grandes, tremulando perante os pequenos, egoísta a respeito de uns ou outros e, com consciência do seu egoísmo, revolucionária diante dos conservadores e conservadora diante dos revolucionários; sem confiança em suas próprias palavras de ordem, com frases ao invés de ideias, assustada pela tempestade mundial e explorando esta tormenta. Sem energia e recorrendo ao plágio em todos os aspectos, original apenas em sua baixeza; transigente com seus próprios desejos, sem iniciativa, sem confiança em si mesma, sem fé no povo, sem vocação histórica mundial; velha decrépita, amaldiçoada por todos e condenada em sua caducidade a dirigir as aspirações juvenis de um povo e a desviá-las; velha cega, surda e desdentada: tal era a burguesia prussiana quando, depois da revolução de março, se viu na direção no Estado”.

Esta caracterização demonstra de maneira justa a burguesia alemã de 1848. Como se vê, também se pode aplicar integralmente à burguesia russa.

Marx havia visto a burguesia em ação. As esperanças que concebeu, ainda que com muitas reservas, no *Manifesto Comunista*, sobre a burguesia progressista, não se realizaram. Por isso, desde o outono de 1848, Marx e Engels modificaram a tática usada em Köln e na *Nova Gazeta Renana*. Sem recusar o apoio da democracia burguesa, sem romper organicamente com o partido democrata, Marx mudou o centro de gravidade

do seu trabalho para os meios proletários. Com Moll e Schapper reforçou a propaganda no seio da sociedade operária de Köln, que tinha também seu representante no *Comitê Regional das Sociedades Democráticas*. Após a prisão de Gottschalk, Moll foi eleito presidente da sociedade operária, o que evidencia a ampliação da força dos comunistas. A corrente federalista, que tinha em Gottschalk a principal figura, se converteu em minoria. Quando Moll necessitou fugir temporariamente de Köln, Marx foi eleito, apesar de suas reiteradas negativas, para ocupar seu lugar. Em fevereiro, data das eleições ao novo parlamento, as divergências surgiram. Marx e seu grupo insistiam que onde não fosse possível eleger os próprios candidatos: os operários votassem nos democratas, contra o que a minoria protestou.

Na sequência, em março e em abril, as divergências entre os operários e os democratas reunidos no *Comitê Regional das Sociedades Democráticas* se revestiram de tamanha agudização, que a cisão foi inevitável. Marx e seus camaradas saíram do Comitê. A sociedade operária retirou seu representante e procurou relacionar-se com as sociedades operárias organizadas por Born na Alemanha oriental. A sociedade operária foi reorganizada e transformada em clube central com nove seções ou clubes operários. Marx e Schapper publicaram no final de abril uma chamada, na qual convidavam todas as sociedades operárias da Renânia e da Westphalia para um congresso regional, para organizar e eleger delegados de um congresso operário a ser realizado em junho em Leipzig.

Contudo, no momento em que Marx e seus camaradas se dedicavam a organização do partido da classe operária, foi desferido um novo golpe contra a revolução. O governo da Prússia, que acabara de dissolver a Assembleia Nacional prusiana, resolveu fazer o mesmo com a Assembleia Nacional

alemã. Então foi iniciada no sul da Alemanha o que se chama de luta pela constituição do Império.

Em razão desta situação, Marx devia agir em Köln com maior prudência. Certo é que não estava reduzido à ação clandestina, mas podia ser expulso de Köln mediante uma simples ordem dada pelo governo. Com efeito, exposto as contínuas perseguições do governo prussiano, expulso de Paris por causa deste último e temendo sê-lo na Bélgica, Marx decidiu, no final das contas, renunciar à nacionalidade prussiana, sem adotar nenhuma outra. De forma que quando voltou a Köln, as autoridades o reconheceram como cidadão da Renânia, porém exigiram a sanção das autoridades prussianas de Berlim, que decidiram que Marx havia perdido os direitos inerentes a sua condição de cidadão da Prússia. Por isso Marx, que realizava reiteradas tentativas de reintegração dos seus direitos de cidadão prussiano, foi obrigado, durante o segundo semestre de 1848, a renunciar a toda ação pública. Quando a onda revolucionária se elevava e a situação se tonava mais favorável, intervivia publicamente na luta, porém desde que a reação ganhou terreno e a repressão se fez mais rigorosa em Köln, reduziu sua atividade jornalística, ou seja, a direção da *Nova Gazeta Renana*. Por isso aceitou, contra sua vontade, assumir a presidência da sociedade operária de Köln.

A modificação da tática introduziu mudanças na *Nova Gazeta Renana*. Somente depois de tal modificação aparecem os primeiros artigos sobre “O Trabalho assalariado e o Capital”. Marx precedeu estes artigos com uma larga introdução, na qual explica o porquê de a *Nova Gazeta Renana* não ter ainda tocado na questão do antagonismo entre o capital e o trabalho. Esta introdução tem uma grande importância pois marcou uma mudança de tática, porém esta alteração foi produzida demasiadamente tarde. Isto foi em fevereiro, e em

maio a revolução alemã já havia sido completamente esmagada. O governo prussiano enviou suas tropas ao sudoeste da Alemanha. A *Nova Gazeta Renana* foi a primeira, em 19 de maio, a ser empastelada. Tivemos em nossas mãos o último número deste jornal, o 301, o célebre número vermelho, que começa com uma poesia de Freiligrath, seguida de uma convocação de Marx para pôr em guarda os operários e para adverti-los que não devem se deixar cair em provocações. Marx, em seguida, foi embora da Renânia. Agora na condição de estrangeiro, foi obrigado a abandonar a Alemanha; enquanto que os demais redatores, se dispersaram para estabelecer-se em diferentes lugares, Engels, Moll e Willich foram com os sublevados do sul.

Após algumas semanas de resistência heroica, mas mal organizada, as tropas prussianas obrigaram os rebeldes a se refugiar na Suíça. Os velhos membros da redação da *Nova Gazeta Renana* e da sociedade operária de Köln se instalaram em Paris, mas depois da abortada manifestação de 31 de junho de 1849 foram perseguidos e obrigados a se retirar da França. No princípio de 1850 quase toda a velha guarda da *Liga dos Comunistas* se encontrava novamente reunida em Londres. Moll faleceu no sul da Alemanha no curso da insurreição. Estavam em Londres, Marx, Engels, Schapper, Willich e Wolf.

No começo, como pode ser constatado em seus artigos, Marx e Engels não haviam perdido as esperanças; acreditavam que uma detenção temporal do movimento seria seguida de um novo empurrão revolucionário. Para não ser pegos de surpresa, trataram de reforçar sua organização e de pô-la em estreito contato com a Alemanha. A velha *Liga dos*

*Comunistas* se reorganizou, agrupou os membros que já havia pertencido a ela e a novos elementos recrutados na Silésia, em Breslau e na Renânia.

Porém, depois de alguns meses surgiram divergências na Liga entre os comunistas de esquerda e os de direita. Eis o motivo da discussão. No início de 1850, Marx e Engels acreditaram que não demoraria muito para surgir um novo avanço revolucionário. Nesta época, a *Liga dos Comunistas* lançou suas duas famosas circulares, escritas principalmente por Marx. Lenin as conhecia de cabeça, por assim dizer, e as citava com frequência.

Para orientar-se bem, é preciso lembrar os erros cometidos por Marx e Engels durante a Revolução de 1848. As circulares demonstram que é necessário criticar implacavelmente não somente o liberalismo burguês como também a democracia; que há de concentrar todos os esforços para opor à organização democrática uma organização operária; que antes de tudo há que se criar um partido operário. A luta contra os democratas não deve cessar; a cada uma de suas reivindicações há de responder com uma mais radical. Se os democratas reclamam a jornada operária de nove horas, nós reivindicaremos a de oito; se pedem a expropriação das grandes propriedades de terra com indenização, nós pediremos a confiscação pura e simples. É necessário recorrer a todos os meios para fazer avançar a revolução, para fazê-la contínua, para pô-la constantemente na ordem do dia. Não se deve dormir sob os louros, satisfeitos com algum êxito alcançado. Cada conquista deve ser um passo para chegar a conquista seguinte. Declarar a revolução encerrada é traí-la. Há que operar de tal modo que o regime social e político, minado por todas as partes, desmorone gradativamente até que o livre-mos de todas as sobrevivências dos antagonismos de classes.

Sobre a análise da “situação social” começaram as divergências. Contrariamente a seus adversários, dirigidos por Schapper e Willich, Marx, fiel ao seu método, partia do fato de que toda revolução política é a consequência de determinadas condições econômicas, de uma certa revolução econômica. A Revolução de 1848 foi precedida pela crise de 1844, que alcançou quase toda a Europa, salvo as regiões extremas do oriente. Logo, analisando desde Londres a nova situação econômica, o estado do mercado mundial, Marx se convenceu de que a situação não era naquele momento favorável para uma explosão revolucionária, e que a ausência dessa pujança de lutas que esperava com seus camaradas, não se explica unicamente pela falta de iniciativa ou de energia por parte dos revolucionários. Ao fim de 1850, a análise detalhada da situação o levou a conclusão de que, considerado o estado de prosperidade econômica, toda tentativa de eclodir a revolução entre o povo, para organizar uma insurreição armada terminaria em um fracasso tão inevitável quanto inútil. O capital na Europa se encontrava nesse momento em condições de desenvolvimento extremamente favoráveis. Acabara-se de descobrir minas de ouro de uma riqueza imensa na Califórnia e na Austrália, para onde fluíam em massa, parte dos operários. Uma onda de emigração europeia, iniciada no segundo semestre de 1848, se ampliou notavelmente em 1850.

De modo que a análise das condições fez Marx compreender que a revolução havia perdido terreno, que era necessário esperar uma nova crise econômica que então criaria condições favoráveis para uma renovação do movimento revolucionário. Todavia, tal ponto de vista não era compartilhado por todos os elementos presentes na *Liga dos Comunistas*. Era confrontado, particularmente, por aqueles que não possuíam a formação científica, a ciência econômica de Marx,

e que atribuíam uma importância exagerada as iniciativas de algumas personalidades determinadas. Willich, que com Gottschalk incitou a insurreição de 3 de março em Köln e desempenhou um grande papel no sul da Alemanha, assim como Schapper e vários outros membros da Liga dos Comunistas afiliados a União Operária de Köln e velhos partidários de Weitling, se uniram e preconizaram a organização de uma nova insurreição. Segundo eles, bastava conseguir a quantidade de dinheiro necessária e reunir alguns homens resolutos para provocar um foco insurrecional na Alemanha. Em busca de dinheiro, tentaram um empréstimo na América, para levantar a revolução alemã. Marx, Engels e alguns dos seus camaradas se negaram a participar de tal campanha. Assim se produziu uma cisão; a *Liga dos Comunistas* se dividiu em duas frações: a de Marx e Engels e a de Willich e Schapper.

Neste momento, a seção alemã da *Liga dos Comunistas* sofreu um infortúnio. Já em 1850, Marx e Engels, ao mesmo tempo em que se efetuava uma reorganização da *Liga dos Comunistas* em Londres, haviam tentado reorganizar e consolidar a mesma na Alemanha. Enviaram a este país muitos agentes para entrevistar os comunistas alemães. Um deles foi preso e com ele foram encontrados documentos que permitiram à polícia prussiana, dirigida pelo famoso Stieber, derubar alguns camaradas. Um grande número de comunistas foi encarcerado. Para demonstrar à burguesia prussiana que não era necessário sentir falta de algumas das liberdades que lhe foram retiradas em 1850, o governo prussiano promoveu em Köln um grande processo contra os comunistas. Numerosos camaradas, entre eles Lessner e Becker, foram condenados a longos anos de prisão. O processo revelou a participação de certo número de agentes provocadores no movimento e permitiu a comprovação de que Stieber, havia recorrido à

falsificação de processos verbais e a toda sorte de falsos testemunhos.

Por resolução do grupo de comunistas que ficaram com ele, Marx escreveu um folheto a propósito do processo contra a *Liga dos Comunistas*, na qual revela todas as maquinações da polícia prussiana. Porém os condenados não tiraram grande proveito disso. Encerrado o processo, Marx, Engels e seus camaradas chegaram à conclusão de que, visto que havia terminado todas relações com a Alemanha, a *Liga dos Comunistas* não podia fazer mais nada, que era necessário aguardar um momento mais favorável e, no fim de 1852, decretaram sua dissolução. Outra parte da Liga, a fração de Willich e Schapper, vegetou ao redor dos seus membros; Schapper compreendeu que havia cometido um erro em 1852 e se reconciliou com Marx e Engels. Em seguida, veremos o que fizeram Marx e Engels durante todo o tempo no qual não havia possibilidade de desenvolver uma ação revolucionária direta.

## Sexta Conferência

*A reação de 1852 a 1862. O New York Tribune. A guerra da Crimeia. As opiniões de Marx e Engels. A questão italiana. Debate de Marx e Engels com Lassalle. Polêmica com Vogt. A atitude de Marx diante de Lassalle.*

Após termos como a liquidação da *Liga dos Comunistas* fez com que Marx e Engels cessassem durante longos anos toda atividade política direta, analisaremos agora o período que vai do ano 1852 até a fundação da Primeira Internacional e intentarei explicar o porquê de Marx e Engels ter permanecido inativos por todo este tempo. A reação iniciada em 1849 se intensificou até culminar em 1854. Foram suprimidas todas as liberdades políticas, proibidas todas as uniões operárias. A imprensa livre já havia desaparecido no segundo semestre de 1849. A Prússia havia conservado uma câmara de deputados, porém terrivelmente reacionária.

Marx e Engels tiveram que resolver então tão árdua questão para a existência material que é a do pão cotidiano, já que um gênio, como qualquer homem, necessita comer.

É difícil imaginar até que extremo era penosa sua situação nesses momentos, sobretudo devido ao fato de que Engels havia tido violentas discussões com seu pai, um rico industrial, dono de fábricas na Alemanha e Inglaterra, e não queria se humilhar perante dele.

Ambos buscaram com empenho alguma tarefa intelectual, porém a Alemanha lhes era hostil. Na América tinha a possibilidade de trabalhar em jornais operários, mas essa colaboração nada aportava.

Marx escreveu então para uma revista estadunidense sua obra histórica mais genial: *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. É a história da Revolução de Fevereiro e nela Marx demonstra como a luta de classes determinou sua sorte, como os distintos partidos da burguesia, até a fração mais democrática, voluntária e jubilosamente, ou sem querer e derramando lágrimas, traíram ao proletariado entregando-o aos generais e verdugos e como, no final, foram preparadas progressivamente as condições que permitiram a uma nulidade como Napoleão III tomar o poder.

A situação material de Marx piorou. Durante os primeiros anos de sua estadia em Londres perdeu dois dos seus filhos, um garoto e uma menina. Ao morrer esta não se tinha dinheiro sequer para o enterro.

Engels decidiu então, mesmo com má vontade, voltar a seu “ofício desprezível”, como chamava a prática do comércio, ocupando um emprego na sucursal inglesa da fábrica do seu pai. Foi para Manchester. No começo não era mais do que um simples empregado e teve que, por conseguinte, ganhar a confiança do pai e da direção da sucursal, demonstrando ser capaz de ser um bom comerciante.

Marx permaneceu em Londres. Da *Liga dos Comunistas* só restou um pequeno número de operários, alfaiates e tipógrafos, reunidos em torno de uma sociedade de educação comunista. Inesperadamente, até fins de 1851, Marx teve a oportunidade de trabalhar em um diário estadunidense dos mais influentes: *New York Tribune*. Um dos seus redatores, Charles Danna, que havia conhecido Marx na Alemanha durante o desenrolar da Revolução de 1848 e admirando-o como jornalista, o solicitou que escrevesse uma série de artigos sobre aquele país, julgando conveniente ampliar as páginas dedicadas aos assuntos da Europa ocidental, dado o aumento

significativo da imigração alemã na América, devido à revolução.

A oferta pôs Marx em um problema, pois naquele momento era incapaz de escrever em inglês. Assim teve que estabelecer com Engels uma curiosa colaboração. O *Manifesto Comunista* fora escrito quase unicamente por Marx; ainda assim está assinado por ambos, ainda que Engels não tenha participado nele mais do que no *A Sagrada Família*. Desta vez, ao contrário, a Engels correspondia um grande trabalho. Seus artigos, reunidos em seguida no volume que recebeu o título *A Revolução e a Contrarrevolução na Alemanha*, foram atribuídos a Marx. Pela correspondência de Marx e Engels, hoje sabemos que são obras deste último. Não convém, porém, exagerar. No fundo, é obra comum de Marx e Engels e este escreveu utilizando inúmeras indicações de Marx, assim como os artigos que ambos haviam publicado na *Nova Gazeta Renana*. Desta maneira começou a colaboração de Marx no *New York Tribune*. Após um ano, Marx já dominava tão bem a língua inglesa que começou a escrever diretamente seus artigos neste idioma. Assim, em 1853, Marx dispunha de uma tribuna para expressar suas opiniões. Por desgraça, esta tribuna não estava localizada na Europa, mas na América. Os leitores do diário buscavam nele uma resposta a seus problemas. Os acontecimentos ocidentais interessavam muito, mas somente na medida da sua repercussão na vida estadunidense. Para os Estados Unidos, a questão capital era então a supressão da escravidão, ou seja, a libertação dos negros, ao mesmo tempo de um litígio sobre liberdade comercial entre os estados do Norte e do Sul.

Na primeira questão, o *New York Tribune* estava posicionado na extrema esquerda: reivindicava a abolição da es-

cravidão. Na da liberdade de comércio opinava como os protecionistas. Marx, evidentemente, estava de acordo com o primeiro ponto de vista, mas não com o segundo. Felizmente. A Europa fornecia bastante material para outros temas.

Na primavera de 1853, os acontecimentos europeus se precipitaram, ainda que convenha destacar, que não se tratou de produto da pressão das camadas populares. Vários grandes Estados, como Rússia, França e Inglaterra, interessados pela conservação da ordem, começaram de forma repentina a digladiar-se entre si. É essa uma característica das classes e nações dominantes: quando se sentem livres do movimento revolucionário, surgem as desavenças.

A rivalidade que existia entre Inglaterra, França e Rússia, antes de 1848, circunstancialmente convertida em aliança para combater a revolução, voltava a se manifestar. A Rússia czarista considerou que havia chegado o momento de tirar da Turquia uma parte dos seus domínios, como forma de recompensa por sua ajuda na restauração da “ordem” na Europa Ocidental. O partido da guerra se reforçava na corte de Nicolau I. Esperava-se que a França não estaria em condições de opor resistência e a Inglaterra, com seu governo “tory”, não romperia o amistoso acordo com os russos.

Assim, foi levantada uma questão a propósito das chaves do Santo Sepulcro; na realidade, pela posse dos Dardanelos.

Transcorridos alguns meses, a situação se agravou de tal modo que França e Alemanha, ainda que relutantemente, pois presumiam que a guerra não conduziria a nenhum lugar, entraram em conflito com a Rússia. A Guerra da Crimeia, colocou o problema do Oriente em toda sua amplitude. Marx e Engels tiveram então a possibilidade de trabalhar na América, já que não era possível fazê-lo na Europa, com o interessante

tema proporcionado pelos recentes acontecimentos. Ambos se felicitavam por esta guerra, uma vez que eram as três principais potências da contrarrevolução europeia que se destruíam mutuamente. E quando os ladrões se desentendem entre si, os honrados saem ganhando. A partir deste ponto de vista, Marx e Engels analisavam esta guerra, mas ainda assim deveriam determinar qual posição a ser adotada a respeito de cada um dos países beligerantes.

Julgo necessário deter-me um pouco neste ponto, porque ao decidir a tática frente as partes em conflito, que tanta importância tiveram em nossas revoluções e, sobretudo na última, nos referimos constantemente a posição que seguiram Marx e Engels em 1853. Entre nós, geralmente se considera que diante da Guerra da Crimeia, Marx e Engels imediatamente tomaram partido em favor da Turquia, contra a Rússia. Desta forma, atribuíam enorme importância ao czarismo russo, sustentação da reação europeia e, por conseguinte, atribuíam a guerra contra a Rússia, considerando-a como um fator suscetível de desenvolver a energia revolucionária na própria Alemanha. Deviam, pois, aclamar a guerra contra a Rússia. Nos artigos que escreviam em comum, dividindo as funções – Engels redigia especialmente os assuntos militares e Marx os diplomáticos e econômicos –, a Rússia era criticada sem piedade. A partir disso se pode inferir que Marx e Engels tomaram partido da civilização e do progresso contra a Rússia, que se levantaram contra esta para se colocar ao lado dos ingleses e franceses cultos e civilizados? Creio que seria um erro crasso. Em seus artigos, os dois amigos criticavam tanto a França e Inglaterra como a Rússia, e desmascaravam todas as tentativas de Napoleão e Palmerston de apresentar essa guerra como a da civilização e do progresso contra a barbárie

asiática. Outro erro, no qual incorre a maior parte das pessoas, é acreditar que no que concerne à Turquia, pretexto da guerra, Marx era seu partidário. Não esqueciam Marx e Engels que a Turquia era um país ainda mais asiático e bárbaro que a Rússia. Suas críticas, pois, não perdoavam a nenhum dos beligerantes. Inspirados em um só critério, examinavam cada acontecimento segundo a influência que tivera na aceleração da revolução. A partir deste ponto de vista, criticavam a conduta da França e da Inglaterra que, como disse, empreenderam a guerra contra sua própria vontade, forçadas pela enérgica negativa de Nicolau I a qualquer tipo de acordo. O temor das classes dirigentes estava justificado: a guerra se prolongou mais do que se pensava, pois, iniciada em 1853, não terminou até 1856, com a paz de Paris. Na Inglaterra e na França, provocou uma viva efervescência entre os operários e camponeses, e Napoleão e os dirigentes ingleses se viram obrigados a fazer uma série de concessões e promessas aos povos de seus países. A guerra terminou com a vitória da França, Inglaterra e Turquia. Na Rússia, a guerra havia provado a inferioridade de um país no qual ainda existia a servidão feudal, para a luta contra países capitalistas, e como consequência teve impulso para a realização das grandes reformas e se fez necessário considerar a questão da liberdade dos camponeses.

Faltava, todavia, outro choque para que a Europa adormecida depois da explosão revolucionária de 1848 e 1849, saísse do seu torpor de forma definitiva. Após sua saída do grupo de Willich e Schapper, Marx e Engels declararam que a nova revolução não poderia ser senão a consequência de outro transtorno econômico violento e que, assim como a Revolução de 1848 havia sido resultado da crise de 1847, a nova seria de nova crise.

A expansão econômica iniciada em 1849, havia progredido com tal força durante os anos seguintes que nem a Guerra da Crimeia pode restringi-la. Parecia destinada a prosseguir indefinidamente. Em 1851, Marx e Engels estavam convencidos de que a crise se produziria, no mais tardar, no ano de 1853, pois suas investigações anteriores (principalmente as de Engels), lhes haviam persuadidos de que as crises periódicas que afetam e interromper o desenvolvimento da produção capitalista se repetem a cada 5 ou 7 anos.

Estavam equivocados. O período de desenvolvimento ininterrupto da produção capitalista, com alternativas insignificantes, durou até 1857, ano em que se produziu a crise com um alcance extraordinário, tanto em sua intensidade como em sua extensão.

Isso entusiasmou fortemente a Marx, ainda que tenha gerado consequências desagradáveis para ele. A procura de sua colaboração no *New York Tribune* não era grande: no princípio recebia por cada artigo o equivalente a dez rublos de ouro, e logo a remuneração se elevou a quinze. Contudo, em comparação aos primeiros anos de sua vida de emigrado em Londres, esta remuneração, graças a Engels, que realizava a maior parte do trabalho para os diários estadunidenses, mal lhe permitia satisfazer suas necessidades. Ademais, trabalhava assiduamente em sua grande obra econômica e encontrava ainda tempo para escrever para o órgão central dos caristas, *The People's Paper*.

Depois da crise de 1857, a situação piorou novamente. Nos Estados Unidos havia sido afetado enormemente e o *New York Tribune* se viu na necessidade de reduzir os seus gastos, em detrimento aos correspondentes estrangeiros. Obrigado a buscar qualquer tipo de trabalhos ocasionais, Marx voltou a

se endividar consideravelmente, até que em 1859, pode retomar sua colaboração com o *New York Tribune*, para não abandonar até 1862.

Porém, se em sua vida pessoal Marx tinha demasiados desgostos, após 1857 podia se sentir feliz como revolucionário. Segundo havia previsto, a nova crise foi a principal causa de uma série de movimentos revolucionários em um grande número de países. Na América, a abolição da escravidão se colocava como um problema imperativo; na Rússia, a supressão da servidão estava na ordem do dia. A Inglaterra precisou fazer grandes esforços para sufocar uma imensa insurreição na Índia oriental; e o ocidente europeu estava em efervescência. A Revolução de 1848 deixou sem solução uma quantidade grande de problemas. A Itália permanecia dividida, com a maior parte das províncias do norte em poder da Áustria, que havia conseguido, com a ajuda das tropas czaristas, dominar a Hungria. A Alemanha seguia formada como um conglomerado de principados e estados muitos desiguais, sob os quais Prússia e Áustria aspiravam, separadamente, estabelecer sua hegemonia.

Em 1858, se manifestou, nos estados da Europa ocidental, um movimento de oposição revolucionária que colocou sobre o tapete todas as questões pendentes. Na Alemanha, foi reforçada a posição em favor da unificação, revivendo a luta entre o partido pangermânico, que aspirava a completa união da Alemanha, inclusa a Áustria, e o partido moderado, que apoiava a Prússia em primeiro plano, pretendendo que todos os estados se unissem ao seu redor, com exclusão da Áustria.

Na Itália se assistiu igualmente o despertar das aspirações nacionais. Na França, país onde a crise de 1857 havia arrastado à falência inúmeros estabelecimentos, com maior

prejuízo na indústria têxtil, a oposição pequeno-burguesa se desenvolveu, e as organizações revolucionárias clandestinas, sobretudo, os agrupamentos blanquistas, voltaram novamente à atividade. O movimento operário, em decadência desde a derrota de junho, se reanimou, particularmente nos ramos da construção e do setor imobiliário. Em Moscou, muitas casas de comércio se declararam em estado de falência e o governo se encaminhou, pouco a pouco, até as reformas liberais. Para tentar sanar as dificuldades internas, os governos europeus, o francês à frente, se esforçavam para desviar a atenção popular para a política exterior. Napoleão, a quem o atentado revolucionário do italiano Felice Orsini, em janeiro de 1858, trouxe a recordação de que a polícia não era onipotente, teve que se preocupar com a agitação crescente, e com aquele propósito lançou a palavra de ordem da libertação da Itália do jugo austríaco. Nesse mesmo ano, 1858, celebrou um acordo secreto com Cavour, ministro do rei da Sardenha. Assim como na Alemanha dividida a Prússia era o estado mais forte, na Itália era a Sardenha o reinado mais poderoso e que se converteu no centro em torno do qual se unificou o país. A imprensa oficial clamava ruidosamente pela unidade da Itália, porém o acordo que comprometia a ajuda de Napoleão à Sardenha tinha na realidade outro alcance: não se tratava de unificar a Itália, mas estender as possessões da Sardenha com a prometida anexação da Lombardia e de Veneza. Em compensação, Napoleão, recebia, ademais, a promessa de não tocar as possessões do Papa e do condado de Niza e Saboia. Debatendo-se como estava entre a oposição de esquerda e o partido clerical, não queria se indispor com o Papa e por isso estava contra a verdadeira unificação da Itália. Esperava, por outra parte, satisfazer os partidos franceses com a incorporação dessas novas províncias. Dessa forma, suscitou uma nova

questão política que agitou a Europa e, sobretudo, os revolucionários de distintos países.

Que posição deveriam adotar os revolucionários socialistas? Apoiar Napoleão, que desempenhava um papel quase revolucionário sustentando o direito à autodeterminação da Itália, ou colocar-se do lado da Áustria, que representava então o despotismo que oprimia Itália e Hungria? O problema era muito importante e exigia uma tática determinada que nos relembra agora a situação de 1914. Veremos qual a posição assumiram Marx e Engels e qual adotou Lassalle. Até agora não falei de Lassalle, não obstante ter sido um dos primeiros discípulos de Marx e que teve participação nos acontecimentos de 1848. Não me deterei em sua biografia para não fugir do tema.

Após um período no cárcere, Lassalle permaneceu na Alemanha, onde se ocupava com trabalhos científicos e mantinha relações com Marx e Engels. A questão italiana gerou entre ele e os dois amigos uma polêmica de grande interesse, sobretudo porque criava, pode-se assim dizer, duas frações dentro de um mesmo partido. Vejamos qual a divergência. Napoleão III e seus aliados sabiam muito bem preparar a opinião pública. Como durante a Guerra da Crimeia, a França de 1858-1859 estava inundada de publicações e panfletos que elogiavam o liberalismo de Napoleão e a causa justiceira da Itália. Propagandistas subornados e propagandistas de boa-fé contribuíram nessa campanha. Entre os últimos se encontravam, sobretudo, emigrados húngaros e poloneses, que assim como em anos anteriores consideravam a Guerra da Crimeia como uma ação da civilização e do progresso contra o despotismo asiático e se alistavam em legiões de voluntários nas fileiras de Napoleão e Palmerston, acreditavam agora que Napoleão reascendia a luta pelo progresso e pelo direito das nações de

dispor de si mesmas e que era, pois, necessário apoiá-lo. Estes emigrados, alguns dos quais não dispunham do dinheiro de Napoleão, prestaram serviço no exército ítalo-francês.

Contudo, tampouco a Áustria permanecia inativa. Subsidiava por sua parte, outros propagandistas para que demonstrassem que nessa guerra ela defendia o interesse de toda a Alemanha, enquanto que se Napoleão vencesse os austríacos, se apoderaria também do Reno; que não estava em jogo a Itália, mas a Alemanha e que, por conseguinte, a Áustria ao manter sob seu domínio a Itália setentrional, defendia na realidade a Alemanha. Para proteger o Reno, diziam, era necessário ter o Pó. Eis aqui quais eram as duas principais correntes da imprensa europeia de então.

Na Alemanha, a questão se complicava ainda mais pelo desacordo que opunha os partidos pangermânico e alemão moderado; o primeiro queria a unidade de toda a Alemanha, compreendida a Áustria, e estava, em consequência, ao lado desta, enquanto os moderados inclinados à Prússia declaravam que a Áustria deveria desenvolver por si mesma. Entre uma e outra tendência, havia diversas matizes de opinião, porém não modificavam sensivelmente o quadro geral. Que posição então adotaram nessa questão, Marx e Engels por um lado, e Lassalle, por outro? Marx, Engels e Lassalle sustentavam a plataforma do *Manifesto Comunista*. Os três haviam lutado durante a revolução de 1848 pela formação de uma república alemã que compreendia as regiões alemãs da Áustria. Não podia se suspeitar, pois, que existisse entre eles divergências de juízo. E, ainda assim, o fato é que haviam, e não menos profundas das que dividiram os social-democratas unidos pelo mesmo programa marxista, quando eclodiu a guerra imperialista. Em seus artigos e folhetos, Marx e Engels

demonstraram que a Alemanha não precisava da Itália setentrional para defender o Reno e que podia consentir, sem riscos, que a Áustria restituiria à Itália unificada todas as províncias italianas. Sustentavam que tomar partido pela Áustria, ainda que em nome do interesse da Alemanha, não era outra coisa senão um compromisso com o despotismo austríaco.

Mas, por outro lado, – e essa é uma das características da posição –, Marx e Engels criticavam com igual violência a Napoleão, como a empregada contra a reação austríaca e prussiana. O perigo de uma vitória completa de Napoleão lhes parecia menor que o de uma vitória austríaca.

Engels demonstrava que depois de vencer a Áustria, Napoleão atacaria a Alemanha, e apresentava por isso esta tese: Itália e Alemanha deviam unificar-se por suas próprias forças; na questão italiana os revolucionários não devem favorecer nem a Napoleão nem a Áustria e sim ter somente em vista o interesse da revolução proletária.

Não se deve esquecer que nesta ocasião havia ainda um fator de considerável importância. Assinalava Engels, com justeza, que Napoleão não ousaria declarar a guerra contra a Áustria se não tivesse contado com o apoio tácito da Rússia e a segurança de que não interviria em auxílio à aquela. Presumia como muito provável a existência de um tratado a este respeito entre França e Rússia.

No momento da Guerra da Crimeia, a Áustria, como gritavam nossos compatriotas, pagou com ingratidão a generosa e desinteressada ajuda que a Rússia prestou para sufocar a revolução húngara. E, aparentemente, a Rússia não podia deixar de ver com bons olhos o castigo à Áustria por Napoleão. Se este suposto acordo existia e a Rússia acudiria em ajuda à França, toda Alemanha deveria então se aliar a Áustria, mas essa Alemanha seria revolucionária. Assistiria assim,

a situação com que contavam Marx e Engels ao eclodir a Revolução de 1848; assistia à guerra da revolução contra a reação, no curso da qual os partidos burgueses que não soubessem captar as classes inferiores cederiam lugar a partidos cada vez mais radicais e preparariam desse modo o terreno para o triunfo do partido revolucionário, o do proletariado.

Tal era o ponto de vista de Marx e Engels. Outro era o de Lassalle, o que pode ser explicado, em parte, pelas diferentes condições objetivas em que se encontravam. Lassalle vivia na Prússia, muito ligado ao seu meio. Marx e Engels residiam na Inglaterra; livres da influência direta do ambiente alemão, julgavam os acontecimentos europeus considerando apenas os interesses da revolução internacional e com a convivência da Alemanha, ou da Prússia.

Para Lassalle, o maior e mais perigoso inimigo da Alemanha não era a França liberal ou a Rússia que se encaminhava para as reformas, mas sim seu inimigo interno: Áustria, pois a considerava a causa principal da dura reação que pesava sobre toda a Alemanha. Ainda que usurpador do poder, Napoleão representasse o liberalismo, o progresso e a civilização, o qual impunha a democracia prussiana o dever de abandonar a Áustria a sua própria sorte, desejando-lhe a derrota na guerra.

Quando se lê os trabalhos de Lassalle em que saúda Napoleão e a Rússia e trata com benevolência o governo prussiano, é necessário recordar, para compreender sua atitude, que se esforçava para falar tal como um democrata prussiano para demonstrar às classes dominantes – os *junkers* – que não convinha auxiliar a Áustria.

Mas ao sustentar tal posição, emitia ideias fundamentalmente opostas as de Marx e Engels. As divergências que se manifestaram então tomaram uma forma mais aguda. Levado

pelo desejo de obter um êxito positivo imediatamente, não como doutrinário, mas como um “político realista”, Lassalle usava argumentos que o comprometiam diante do partido governante e julgava favoravelmente a aqueles a quem tentava persuadir para que não colaborassem com a Áustria. As injúrias contra este Estado, a atitude conciliatória ante o governo prussiano e russo, poderiam assim ser atribuídos ao jornalista, sem prejuízo para o partido. Porém, a tática preconizada para que este interviesse praticamente na luta, como se viu depois pela ação de Lassalle, oferecia múltiplos perigos.

A guerra entre França e Áustria terminou de um modo inesperado para ambas as partes. No começo, Áustria, sem outro inimigo senão os italianos, obteve vitórias, porém logo foi derrotada pela coalização das tropas francesas e italianas. Todavia, quando a guerra começou a se popularizar e Napoleão compreendeu que toda Itália realizaria a unidade revolucionária, e que com ela se reuniriam os estados pontifícios, voltou atrás, e aproveitou a mediação de Rússia para encerrar o conflito.

A Sardenha teve de contentar-se com a Lombardia; a Veneza ficou nas mãos da Áustria. Para compensar suas perdas de homens e dinheiro, Napoleão se apropriou de toda Saboia, pátria dos reis da Sardenha, e sem dúvidas, para demonstrar a Garibaldi que dali para frente devia desconfiar das promessas dos monarcas, anexou a cidade natal do célebre revolucionário italiano, Niza, juntamente com o território em suas cercanias. E assim como defendeu Napoleão o direito da Itália, respondendo aos louvores dos liberais imbecis e revolucionários caricatos, e o próprio Lassalle teve que se convencer que nenhuma vantagem havia nos austríacos, a Itália permaneceu tão dividida como anteriormente; somente a Sardenha saiu vitoriosa. Se produziu então um fenômeno “singular

e incompreensível” – segundo as palavras de Dobrolyubov – incompreensível para quem crê que a sorte do povo se decide na mesa dos diplomatas. A decepção e a indignação provocadas pela política de Napoleão na Itália suscitaram um forte movimento revolucionário, dirigido por Garibaldi, lutador generoso, mas mal político, e em 1861 toda a Itália, com exceção de Veneza, estava reunida sob o cetro do rei da Sardenha. A realização definitiva da unidade italiana foi assumida logo por aventureiros burgueses e renegados do garibaldismo.

A guerra franco-austríaca obrigou a Marx a travar outra polêmica. Toda a democracia alemã – como já disse – havia tomado posição na disputa entre Napoleão e Áustria. Naquele tempo, o mais eminente e influente dos democratas alemães era Karl Vogt, velho revolucionário forçado a emigrar a Suíça em 1849 e famoso na Europa por seus conhecimentos. Era um dos principais representantes do materialismo naturalista, posição filosófica que os intelectuais burgueses confundem tão frequentemente com o materialismo de Marx e Engels. Muito popular na Rússia até 1860, teve notável influência na formação filosófica de vários pensadores russos. Amigo íntimo de Herzen, que o considerava o mais honesto, sincero e sério dos homens. Gozava de imensa autoridade moral não só entre os democratas alemães, mas também entre a emigração revolucionária internacional e, particularmente, entre as colônias polonesa, italiana e húngara. Sua casa em Genebra era um verdadeiro centro político. Para Napoleão importava muito conquistar Vogt para sua causa, o que conseguiu facilmente graças a vaidade do velho professor. Vogt estava muito vinculado ao irmão de Napoleão, conhecido com o nome de príncipe Plon-Plon, que flertava com o liberalismo e aparecia como protetor da ciência. Dele, Vogt

recebeu dinheiro para distribuir aos representantes das diferentes colônias de emigrados.

Quando Vogt interviu resolutamente em favor de Napoleão e Itália, sua decisão produziu entre todos os emigrados revolucionários uma profunda impressão, comparável a que suscitou a intervenção de Plekhanov em favor dos aliados na última guerra.

Entre os desterrados mais ligados a Marx e Engels, havia alguns que, como geralmente ocorria, mantinham relações com a emigração republicana. Um dos representantes desta, Karl Blind, declarou na presença de alguns comunistas que Vogt havia recebido dinheiro de Napoleão, e um jornal de Londres publicou tal afirmação. Quando Wilhelm Liebknecht transmitiu o rumor a *Gazeta de Ausburg*, da qual era correspondente, Vogt, sentindo-se caluniado levou o assunto aos tribunais, onde ganhou o processo pois a parte adversária não pode apresentar prova alguma. Triunfante, Vogt publicou então um folheto especial dedicado ao processo, e seguro de que Liebknecht nada fazia nem escrevia uma linha sem consultar Marx, fez deste alvo de todos seus ataques, e baseado em antecedentes precisos, segundo afirmava, o acusou de liderar um bando de expropriadores e falsificadores de moeda, dispostos a não retroceder diante de nada. Monstruosas calúnias circularam contra os comunistas. Conhecido ele mesmo por seu amor a comodidade, Vogt acusou Marx de levar uma vida suntuosa às custas dos operários.

Graças ao nome do autor e ao renome do atacado (Marx acabara de publicar a primeira edição de sua *Crítica da Economia Política*), o libelo de Vogt fez bastante ruído, alcançando grande difusão. Os publicistas burgueses e sobretudo os renegados do socialismo que haviam conhecido pessoal-

mente Marx, se regozijaram do acontecimento e jogaram bastante lama contra seu adversário. Pessoalmente, Marx considerava que a imprensa tinha o direito de atacar e injuriar a um político. É privilégio – escrevia – de todos aqueles que se entregam a ação pública, políticos, parlamentares, atores, etc., escutar o elogio ou a desaprovação.

Marx não respondia as injúrias pessoais, sobrecarregado como estava delas. Contudo, quando os interesses da causa, do partido, estavam em jogo, respondia diretamente, e então era implacável. Citados no panfleto de Vogt, Lassalle e alguns amigos seus eram partidários de ficar em silêncio, não porque acreditavam em uma só palavra escrita, mas porque viam o considerável prestígio que havia proporcionado a Vogt a vitória no processo. Segundo eles, Liebknecht havia tratado sem cortesia o grande democrata, quem, por sua vez, para defender sua honra, havia incorrido no mesmo excesso. Um novo processo não faria mais do que confirmar seu triunfo, devia a ausência de provas, de maneira que o mais razoável seria apaziguar a opinião pública. Argumentos tão vulgares não haviam de influir, por certo, sobre Marx e seus amigos. Podia deixar sem resposta os ataques pessoais; porém não as calúnias dirigidas contra o partido. Ainda que estivessem convencidos de que Vogt fora subornado, para Marx e seus colaboradores mais próximos a situação era embaraçosa, pois Blind e outro desterrado retiraram suas palavras e Wilhelm Liebknecht aparecia assim, como um vil caluniador. Finalmente, se decidiu responder com uma publicação, já que a parcialidade dos tribunais prussianos havia ficado evidenciada. Marx assumiu a responsabilidade. E aqui chegamos a um ponto de concordância com o falecido Mehring. Segundo este, Marx podia ter se livrado de tantos transtornos e inquietudes sem utilidade para a causa, bastava se negar a intervir

na disputa criada por Liebknecht e Vogt. Mas isto teria sido exigir que deixasse de ser ele mesmo.

O erro de Mehring se explica pela circunstância de que este nunca participou de trabalho clandestino, até os últimos anos em que ainda teve um pouco mais de contato direto com a luta revolucionária. Apreciava somente literalmente o incidente com Vogt. Valia a pena – dizia – perder tanto tempo em uma polêmica com Vogt, que já – isto é, ao iniciar Mehring sua carreira literária – não gozava mais de influência política alguma? Por outro lado, se viu obrigado a imprimir o livro contra Vogt no exterior e só uma insignificante quantidade de exemplares chegou à Alemanha.

Advertimos que o número de exemplares não é o mais importante. Senão haveríamos de julgar inútil a obra de Plekhanov, *Nossas Divergências*, porque no máximo uma dúzia pode chegar a Rússia nos primeiros anos. Mehring deixou passar, sem percebê-la, a discussão fundamental que se desenvolvera no ambiente dos emigrados. Não reparou que nesse incidente aparentemente pessoal, se escondia profundas divergências sobre tática surgidas entre o partido proletário e os partidos burgueses e que, como revelava o exemplo de Lassalle, oscilações danosas se manifestavam até mesmo no partido proletário.

Tampouco notou Mehring que a obra dirigida contra Vogt criticava igualmente todos os argumentos de Lassalle e seus amigos. É pequeno o livro: contém somente quinze folhas, mas do ponto de vista literário é o melhor trabalho de polêmica feito por Marx. Não há na literatura mundial, exceтуando o célebre panfleto de Pascal contra os jesuítas, outro libelo que o iguale. No século XVIII apareceram os panfletos de Lessing contra seus adversários na literatura, mas como a

maior parte dos que conhecemos, não perseguem outra finalidade do que a literária.

Em *Senhor Vogt*, Marx não se propõe apenas a demolir política e moralmente um intelectual e homem público respeitado por todo o conjunto da burguesia, ainda que este propósito seja satisfeito brilhantemente. Não tinha contra Vogt mais do que alguns documentos impressos. Os principais depoentes haviam diminuído o assunto ou retirado suas palavras. Marx tomou então todas as obras políticas de Vogt, demonstrou que se tratava de um bonapartista, literal divulgador em suas obras políticas dos argumentos desenvolvidos pelos agentes de Napoleão e concluiu sustentando que Vogt é ou um vulgar papagaio que repete de forma estúpida todas as opiniões bonapartistas, ou um agente pago como os demais publicistas de Napoleão.

Contudo, Marx não se limita a destruir politicamente Vogt. Seu panfleto não é uma simples acusação. Marx emprega contra Vogt outra arma, manejada com maestria: o sarcasmo, a ironia. A medida que se avança na leitura da obra, o leitor vê se desenhar o personagem cômico de Vogt que, de grande intelectual e homem político se transforma em um *Falstaff*, fanfarrão, charlatão, *bon vivant* às custas dos demais. Não há uma obra da literatura clássica que Marx não buscara para descobrir uma passagem destinada a acrescentar uma nova característica a esse *Falstaff* moderno.

Vogt tinha consigo a parte mais influente da democracia burguesa alemã. Por isso, Marx põe em relevo a mesquizez política dessa democracia e, de passagem, dá alguns golpes aos socialistas, que não podem despojar-se de certo respeito às “classes esclarecidas”.

A tentativa de Vogt em caluniar a parte mais radical e a mais necessitada da emigração revolucionária, dá a Marx a

oportunidade de pintar o quadro dos partidos burgueses no poder ou na oposição e, em particular, de caracterizar a venalidade da imprensa burguesa, transformada na empresa capitalista especuladora na venda de palavras, como outras empresas exploram a venda de resíduos.

Todavia, na vida de Marx, as pessoas que haviam conhecido bem o período de 1849 a 1859 afirmavam que não há obra que ofereça tanto material para caracterizar os partidos desta época como o livro de Marx contra Vogt.

Certamente o leitor contemporâneo terá a necessidade de um comentário maior para compreendê-lo em todos os detalhes, mas apreciará facilmente a importância política do panfleto.

O próprio Lassalle, quando publicado o livro, reconheceu que Marx havia escrito uma obra magnífica, que suas apreensões eram vãs, que Vogt ficara comprometido como homem político para sempre. Imaginemos, por exemplo, a ressonância que haveria tido na véspera da Revolução Russa de 1905, uma obra literária que tivesse transformado a Miliukov, também intelectual eminente e líder dos cadetes, em um personagem ridículo, em um desacreditado político.

Até 1860, quando começava um novo movimento entre a pequena burguesia e a classe operária, em momentos em que cada partido se esforçava para atrair os elementos pobres das cidades, importava muitíssimo demonstrar que os representantes da democracia proletária não eram intelectualmente inferiores aos mais populares e eminentes da democracia burguesa, mas que, de fato, os superavam. O golpe dado a Vogt foi funesto para o prestígio dos principais líderes da democracia burguesa. Lassalle não pode senão reconhecer que Marx facilitou a luta contra os progressistas por sua influência sobre os operários alemães.

Eis no que consiste a importância histórica desse livro de Marx, que escapou por completo a Mehring. Talvez menos resoluto do que antes de 1914, este, em sua biografia de Marx, volta, ainda assim, a tratar o episódio apenas do ponto de vista literário: agora Mehring suaviza um pouco seu veredito e declara que esse livro “foi mais uma trava do que uma ajuda no grande trabalho de sua vida”. Seguramente, se Marx não tivesse sido mais do que um literato e um erudito, teria sido melhor empregar seu tempo somente em obras como *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* e *O Capital*. Desta forma, também poderíamos dizer que ao invés de polemizar com 300 páginas com uma nulidade como o posterior renegado Tikhonmirov, Plekhanov teria feito melhor ao dar um resumo popular de *O Capital* ou um manual de marxismo.

Vejamos agora que posição adotou Marx e Engels frente a agitação que Lassalle começou em 1862, quando a democracia burguesa se dividiu ao considerar a tática a ser empregada na luta contra o governo.

Em 1858 o velho rei da Prússia, que havia se destacado por suas “proezas” durante a Revolução de 1848, enlouqueceu definitivamente. Em seguida, foi nomeado um regente, a quem sucedeu no trono o príncipe Guilherme, que havia mandado fuzilar democratas em 1849-1950. Nos primeiros tempos, foi condescendente com o liberalismo, mas logo ocorreu um conflito entre ele e a Câmara dos Deputados em torno da organização do exército. O governo desejava reforçar os efetivos militares e também projetava novos impostos, mas a burguesia liberal reclamava garantias e fiscalização. Este conflito conduziu a discussões sobre tática. Lassalle, que continuava estreitamente ligado aos meios democráticos e progressistas burgueses, reivindicava uma tática mais ousada. Dado que toda constituição é a expressão da

correlação efetiva das forças na sociedade, era necessário organizar uma nova força social contra o governo, à frente da qual estava então Bismarck, reacionário inteligente e decidido.

Em uma conferência especial que proferiu aos operários, Lassalle mostrou o que era esta nova força social. A dita conferência, consagrada a expor a “relação da época contemporânea com o pensamento da classe operária”, é mais conhecida com o título de *Programa Operário*. Era, em síntese, um resumo das ideias fundamentais presentes no *Manifesto Comunista*, consideravelmente adocicadas e adaptadas as condições da legalidade. Porém ao mesmo tempo era, depois do fracasso da Revolução de 1848, a primeira proclamação aberta da necessidade de agrupar a classe operária em uma organização política independente, separado de todos os partidos burgueses, mesmo dos mais democráticos.

Esta intervenção de Lassalle coincidia com o movimento operário independente que estava em desenvolvimento de maneira particularmente intensa na Saxônia, onde no meio proletário a luta estava entre os democratas e os poucos representantes da “velha guarda” do movimento operário de 1848. Estudava-se o projeto de convocatória de um congresso de todos os operários alemães e para tal, se organizou um comitê especial em Leipzig. Convocado a pronunciar-se sobre os objetivos e tarefas do movimento operário, Lassalle apresentou seu programa em uma “carta aberta” dirigida ao mencionado comitê. Criticando violentamente o programa do partido dos progressistas burgueses e as medidas que este propunha para remediar a miséria dos operários, Lassalle mostrava como é imprescindível a organização do partido da classe operária. A reivindicação política capital, que há de se concentrar todas as forças para a obtenção, seria o sufrágio

universal. Quanto ao programa econômico, Lassalle, apoiando-se na “lei de ferro”, demonstrava que é impossível elevar o salário sobre um mínimo determinado. Daí se origina a recomendação para organização de sociedades de produção com a ajuda de crédito aberto pelo Estado.

Evidentemente, Marx não podia aprovar semelhante plano. Em vão Lassalle se esforçou para ganhá-lo para esta causa. Houve entre ambos outros motivos de desacordo, que não se manifestaram claramente até alguns meses anteriores, quando Lassalle, na ânsia de alcançar de imediato um êxito prático importante, se entusiasmou com a “política real” e em sua luta contra o partido progressista foi demasiadamente longe, chegando até a flertar com o governo.

De qualquer modo, é indubitável – o próprio Marx reconhece – que foi Lassalle quem, depois do longo período de reação que vai de 1849 a 1862, levantou o ensino operário na Alemanha, tornando-se o primeiro organizador do partido operário alemão. Esse é seu mérito inegável. Mas nesse trabalho intensivo, ainda que de curta duração (menos de dois anos), realizado por Lassalle em matéria de organização e de política, se apresentou defeitos essenciais de tal natureza ainda mais prejudicial do que seu programa insuficiente, o que o afastou de Marx e Engels.

Era evidente que Lassalle, longe de destacar a ligação da “União Operária Geral Alemã”, por ele fundada, com o antigo movimento comunista, a negava de forma enérgica. Não obstante tomasse empréstimos das ideias fundamentais do *Manifesto Comunista* e outras obras de Marx, evitava cuidadosamente fazer referência à fonte original. Somente em uma de suas últimas obras citou Marx, e não como revolucionário comunista, mas como economista.

Lassalle justificava sua conduta por considerações táticas. Não queria assustar as massas ainda pouco conscientes, para as quais era necessário emancipar da tutela espiritual dos progressistas, quem continuamente apresentavam o terrível espectro do comunismo. Lassalle era extremamente vaidoso e também apreciava a pompa, a sensação e a reivindicação, que impressionavam tão fortemente as massas pouco adiantadas e ao mesmo tempo repugnavam aos operários conscientes. Gostava que o apresentassem como o criador do movimento operário alemão. Mas tudo isso precisamente o distanciava não só de Marx e Engels, mas também dos veteranos do antigo movimento revolucionário. Destes últimos, unicamente os velhos partidários de Weitling e os adversários de Marx uniram-se a ele. Transcorreram alguns anos para que os operários alemães compreendessem que seu movimento não havia começado apenas com Lassalle. E o que não entende Mehring é que Marx e seus amigos protestavam contra esse desejo de renegar toda filiação com o primeiro movimento revolucionário clandestino. Este desejo de não se comprometer por um vínculo com o velho partido ilegal se explicava pela exagerada propensão de Lassalle para a “política dos realistas”.

Vejamos agora o segundo ponto de discordância: a questão sobre o sufrágio universal, reivindicação colocada já pelos cartistas e que Marx e Engels também haviam defendido. Mas estes não podiam conceder a importância excessiva que atribuía Lassalle a esta questão e tampouco aprovar a tese que ele sustentava. Para Lassalle, o sufrágio universal era, em certa medida, um meio milagroso que, sem outra modificação no regime político e econômico, bastaria para dar imediatamente o poder à classe operária. Em seus escritos

afirmava, ingenuamente, que imediatamente depois da conquista do sufrágio universal os operários obteriam no Parlamento cerca de 90% das cadeiras. Da mesma maneira, os *narodovoltsy* russos acreditavam que na Assembleia Constituinte que seria convocada depois de uma série de atentados eficazes, os camponeses conquistariam uma maioria esmagadora, dado que constituíam a maioria da população. Lassalle não compreendia que faltava ainda uma série de condições muito importantes para fazer do sufrágio universal, então engano das massas populares, o instrumento de sua educação de classe.

Não menos profunda era também a divergência sobre as associações de produção. Para Marx e Engels, estas não passavam de um meio secundário, de escassa importância, úteis sobretudo para mostrar que o empresário ou o capitalista não é um fator absolutamente necessário para a produção. Mas ver nas associações de produção a maneira de apoderar-se progressivamente dos meios sociais de produção era esquecer que para isto seria necessário antes de tudo tomar o poder político, a fim de realizar em seguida, como havia sido dito no Manifesto, uma série de medidas apropriadas.

Marx e Engels tinham uma concepção completamente distinta da de Lassalle quanto a função dos sindicatos. Exagerando a importância das associações de produção, Lassalle considerava inútil a organização daqueles, voltando assim às opiniões dos utópicos, as que Marx havia feito a crítica definitiva no *Miséria da Filosofia*.

Também não menos profundas e praticamente mais importantes ainda eram as divergências no domínio da tática. Não temos razão alguma para acusar Marx, como o fez Mehring, de ter feito uma supervalorização na análise sobre a

importância dos progressistas, e assim posto demasiadas esperanças na burguesia.

Já li em minha última conferência a caracterização que Marx deu à burguesia prussiana baseado na experiência da Revolução de 1848. Acabamos de ver que violenta crítica fez à democracia burguesa em sua polêmica com Vogt. Desta forma, não se poderia afirmar que Marx, desvinculado de sua pátria, acreditava no caráter progressista da burguesia prussiana, enquanto Lassalle, conhecendo-a melhor, estava já desenganoado. O desacordo estava na tática a adotar diante desta burguesia. Durante a guerra entre as potências capitalistas, nesta luta entre a burguesia e Bismarck, era necessário encontrar, criar uma tática que não convertesse o socialismo em servidor de uma das partes beligerantes. A circunstância requeria uma firmeza singular e uma extrema prudência.

Bem, em sua luta contra os progressistas prussianos, Lassalle se esqueceu de que existia um feudalismo prussiano, uma casta de “junkers”, que não era menos hostil aos operários do que a própria burguesia, mas não sabia manter-se nos limites necessários e constantemente comprometia sua causa brindando cumprimentos às autoridades.

Lassalle não se detinha nem diante de inadmissíveis compromissos. Assim, por exemplo, aos operários que haviam sido presos em uma cidade, lhes recomendou dirigir um apelo a Bismarck, que – dizia – para contrariar aos liberais, seguramente lhes daria a liberdade. Os operários se negaram a seguir tal estranho conselho de Lassalle. Se considerarmos os discursos deste, em particular, os do primeiro semestre de 1864, encontraremos neles muitos erros deste gênero. Não falarei das entrevistas que Lassalle teve com Bismarck, sem o conhecimento da organização operária, com risco de ocasio-

nar deste modo um dano irreparável em sua reputação política e a causa que servia. Para tomar um exemplo da vida russa, poderia se criticar implacavelmente a Miliukov, porém aquela foi uma falta, se quiser um crime mais imperdoável que o de implorar aos Stolypin e os Gorémykin.

Tais eram as divergências que impediram Marx e Engels apoiar com a autoridade dos seus nomes a agitação de Lassalle. Mas há de se notar que não obstante a negação do apoio, evitaram intervir publicamente contra ele e aconselhavam nesse sentido, todos seus camaradas na Alemanha como, por exemplo, Liebknecht. Enquanto Lassalle, que estimava muito a neutralidade de Marx e Engels, seguia na defesa de sua ação, Liebknecht e os outros camaradas de Berlim e das províncias renanas incitavam a Marx para intervir contra a equivocada tática de Lassalle. Muito provavelmente haveria chegado a uma ruptura aberta, se Lassalle não tivesse sido morto em um duelo em 30 de agosto de 1864. Quatro semanas depois deste acontecimento, em 28 de setembro, foi fundada a Primeira Internacional, que proporcionou a Marx a possibilidade de voltar ao trabalho revolucionário direto, desta vez em uma escala internacional. Dada a considerável importância da história da Primeira Internacional e o papel eminente em que nela desempenhou Marx, a dedicarei duas conferências.



## Sétima Conferência

*A crise de 1857-1858. Aumento do movimento operário na Inglaterra, França e Alemanha. A Exposição Internacional de Londres em 1862. A guerra civil na Alemanha. A crise da indústria algodoeira. A insurreição polonesa. Fundação da Primeira Internacional. A ação de Marx. O manifesto inaugural.*

Já dizemos que o movimento operário precisou de quase dez anos para se refazer da derrota ultimamente em 1848-1849. Este refazer está relacionado com a crise de 1857-1858, que se revestiu de caráter mundial e afetou consideravelmente a Rússia. Mostramos como a Europa, que até então havia conservado a tranquilidade exterior, foi obrigada, por meio das classes dirigentes, a buscar, à sua maneira, a solução das questões postas na ordem do dia pela Revolução de 1848 e ainda pendentes. Primeiramente, era necessário se ocupar da questão nacional, da unificação da Itália e da Alemanha. O movimento revolucionário de 1848-1849 se limitou a Europa ocidental, não englobou inteiramente a Inglaterra e, em todo caso, não teve uma repercussão profunda neste país, assim como não atingiu o país mais vasto da Europa, Rússia, nem tampouco os Estados Unidos. Dez anos depois, Rússia e Estados Unidos foram arrastados por este turbilhão. Na Rússia foi posto na ordem do dia a abolição da servidão. É a época das “grandes reformas”, época na qual se iniciou um movimento revolucionário que depois de 1860 conduziu à formação de sociedades clandestinas, das quais a mais célebre foi a primeira *Zemlyá i Volya* (Terra e Liberdade). Nos Estados Unidos surgiu a questão da supressão da escravidão. E esta

questão demonstrou muito mais que a russa o processo de internacionalização do mundo, que outrora se limitava a uma parte da Europa. O tema da escravidão, que parecia afetar somente aos Estados Unidos, demonstrou ser muito importante para a própria Europa, a tal ponto que Marx, no prefácio do primeiro tomo de *O Capital*, declarou que a guerra pela abolição da escravidão na América era o indício de um novo movimento operário na Europa ocidental. Destacamos anteriormente os principais acontecimentos surgidos da violenta subversão econômica; agora focaremos no movimento operário efetivamente.

Começaremos pela Inglaterra, primeiro país do movimento operário. Em 1863, não restava nada mais do antigo movimento revolucionário cartista. Algum historiador afirmara que o cartismo estava morto desde a célebre experiência de manifestação, abortada, de 1848. Na realidade, teve ainda um período de expansão no momento da Guerra da Crimeia. Dirigido por Ernest Johns, excelente orador e brilhante publicista, que com a ajuda de Marx e de seus amigos havia dado vida a melhor publicação socialista de seu tempo, o cartismo pode explorar durante o conflito na Crimeia o descontentamento das massas operárias, que se reforçou, particularmente, ao se constatar que, contrariamente à esperança geral, esta guerra se prolongava. Houve meses durante os quais a *Gazeta Popular*, órgão central dos cartistas, foi o jornal de maior influência. Os magníficos artigos escritos por Marx contra Gladstone, e especialmente contra Palmerston, chamaram particularmente a atenção. Porém este incômodo foi temporário. Logo após o término da guerra, os cartistas se viram privados do seu jornal. Isso aconteceu não somente pelos desentendimentos entre Johns e seus adversários, mas também por razões mais poderosas que essa.

A primeira reside no prodigioso auge da indústria inglesa desde fins do ano de 1849. Verdade que houveram crises passageiras em certos setores; mas a indústria em seu conjunto estava em plena prosperidade. Não existia o problema do desemprego. Há mais de cem anos, a indústria inglesa não tinha tanta necessidade de mão de obra. A segunda razão está na forte corrente imigratório que, de 1851 a 1855 levou os operários ingleses aos Estados Unidos e à Austrália, onde se haviam sido descobertas ricas minas de ouro. No transcurso de poucos anos, cerca de dois milhões de operários deixaram definitivamente a Inglaterra e, estes operários, como sempre acontece em semelhantes condições, eram o elemento mais forte, mais vigoroso, mais enérgico. Dessa maneira, o movimento operário e, com ele, o movimento cartista, perderam a maior parte das suas forças. A estas razões fundamentais pode-se agregar uma série de razões secundárias.

A medida em que se debilitava a organização cartista, se debilitava igualmente a relação que existia entre os diferentes movimentos. De 1840 a 1850 o movimento cartista já estava em luta contra o movimento profissional. Contudo, as outras formas do movimento operário tendiam igualmente a se especializar, a separar-se do tronco principal. Esta é uma particularidade do movimento inglês da época. Sua história nos mostra com frequência distintas organizações específicas, que começaram subitamente e que chegavam com rapidez a agrupar alguns milhares de membros. Uma destas organizações, por exemplo, se propôs como finalidade a luta contra a embriaguez e o álcool. A organização cartista seguia a linha que oferecia menor resistência. Antes havia ensaiado o combate ao alcoolismo entre seus membros. Agora havia estabelecido como fim específico a fundação de sociedades

de moderação em toda Inglaterra, de modo que desviou numerosos elementos do movimento operário geral. Logo, existia outro movimento, o cooperativo, dirigido pelos socialistas cristãos, pois já no movimento cartista havíamos visto sacerdotes. Em umas de nossas conferências recordamos o nome de um revolucionário, o pastor Stephen, que foi, até 1845, um dos oradores mais populares. Mais tarde se desviou consideravelmente à direita e ao seu redor se agruparam vários filantropos e boas almas que foram aos meios operários para pregar o cristianismo prático e a derrubada política do movimento cartista, colocando, em primeiro plano, a organização de sociedades cooperativas. Como este movimento não causava dano algum às classes dominantes, foi ajudado até mesmo por membros do partido governante. Atraiu alguns intelectuais compadecidos com os sofrimentos da classe operária. Assim, do movimento operário surgiu um novo ramo que se propunha apenas um fim específico.

Não enumeraremos todas as formas particulares do movimento operário; somente nos deteremos no movimento profissional. Este movimento não encontrara, é verdade, nos anos que se seguiram a 1850, condições de desenvolvimento tão favoráveis como as que possuía o movimento cooperativo ou a luta contra o alcoolismo; contudo, chocou-se com uma resistência menos poderosa que o velho movimento cartista. Em 1851 foi fundada na Inglaterra a primeira e sólida união nacional de operários da engenharia mecânica. Dirigida por dois operários enérgicos que conseguiram superar o espírito puramente corporativo do movimento profissional inglês, a tendência a não se organizar uniões para mais de um ou dois condados no máximo. Não podemos esquecer de que as condições da indústria inglesa dificultavam consideravelmente a

extensão das uniões. Quase toda a indústria têxtil estava concentrada em dois condados, da mesma forma em que na Rússia se concentrava nos governos de Moscou e de Ivanovo-Voznessensk, cada um dos quais, evidentemente, era muito maior que um condado inglês. Porém, o defeito principal dos sindicatos ingleses não residia em sua pouca expansão territorial, mas em sua estreiteza corporativa. Cada profissão, somente em uma e mesma indústria, se organizava em uma união específica. Por essa característica, o movimento profissional que teve grande desenvolvimento após 1850, não estava em condições de criar formas de organização que permitisse organizar, em vasta escala, a luta contra os industriais. Enquanto a indústria prosperava, a maior parte dos operários conquistavam facilmente aumentos de salário. Ademais, os industriais, em franca concorrência, pelo aumento dos salários e melhorias das condições de trabalho tratavam de atrair os operários, demasiado escassos para satisfazer as necessidades dos novos ramos que surgiam na indústria. Durante esses anos, o capitalismo se esforçou para atrair à Inglaterra os operários do continente, alemães, franceses e belgas.

Nessas condições, o movimento profissional, ainda que conseguisse se desenvolver pouco a pouco, ficou, porém, em um nível muito baixo. As distintas uniões que se formaram nos ramos de uma mesma indústria permaneciam divididas dentro do país e ainda, nos limites de uma cidade. Os conselhos locais inexistiam.

A crise de 1857-1858 trouxe consideráveis mudanças nesta situação. Como dizemos, o sindicato melhor organizado era o dos operários da engenharia mecânica, composto pelos trabalhadores mais qualificados. Esta indústria, o mesmo vale para a têxtil, não trabalhava unicamente para o

mercado interno. A partir da década de 1850, ambas eram indústrias privilegiadas que gozavam do monopólio no mercado mundial: os operários qualificados empregados nelas obtiam facilmente concessões dos industriais, que alcançavam lucros exorbitantes. Desta forma, a “união sagrada” entre patrões e operários começou a se estabelecer. As consequências da crise, apesar de agudas, se apagaram rapidamente. A distância existente entre operários qualificados e os que não o eram aumentava a cada dia, fato que contribuiu para debilitar, nesses ramos da indústria, o movimento grevista.

Entretanto, nem todos os operários estavam tranquilos. A crise teve um efeito particularmente forte sobre os operários da construção civil, que desde então estavam à frente da luta da classe operária inglesa, como havia estado os têxteis em meados de 1840 e os operários da engenharia mecânica até 1850.

O desenvolvimento do capitalismo provocou então um aumento extraordinário da população urbana e, por consequência, uma necessidade cada vez maior de moradia. Daí a prosperidade da indústria da construção civil. Até 1840, a Inglaterra construiu febrilmente ferrovias e até 1850 passou por uma espécie de febre de edificar. Novas casas foram erguidas aos milhares e chegaram a ser uma mercadoria da mesma forma que o algodão ou a lã. Por sua organização técnica, a indústria da construção civil estava ainda no estágio manufatureiro, mas já ficava nas mãos dos grandes capitalistas. O empresário de construções comprava o terreno e construía centenas de casas que, em seguida, alugava ou vendia. As casas inglesas não se parecem com as russas: são, em geral, pequenas casas de ladrilho construídas segundo um único modelo: às vezes tem somente dois ou três pisos, cuja superfície total não supera a de um departamento de quatro ou

cinco peças em Moscou, mas ao invés de estar justapostas, foram feitas uma sobre a outra. Isso fez com que alguns economistas de então contassem fábulas sobre os operários ingleses que, diziam, ocupavam toda uma casa. Na realidade, as casas dos operários ingleses estavam abarrotadas de inquilinos como um asilo noturno.

O desenvolvimento da indústria da construção civil atraiu à cidade um grande número de operários oriundos do campo. Esta indústria é bastante complexa e exige operários de distintas classes. Empregava carpinteiros, estucadores, pedreiros, tapeceiros, em uma palavra, não somente os operários que intervêm na construção, mas também no arranjo e na decoração de uma casa. O desenvolvimento da construção civil está estreitamente ligado ao da indústria mobiliária, da tapeçaria e da arte. O aumento considerável da população urbana provoca igualmente o desenvolvimento da grande indústria de calçados e de vestuário.

Em consequência disso, a crise de 1857-1858 gerou uma repercussão especialmente forte sobre estes novos ramos da produção capitalista. Inumeráveis operários ficaram privados de trabalho e constituíram o exército de concorrência aos demais trabalhadores. Os industriais aproveitaram-se desta circunstância para oprimir os operários, rebaixar os salários e aumentar a jornada de trabalho. Para surpresa dos industriais, os operários responderam, em 1859, com uma greve em massa, que foi uma das maiores graves feitas em Londres até então. Ademais, a greve dos operários da construção civil foi sustentada pelos trabalhadores dos novos ramos industriais recém-criados. Isto atraiu tanto a atenção da Europa como os acontecimentos políticos da época. Até nos diários e revistas moscovitas encontramos, sobre esta greve,

correspondências mais extensas do que às vezes se publicavam nos diários russos sobre determinadas greves da Europa ocidental. Tal greve deu origem a uma série de assembleias e reuniões. Entre os oradores, aparecia com frequência o nome de Crerner, quem na reunião de Hyde Park declarou que a greve dos operários da construção civil era a primeira escaramuça entre a economia do trabalho e a economia do capital. Outros operários, como Odger, fizeram igualmente uma agitação intensa. Foram editadas várias proclamações. Destacamos, de passagem, que a famosa conversa entre o operário e o capitalista, umas das páginas mais brilhantes de *O Capital*, está em parte baseada, quase textualmente, na proclamação lançada pelos operários na greve de 1859-1860.

Essa greve que, após algum tempo, terminou por um compromisso, que em Londres seria organizado o primeiro conselho das uniões. Os três principais dirigentes deste conselho foram Odger, Crerner e Howell, operários e membros posteriormente do primeiro conselho geral da Primeira Internacional. Já em 1861, este conselho era uma das organizações mais influentes. Como ocorreu com nossos primeiros “soviets”, se converteram da mesma forma em uma organização política que se esforçou para atuar em todos os acontecimentos que interessavam aos operários. À imagem deste conselho, foram criados outros em muitos lugares da Inglaterra e da Escócia, e assim, em 1862, houve novamente na Inglaterra organizações operárias de classe. Os centros políticos e econômicos dessas organizações eram os conselhos das uniões (*trade unions*).

Vejamos agora a França, país onde os estragos da crise não foram menos fortes do que na Inglaterra. Repercutiu profundamente sobre a indústria têxtil, assim como sobre toda a indústria de objetos de luxo. Como já nos referimos, a guerra

empreendida por Napoleão em 1859 foi um meio de desviar o descontentamento dos operários. No início de 1860, a crise afetou particularmente a indústria artística parisiense. Mas Paris também era uma cidade populosa, com um grande desenvolvimento desde 1850, onde florescia igualmente a indústria da construção civil. Uma das grandes reformas de Napoleão III foi a reconstrução de uma série de bairros e a supressão das velhas ruas estreitas, que foram transformadas em largos e em avenidas, onde era impossível levantar barricadas. Durante alguns anos, o prefeito de Paris, Haussmann, se ocupou da metódica reconstrução da cidade. Assim, pois, da mesma forma que em Londres, um grande número de operários da construção civil estava em Paris. Foram estes que, desde os peões até os operários mais altamente qualificados, constituíram os principais quadros do novo movimento operário que se desenvolveu a partir de 1860. Quando se conhece detalhadamente a história da Primeira Internacional na França se comprova que a maioria dos seus membros, e os mais eminentes, foram operários qualificados da construção civil e da indústria artística.

O ressurgimento do movimento operário após 1860 fez renascer os velhos grupos socialistas, dentre os quais há que mencionar, em primeiro lugar, os proudhonianos. Nessa época, Proudhon ainda estava vivo, quando depois de algum tempo encarcerado, emigrou para a Bélgica e, diretamente ou por intermédio dos seus seguidores, exercia certa influência no movimento. Mas a doutrina que pregava depois de 1860 era um pouco distinta da que desenvolvia no momento de sua polêmica com Marx. Era uma teoria completamente pacífica adaptada ao movimento operário legal. Os proudhonianos queriam a melhoria da situação dos operários, e os meios que

propunham para tal se adaptavam principalmente às condições de vida dos artesãos. O principal de tais meios era o crédito com juros muito baixos ou, se fosse possível, nenhum. Para aplicar essa tática, recomendavam a organização de sociedades de crédito, cujos membros se ajudariam e prestariam mutuamente serviços. Daí o nome de mutualismo. Sociedade de ajuda mútua, renúncia as greves, legalização das sociedades operárias, crédito sem interesse, nenhuma intervenção na luta política direta, melhoramento da situação somente pela luta econômica que, desde o princípio, não deveria atentar contra as bases do regime capitalista: este era, em essência, o programa dos mutualistas que, sob alguns aspectos, pode-se considerar mais moderado que o de seu mestre. Paralelamente a esse grupo havia outro, mais à direita, dirigido pelo jornalista Armand Levy, outrora estreitamente relacionado com a emigração polonesa e preceptor dos filhos do poeta Michiewicz. Mantinha relações com o príncipe Plon-plon, a quem já conhecemos como protetor do senhor Vogt. O terceiro grupo, o menos numeroso, porém composto exclusivamente por revolucionários, era o dos blanquistas, que desenvolviam sua propaganda entre os operários, os intelectuais, os estudantes e os literatos, a este grupo pertenciam, entre outros, Paul Lafargue e Charles Longuet, que mais tarde, se tornariam genros de Karl Marx. Clemenceau também frequentava esses círculos. Todos esses jovens e os operários estavam sob a influência de Blanqui que, ainda que estivesse preso, mantinha frequentes relações com o exterior e entrevistas com seus amigos. Eram os blanquistas os inimigos mais encarniçados do império napoleônico e que se dedicavam à propaganda clandestina.

Tal era o estado do movimento operário na Inglaterra e na França até 1862, época na qual se produziram vários

acontecimentos que motivaram um contato mais estreito entre os operários franceses e ingleses. A Exposição Internacional de Londres possibilitou essa aproximação. Esta exposição foi a indicação de um novo estágio da produção capitalista, da grande indústria que faz desaparecer os países isolados para transformá-los em uma parte da economia mundial. A primeira exposição foi organização em Londres em 1851, após a revolução de fevereiro; a segunda, em Paris, em 1855, e a terceira novamente em Londres.

Esta exposição permitiu realizar em Paris uma agitação entre os operários. O grupo de Armand Levy se dirigiu ao presidente da comissão organizadora da seção francesa. O presidente, que era o príncipe Plon-plon, entregou subsídios para o envio de uma delegação operária.

Essa generosidade provocou discussões acaloradas em todas as oficinas parisienses. Os blanquistas, evidentemente, se colocaram de forma categórica contra a aceitação dessa esmola do governo. Mas outro grupo, onde predominavam os mutualistas, não era da mesma opinião. Este opinava que era necessário aproveitar a possibilidade legal. O dinheiro – diziam – foi entregue para enviar delegados operários. Era necessário exigir que a delegação não fosse nomeada pelas autoridades, mas sim eleitas pelas oficinas. Esta eleição permitiria desenvolver uma excelente propaganda e os operários trataram de fazer seus candidatos vencerem.

Este grupo, dirigido pelos operários Tolain e Perra-chón, conseguiu impor seu ponto de vista. As eleições nas oficinas ocorreram e quase todos os candidatos do segundo grupo foram eleitos. Os blanquistas boicotaram estas eleições, enquanto o grupo de Levy não conseguiu obter nenhum mandato. Deste modo foi organizada a delegação dos operá-

rios parisienses. Da Alemanha, também foi enviada uma delegação operária a Londres, delegação estreitamente vinculada ao grupo de trabalhadores que havia assumido a organização do congresso e se relacionado com Lassalle.

Desta maneira, a Exposição Internacional de Londres permitiu o encontro de operários franceses, ingleses e alemães. Esses grupos de operários se reuniram, efetivamente, e é a essa reunião a que historiadores remontam a data da fundação da Internacional. Recomendamos o livro de Steklov sobre a história da Internacional: vejamos o que disse sobre da reunião em Londres: “A Exposição Internacional de 1862 foi a ocasião que permitiu aos operários ingleses e a seus camaradas do continente vincular-se e se entender. Em Londres, no 5 de agosto de 1862, foi efetuada a recepção solene de 70 delegados operários franceses por seus camaradas ingleses. Nos discursos pronunciados nessa ocasião, se falou da necessidade de estabelecer uma vinculação internacional entre os proletários que, como homens, cidadãos e trabalhadores, têm os mesmos interesses e aspirações”.

Isso é, infelizmente, uma lenda. Na realidade, essa reunião, como demonstramos há tempos, teve um caráter completamente distinto. Foi realizada com a participação e a aprovação dos representantes da burguesia e das classes dirigentes, e os discursos que ali foram pronunciados não ofenderam aos patrões e nem alarmaram a polícia, pois os capitalistas ingleses que durante a greve dos operários da construção civil foram os dirigentes dos empresários, também participaram da reunião. Os tradeunionistas ingleses se negaram ostensivamente a participar desta reunião. Eis aqui porque não se pode considerar esse encontro como o início da Internacional.

Evidentemente, se operários da Alemanha e da França chegaram a Londres, estes deveriam se encontrar com os também operários franceses e alemães emigrados após 1848. O lugar onde se encontravam os operários de diferentes nacionalidades, após 1850, foi a sociedade de educação operária fundada em 1840 por Schapper e seus camaradas. O refeitório e o café desta sociedade estavam situados precisamente no bairro onde se alojaram os estrangeiros. Até a guerra imperialista, da qual uma das primeiras vítimas foi a sociedade operária alemã, que contava então com 74 anos de existência, este bairro continuou sendo o centro de reunião dos estrangeiros. É isso o que pude comprovar pessoalmente durante minha residência em Londres, onde estive entre 1909 e 1910 para trabalhar no Museu Britânico. Não existia então outro lugar onde se pudesse encontrar tantos operários estrangeiros. Após a declaração de guerra, o governo inglês se apressou em fechar o clube alemão.

A verdade é que em Londres alguns membros da delegação francesa entraram em contato com velhos emigrados franceses, de igual modo que os operários alemães de Leipzig e de Berlim renovaram a amizade com os velhos camaradas. Mas isto não foi outra coisa que relações fortuitas, de natureza tão pouco propícia para a fundação da Internacional como a reunião de 5 de agosto, a qual Steklov, como outros historiadores, atribui tal importância.

Mas dois fatos muito importantes se produziram então; o primeiro foi a guerra civil nos Estados Unidos. A questão da abolição da escravidão, como já disse, estava há algum tempo na ordem do dia. Chegou a se revestir de tamanha acuidade que conduziu a um conflito tão violento entre os estados do Sul e os do Norte que, para manter a escravidão, os primeiros resolveram separar-se da União e constituir-se em

república independente. Uma guerra, que teve consequências inesperadas e muito desagradáveis para todo mundo capitalista, eclodiu então. Nessa época, os estados do Sul possuíam quase todo o monopólio da produção de algodão, e abastecia a indústria algodoeira do mundo inteiro. O Egito produzia nessa época muito pouco algodão; a Índia oriental e o Turquestão não forneciam nada ao mercado europeu. Dessa forma, a Europa se encontrava privada de algodão. Quando a indústria em seu conjunto, havia completamente se refeito da crise de 1857-1858, uma crise sem precedentes alcançou a indústria algodoeira e afetou não somente a Inglaterra, mas também a França, a Alemanha e ainda a Rússia, onde a fábrica de Projorov sofreu consideráveis perdas. A falta de algodão provocou um encarecimento considerável de todas as demais matérias primas da indústria têxtil. É verdade que os grandes capitalistas sofreram menos que os outros, mas os pequenos e os médios tiveram que fechar suas fábricas. Milhares de operários europeus ficaram na indigência.

Os governos se limitaram a dar esmolas miseráveis. Os operários ingleses que, pouco antes, durante a greve dos operários da construção civil, haviam dado um exemplo de solidariedade, se puseram a organizar a obra de socorro. A iniciativa foi tomada pelo conselho das trade unions de Londres. Foi constituído um comitê especial, e o mesmo se fez na França, onde este comitê foi dirigido pelos representantes do grupo que havia organizado a eleição da delegação operária para a exposição de Londres. Estabeleceram-se relações entre ambos comitês. Assim, os operários ingleses e franceses tiveram uma nova prova da estreita ligação de interesses que existia entre os operários de diferentes países.

A guerra civil dos Estados Unidos provocou um violento transtorno na vida econômica da Europa e afetou igualmente aos operários ingleses, alemães, franceses e até mesmo os operários russos das províncias de Moscou e Vladimir. Por isso no prefácio do primeiro tomo de *O Capital*, Marx afirma que a Guerra de Secessão do século XIX foi o alarme para a classe operária, tal qual a guerra de independência dos Estados Unidos contra Inglaterra foi o sinal para a burguesia francesa antes da revolução.

Outro acontecimento do interesse aos operários de distintos países surgiu. A servidão acabara de ser abolida na Rússia e era preciso realizar uma série de reformas nos outros setores da administração e da vida econômica. Ao mesmo tempo, o movimento revolucionário se fortalecia e exigia reivindicações mais radicais. As regiões fronteiriças, compreendida Polônia, se agitavam. O governo czarista escolheu a ocasião para terminar com um só golpe com a sedição exterior e interior; provocou a insurreição da Polônia e, ao mesmo tempo, com a ajuda de Katkov e de outros escritores venais, incentivou o patriotismo panrusso. A Muraviev e seus asseclas foi designada a tarefa de reprimir a insurreição polonesa.

No ocidente, onde o czarismo era odiado de forma unânime, a insurreição polonesa despertou grande simpatia. Distintos estados, França e Inglaterra, entre outros, concedeu completa liberdade de ação aos defensores dos sublevados poloneses, para dessa forma, dar vazão ao descontentamento reinante entre os operários. Na França foram organizadas várias assembleias, e igualmente um comitê, em cuja direção central estavam Tolain e Perrachón. Na Inglaterra, Cremer e Odger, por parte dos operários, e o professor Beesley, por parte dos intelectuais radicais, se puseram à frente do movimento em favor dos poloneses. Em abril de 1863, convocaram

em Londres um grande encontro presidido pelo professor Beesley e no qual Cremer discursou em defesa dos poloneses. A assembleia adotou uma resolução que indicava que os operários franceses e ingleses deveriam exercer pressão sobre seus respectivos governos para obrigá-los a intervir no conflito ao lado da Polônia. Se decidiu também organizar um encontro internacional. Esta reunião foi realizada em Londres, presidido pelo mesmo Beesley, em 22 de julho de 1863. Odger e Cremer falaram em nome dos operários ingleses e Tolain em nome dos franceses. Todos eles demonstraram a necessidade de restaurar a independência da Polônia. Isso foi o objeto único de seus discursos. Mas no dia seguinte foi realizada uma reunião que não é mencionada pelos historiadores da Internacional. Ela foi organizada por iniciativa do conselho londrino das *trade unions* mas, desta vez, sem a participação dos elementos burgueses. Odger demonstrou ali a necessidade de uma união mais estreita entre os operários ingleses e os demais do continente. O problema se formatou concretamente. Já comentamos que os operários ingleses sofriam a forte concorrência dos operários franceses e belgas e, especialmente, dos operários alemães. Nessa época, a fabricação do pão, que estava nas mãos das grandes empresas, era feita principalmente por operários alemães; numerosos operários franceses trabalhavam nas construções, na indústria mobiliária e na arte. Por isso os tradeunionistas aproveitavam todas as oportunidades para influenciar os operários estrangeiros que chegavam à Inglaterra. Ademais, uma organização que agrupasse os operários de diferentes nacionalidades era o meio mais fácil de cumprir seus propósitos.

Ficou decidido então que os operários ingleses fariam um chamado aos operários franceses: transcorreram cerca de três meses antes de que este chamado fosse submetido à

aprovação das trade unions de Londres. Foi escrito principalmente por Odger, quem, provavelmente, se inspirou até certo ponto na mensagem de simpatia enviada por Haron aos revolucionários franceses no fim do século XVIII.

Nessa época a insurreição polonesa acabara de ser reprimida, com uma ferocidade até então inédita, pelo governo czarista. A mensagem quase não falava dela. Para ter uma ideia do seu caráter, leiamos a seguinte passagem: “A fraternidade dos povos é extremamente necessária dentro do interesse dos operários. Cada vez que tentamos melhorar nossa situação por meio da redução da jornada de trabalho ou do aumento dos salários, os capitalistas nos ameaçam com a contratação de operários franceses, belgas e alemães, que realizariam nosso trabalho por um salário menor. Desgraçadamente, esta ameaça se cumpre muitas vezes. A culpa, é verdade, não é dos camaradas do continente, mas exclusivamente da ausência de toda inteligência, entre os assalariados dos distintos países. Há que esperar, porém, que esta situação terminará logo, pois com nossos esforços para conseguir que os operários mal pagos se ponham no nível dos que recebem salários elevados, impediremos que os empresários possam usar de alguns de nós contra nós mesmos para fazer diminuir nosso nível de vida conforme seu espírito mercantil”.

Essa mensagem foi traduzida ao francês pelo professor Beesley e enviada a Paris em novembro de 1863. Em Paris, serviu de base para a agitação nas oficinas. Mas a resposta dos operários franceses ainda demorou algum tempo. Se preparavam então para as eleições complementares do corpo legislativo que seriam realizadas em março de 1864. E nessa ocasião, um grupo de operários, onde figuravam Tolain e Per-rachón, colocaram uma questão muito importante: Os operários devem ter seus próprios candidatos ou devem se limitar

a apoiar os candidatos radicais? Em outros termos: é necessário separar-se distintamente da oposição burguesa e intervir com uma plataforma específica ou se deve marchar a reboque dos partidos burgueses? Essa questão foi arduamente discutida no fim de 1863 e começo de 1864. Se resolveu intervir separadamente e sustentar a candidatura de Tolain. Também ficou decidido expressar os fundamentos dessa ruptura com a democracia burguesa em uma plataforma específica que, de acordo com o número de assinaturas, recebeu o nome de Manifesto dos Sessenta. Em sua parte teórica, em sua parte crítica ao regime burguês, este manifesto responde inteiramente ao espírito proudhoniano. Mas, ao mesmo tempo, se aparta claramente do programa político do seu mestre, ao preconizar a formação de uma organização política específica dos operários e reclamar o lançamento de candidaturas operárias ao parlamento, para ali defender os interesses do proletariado.

Proudhon aprovou vivamente o Manifesto dos Sessenta e escreveu a este respeito um livro, que é uma de suas melhores obras. O redigiu nos últimos meses de sua vida, mas morreu antes da sua publicação. Se intitula *Da Capacidade Política da Classe Operária*; ali Proudhon reconheceu aos operários o direito de possuir uma organização de classe independente. Aprovou o novo programa dos operários de Paris, no qual se via a melhor demonstração da grande capacidade política que possui a classe operária. Ainda que mantenha seu velho ponto de vista sobre as greves e as associações de ajuda mútua, seu livro, por seu espírito de protesto contra a sociedade burguesa e sua tendência proletária, lembra sua primeira obra sobre a propriedade. Esta apologia da classe operária chegou a ser um dos livros preferidos dos operários franceses. E quando se fala da influência das doutrinas de

Proudhon na época da Primeira Internacional, não se pode esquecer que se tratava da doutrina de Proudhon tal como resultou após a publicação do Manifesto dos Sessenta. Sob esta forma, o proudhonismo teve grande influência na orientação dos intelectuais revolucionários russos. A obra póstuma de Proudhon foi traduzida para o russo por Mihailovsky.

Passou quase um ano até que a classe operária parisiense elaborasse uma resposta aos camaradas ingleses. Para levá-la a Londres foi designada uma comissão especial. Para receber a delegação, se organizou uma assembleia em 28 de setembro de 1864, no salão Saint-Martin, no centro. Beesley a presidia. O salão estava repleto. Primeiro, Odger leu o manifesto dos operários ingleses. O manifesto dos franceses foi lido por Tolain. Eis um extrato: “Progresso universal, divisão do trabalho, liberdade de comércio, eis aqui os três fatores que devem atrair nossa atenção, pois são suscetíveis de transformar radicalmente a vida econômica da sociedade. Constrangidos pela força das coisas reais e pelas necessidades do tempo, os capitalistas constituíram poderosas uniões financeiras e industriais. Se nós não tomarmos medidas de defesa, seremos esmagados impiedosamente. Nós, os operários de todos os países, devemos nos unir e opor uma barreira intransponível à ordem vigente, que ameaça dividir a humanidade em uma massa de homens famintos e furiosos de uma parte, e de outra uma oligarquia de reis e de burgueses engordados. Ajudemo-nos uns aos outros para conseguir tal propósito”.

Os operários franceses apresentaram um projeto de organização. Seria preciso constituir uma comissão central composta por representantes de todos os países em Londres, e em todas as principais cidades da Europa subcomissões em contato com esta comissão central, que submeteria a exame

algumas questões. O organismo central devia elaborar a ordem do dia. Para a determinação definitiva da forma de organização se convocaria um congresso internacional na Bélgica. Mas, se perguntaria, qual foi a participação de Marx? Nenhuma. Já relatamos em todos seus detalhes a preparação da jornada de 28 de setembro de 1864, a qual remontamos a história da Internacional, para saber que tudo o que foi feito nessa assembleia, desde o princípio até o fim, foi obra dos próprios operários. Até o presente não citamos uma só vez o nome de Marx, que assistiu a esta memorável assembleia na qualidade de convidado. Como participou desta? A resposta a tal pergunta nos foi oferecida por uma mensagem que por acaso encontrei entre os papéis de Marx: "Senhor Marx, o Comitê de organização do encontro vem respeitosamente perguntar-lhe se quereis assistir a ele. Com a apresentação desta nota poderás entrar na sala, onde as 7 horas e meia se reunirá o Comitê. Vosso afetuoso, Cremer".

Ao encontrar esta carta nos perguntamos o que induziu Cremer a convidar Marx. Por que o convite não foi dirigido a muitos outros emigrados radicados em Londres e em relações mais estreitas com os ingleses e franceses do que Marx? Por que Marx foi eleito para o comitê da futura internacional?

A este respeito podem ser feitas diversas conjecturas; a que tem mais aparência de verdade é a seguinte. Assinalamos o papel representado pela sociedade operária alemã, cujos locais em Londres eram pontos de reunião dos operários dos diversos países. Esta sociedade adquiriu ainda maior importância quando os operários ingleses compreenderam a necessidade de construir ligação com os alemães para evitar os prejuízos da concorrência entre operários que, por meio de agentes, os empresários atraíam à Londres. Daí as estreitas relações pessoais existentes com os membros da velha *Liga*

*dos Comunistas*: Eccarius, Lessner e Pfender. Os dois primeiros eram alfaiates e o terceiro, estucador e pintor. Todos participavam ativamente do movimento operário em Londres e conheciam muito bem os organizadores e dirigentes do conselho das trade unions. De forma verossímil, nesta circunstância que Cremer e Odger conheceram Marx, que, devido à polêmica com Vogt, havia retomado relações com a sociedade operária alemã.

Assim, pois, o verdadeiro papel de Marx, que não foi fundador da Primeira Internacional, mas que logo chegou ao posto de principal orientador, somente se iniciou após a fundação desta Internacional. Vimos que o comitê eleito na assembleia de 28 de setembro não recebeu nenhuma diretiva: não tinha nem programa, nem estatutos, nem sequer um nome. Existia já em Londres uma sociedade internacional, a "Liga Geral", que ofereceu hospitalidade ao Comitê. Nas atas da primeira assembleia realizada por este Comitê figuram os nomes dos representantes desta Liga, que não eram senão perfeitos burgueses. Eles tampouco propuseram ao novo Comitê a fundação de uma nova sociedade. Alguns deles falavam da organização de uma nova associação internacional na qual poderiam ingressar não somente os operários, mas todos os que aspirassem a uma união internacional e ao melhoramento da situação política e econômica das massas trabalhadoras. E a esta instância dos trabalhadores, Eccarius e Vitlock, este último, um velho "cartista", deram a nova sociedade o nome de "Associação Internacional dos Trabalhadores". A proposição foi sustentada pelos ingleses, entre os quais "cartistas", membros da antiga "Sociedade operária", berço do cartismo.

O nome dado à nova associação internacional fixou imediatamente seu caráter, pois em seguida foram aliçados os

burgueses da “Liga Geral”: o Comitê foi convidado a buscar outro local. Puderam, felizmente, encontrar um pequeno lugar não distante da sociedade operária alemã e no mesmo bairro onde viviam os emigrados e operários estrangeiros.

Desde que a sociedade foi denominada, se puseram a compor o programa e a redigir os estatutos. Para compreender o que passou em seguida há que se imaginar uma sessão do comitê executivo de Petrogrado ou de Moscou onde se desenvolveu uma luta entre várias facções ou partidos. O melhor meio de fazer triunfar sua resolução é gerar um acordo para obter maioria. É o que sabem muito bem todos os membros de um comitê de bairro qualquer; é o que sabiam também os membros do comitê da Internacional. E, ao ir a sessão, não esqueceram de levar com eles o maior número possível de camaradas, mas desta forma, desgraçadamente, o comitê se encontrava formado pelos elementos mais diferentes.

Havia, em primeiro lugar, ingleses que, dentre eles mesmos, se dividiam em vários grupos: tradeunionistas, velhos cartistas, velhos owenistas. Havia franceses muito pouco versados nas questões econômicas, mas considerados como especialistas da arte revolucionária. Havia também italianos, muito influentes então porque estavam dirigidos por um homem muito popular entre os ingleses, o velho revolucionário Mazzini, republicano ardoroso e ao mesmo tempo religioso. Estavam ali também emigrados poloneses, para os quais a questão polonesa estava em primeiro plano: estavam, por último, alguns alemães, todos ex-membros da *Liga dos Comunistas*: Eccarius, Lessner, Lochner, Pfender e, por último, Karl Marx.

Foram apresentados diferentes projetos. Os italianos apresentaram um projeto redigido mais ou menos de acordo

com o projeto francês. Na subcomissão na qual Marx participou e defendeu sua tese, por último, ficou encarregado de apresentar seu projeto a secretaria do comitê. Na quarta sessão – em 19 de novembro de 1864 – o projeto de Marx, com algumas insignificantes modificações de forma, foi adotado por esmagadora maioria.

Como conseguiu isso? Com risco de comprometer Marx aos vossos olhos, devemos dizer que isso não foi conseguido sem compromissos firmados, sem conciliação. Como ele mesmo disse em uma carta dirigida a Engels, “tive que introduzir nos estatutos e no programa alguns termos como ‘direito’, ‘moralidade’ e ‘justiça’, mas os introduzi de tal forma que não poderiam se tornar prejudiciais”.

Mas esse não é o segredo do êxito obtido por Marx, não é assim que conseguiu em uma assembleia tão acirrada a aprovação quase unânime de sua tese. O segredo do seu êxito reside no talento extraordinário (o que era reconhecido até mesmo por seu inimigo Bakunin) que pôs na composição do *Manifesto Inaugural* da Internacional. Como reconhecia Marx na mesma carta a Engels, era extremamente difícil expor os pontos de vista comunistas sob uma forma que estivessem aceitáveis para o movimento operário de então. Era impossível empregar a linguagem audaz e revolucionária do *Manifesto Comunista*. Havia que se esforçar em ser violento no conteúdo e moderado na forma; e Marx desempenhou brilhantemente esta tarefa.

Este manifesto foi escrito 17 anos após o *Manifesto Comunista*. Aquele e o Manifesto são, pois, do mesmo autor, mas as épocas em que foram escritos e as organizações para as quais e em nome das quais foram compostos, diferem profundamente. O *Manifesto Comunista* foi composto em nome de um pequeno grupo de revolucionários e de comunistas

para um movimento operária ainda muito jovem. Mas já então advertiam que não expunham princípios especiais para impor-lhes ao movimento operário; que se esforçavam somente para ressaltar neste movimento os interesses gerais do proletariado de todos os países, independente das nacionalidades.

Em 1864, o movimento operário havia crescido grandemente, adquirido carácter de massas, mas do ponto de vista do desenvolvimento da consciência de classe estava consideravelmente em atraso comparado à pequena vanguarda revolucionária de 1848. O novo estado maior deste movimento, em nome do qual Marx escrevia, não estava menos atrasado em relação a mencionada vanguarda. Era preciso escrever o novo manifesto sem esquecer o nível de desenvolvimento do movimento operário e dos seus dirigentes, sem renunciar, porém, a nenhuma das teses fundamentais do *Manifesto do Partido Comunista*.

Conhecemos a tática de frente única adotada pela Internacional Comunista. E Marx, em seu novo manifesto, ofereceu um exemplo clássico da aplicação desta tática. Formulou ali as reivindicações e assinalou todos os pontos acerca dos quais se pode e se deve unir as massas operárias e sobre cuja base se pode prosseguir o desenvolvimento da consciência de classe dos operários. As reivindicações imediatas do proletariado formuladas por Marx comportam logicamente as outras reivindicações do *Manifesto Comunista*.

Sob todos esses aspectos Marx tinha, certamente, uma superioridade imensa sobre Mazzini, sobre os revolucionários franceses e sobre os socialistas ingleses que estavam na direção da Internacional. Sem modificar em nada seus princípios fundamentais, conseguiu, durante estes 17 anos, desenvolver um trabalho imenso. Nessa época havia terminado o esboço de sua obra gigantesca e se ocupava em refazer o primeiro

tomo de *O Capital*. Marx era então o único homem no mundo que havia estudado muito bem a situação da classe operária e compreendido de igual modo o mecanismo da sociedade capitalista. Em toda Inglaterra não existia um só homem que se impôs, como ele, o trabalho de estudar todos os informes dos inspetores de fábrica e os trabalhos das comissões parlamentares referentes a situação dos diferentes ramos da indústria e das diferentes categorias do proletariado urbano e rural. Marx estava muito mais versado nesta questão do que os operários que eram membros do Comitê. Este compreendia padeiros, que conheciam a situação do seu ofício: sapateiros, conscientes do que se refere a indústria do calçado; carpinteiros e estucadores, bastante informados da situação dos operários da construção; mas somente Marx possuía conhecimento a fundo da situação das categorias mais diferentes da classe operária e sabia vinculá-las com as leis gerais da produção capitalista.

O talento de agitador de Marx se evidencia na própria composição deste manifesto. Da mesma forma que no *Manifesto do Partido Comunista*, partia do fato fundamental do desenvolvimento político, da luta de classes; assim, não começa o novo manifesto com frases gerais, com objetivos elevados, mas com os fatos que caracterizavam a situação da classe operária.

“É positivo que a miséria da classe operária não tenha diminuído no período 1848-1864, e, porém, esse período excepcional não tem exemplo nos anais da história pelo progresso realizado pela indústria e pelo comércio”. Referindo-se ao discurso de Gladstone na Câmara dos Comuns, Marx demonstrou que, ainda quando o comércio na Grã-Bretanha triplicou desde 1843, as nove décimas partes dos homens estão forçadas a realizar uma luta encarniçada somente para

assegurar sua subsistência. Os criminosos nas prisões se alimentam melhor do que muitas categorias de operários.

Referindo-se aos documentos das comissões parlamentares, Marx assinalava que a maioria da classe operária se alimentava insuficientemente, era alvo de enfermidades, enquanto que as classes possuidoras ampliavam monstruosamente suas riquezas.

Marx deduziu disso que, a despeito das asserções dos economistas burgueses, nem o aperfeiçoamento das máquinas, nem a aplicação da ciência na indústria, nem o descobrimento de novas colônias, nem a emigração, nem a criação de novos mercados, nem a liberdade de comércio puderam suprimir os males que afligiam a classe operária. Daí concluiu, como no Manifesto, que enquanto o regime social permanecesse sobre suas velhas bases, todo novo desenvolvimento das forças produtivas não faria mais do que aprofundar e ampliar o abismo que dividia então as diferentes classes e revelava ainda mais o antagonismo que existe entre elas.

Depois de indicar as razões que contribuíram para a derrota operária de 1848 e provocaram nela a apatia que caracterizava o período de 1849 a 1859, Marx expôs algumas das conquistas dos operários durante esse período. Ante tudo, a lei sobre a jornada de dez horas. A despeito de todas as asserções dos satélites do capital, Marx indicou que a redução da jornada, longe de prejudicar o rendimento do trabalho, pelo contrário, o aumentou. Esta lei, além disso, evidenciou o triunfo do princípio da intervenção do Estado no domínio econômico sobre o velho princípio da livre concorrência. Marx deduziu, como no *Manifesto do Partido Comunista*, a necessidade para a classe operária de submeter a produção ao controle e direção de toda a sociedade, pois somente uma

produção social assim concebida realizaria o princípio fundamental da economia política da classe operária. Assim, a lei da jornada de dez horas não foi somente uma vitória prática; indicava a vitória da economia política da classe operária sobre a economia política da burguesia.

Outra conquista era representada pelas cooperativas fabris fundadas por iniciativa dos operários. Mas, diferindo nisso de Lassalle, que considerava as associações de produção como o ponto de partida para transformação de toda a sociedade, Marx não superestimava sua importância prática. Ao contrário, as preconizava unicamente para demonstrar às massas operárias que a produção dirigida segundo os métodos científicos pode efetuar-se e desenvolver-se sem a classe capitalista que explorava o trabalho operário; que os meios de produção não devem ser monopólio de indivíduos, nem tampouco se transformar em instrumentos de violência e de escravidão; que o assalariamento, assim como a servidão, não é algo eterno, mas um estado transitório, uma forma inferior da produção, que deverá ceder seu lugar à produção social. Uma vez deduzidas estas conclusões comunistas, Marx indicou que, enquanto estas associações de produção se limitassem a um círculo estreito de operários, não estariam ainda em posição de aliviar, ainda que de forma paliativa, a situação da classe operária.

A produção cooperativa deveria ser estendida a todo o país. Situando assim a tarefa da transformação da produção capitalista na produção socialista, Marx ressaltou imediatamente que esta transformação será contrariada por todos os meios pelas classes dominantes; que os proprietários de terras e os capitalistas utilizariam seu poder político para defender seus privilégios econômicos. Por essa razão, o primeiro

dever da classe operária consistia em conquistar o poder político: segundo isto, para ele é necessário organizar em todas as regiões, partidos operários. Os operários têm em si mesmos um ator de êxito: sua massa, seu número. Mas esta massa somente adquire sua força quando é compacta, unida, quando está dirigida pela ciência. Sem uma profunda coesão, sem solidariedade fraternal, sem a ajuda recíproca na luta pela emancipação, sem uma organização de caráter nacional e internacional, os operários estariam condenados ao completo fracasso. Guiando-se por estas considerações, acrescentou Marx, os operários de diferentes países resolveram fundar a Associação Internacional dos Trabalhadores.

Como se pode ver, com uma arte surpreendente, ainda que sob uma forma moderada, Marx extraiu da situação efetiva da classe operária todas as deduções fundamentais do *Manifesto Comunista*: organização de classe do proletariado, derrubada da dominação da burguesia, conquista do poder político pelo proletariado, supressão do trabalho assalariado, nacionalização de todos os meios de produção.

Mas Marx – e com ela terminou o *Manifesto Inaugural* – colocou ainda outra tarefa política extremamente importante. A classe operária não deve encerrar-se na esfera estreita da política nacional. Devem seguir com atenção todos os problemas da política externa. Se o êxito da obra de libertação da classe operária depende da solidariedade fraternal dos operários de todos os países, não poderia cumprir sua missão se as classes que dirigem a política exterior aproveitassem seus prejuízos nacionais para pôr os operários de diferentes países uns contra os outros, derramar nas guerras de rapina o sangue do povo e desperdiçar seu dinheiro. Por isso, chegou o tempo em que os operários deveriam aprender a conhecer todos os segredos da política internacional; deveriam

vigiar a diplomacia de seus respectivos governos, resistir a ela, caso necessário, por todos os meios e unir-se um protesto unânime contra as manipulações criminosas dos Estados. Chegou o tempo de terminar com esse estado de coisas, onde o engano, a espoliação, o roubo, estão autorizados nas relações entre os povos, ou seja, um estado de coisas onde todas as regras consideradas como obrigatórias nas relações entre as pessoas privadas, são constantemente violadas.

Expusemos até aqui as ideias fundamentais deste notável manifesto. Em seguida examinaremos os estatutos e as teses primordiais, porque ao seu redor foi travada uma luta furiosa entre Bakunin e Marx.



## Oitava Conferência

*O estatuto da I Internacional. A conferência de Londres. O Congresso de Genebra. Informe de Marx. Os congressos de Lausanne e Bruxelas. Bakunin e Marx. O Congresso da Basileia. A guerra franco-prussiana. A Comuna de Paris. A luta de Marx contra Bakunin. O Congresso de Haia.*

Na última vez, tratei de forma extensa a história da fundação da Primeira Internacional e do seu *Manifesto Inaugural*; falarei agora do estatuto, que igualmente foi escrito por Marx e é composto por duas partes: princípios e organização. Vimos com que maestria Max introduziu no *Manifesto Inaugural* os princípios fundamentais do comunismo, mas era muito mais importante e difícil introduzi-los no estatuto da Internacional. O *Manifesto Inaugural* tinha apenas um propósito: explicar a motivação dos operários reunidos na assembleia de 28 de setembro de 1864 para fundar a Internacional. Não era ainda um programa, era somente uma introdução, uma declaração solene que anuncia ao mundo inteiro, como indica seu título, que havia sido fundada uma nova organização internacional, a Associação dos Trabalhadores.

Marx executou com sucesso este segundo trabalho: a tarefa de formular as tarefas gerais do movimento operário nos diferentes países. Eis: "Considerando: que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores; que os esforços dos trabalhadores para conquistar sua emancipação não tendem a constituir novos privilégios, mas estabelecer para todos os mesmos direitos e os mesmos deveres; que a subordinação do trabalhador ao capital é a fonte de

toda servidão política, moral e material; que, por isso, a emancipação econômica dos trabalhadores é o supremo objetivo a que deve ser subordinado todo movimento político: como meio; que todos os esforços feitos até agora fracassaram por falta de solidariedade entre os operários das diferentes profissões de cada país e da união fraternal entre os operários das diversas nações; que a emancipação dos trabalhadores não é um problema apenas local ou nacional, mas que, pelo contrário, este problema interessa diretamente a todas as nações civilizadas, com sua solução necessariamente subordinada à contribuição teórica das mesmas; que o movimento que desenvolve os operários dos países mais industrializados do mundo inteiro, ao engendrar novas esperanças dá um aviso importante para que não se incorra em antigos erros e aconselha combinar todos os esforços até agora isolados”.

Lendo atentamente a estes pontos se constata sua exata semelhança com algumas das teses do programa de nosso partido, que são a repetição textual das formuladas por Marx. A leitura dos primeiros programas dos partidos inglês, francês e alemão leva a mesma conclusão. Neles se encontram, particularmente no programa francês e no de Erfurt, alguns pontos que são reproduzidos textualmente das teses inaugurais do estatuto da Internacional.

Obviamente, os membros do comitê provisório da Internacional não interpretavam, todos da mesma maneira, muitas destas teses. Os ingleses, os alemães e os franceses reconheciam que a emancipação da classe operária deveria ser obra dos próprios trabalhadores, mas cada um entendia isto a sua maneira. Os tradeunionistas e os velhos partidos ingleses viam nessa tese um protesto contra a tutela permanente das classes médias, a afirmação da necessidade de uma

organização operária independente. Os franceses, então fortemente indispostos com os intelectuais, consideravam que esta tese os colocava em guarda contra os traidores de tal classe, e que os operários poderiam vencer prescindindo desta ajuda. Provavelmente, só os alemães, membros da antiga *Liga dos Comunistas*, compreendiam as consequências que comportavam esta tese. Se somente a classe operária está em condições de se libertar, toda coalizão com a burguesia, todo acordo com a classe capitalista é uma contradição manifesta. Adverte-se que não se trata da emancipação deste ou de outro grupo de operários, mas da classe operária como um todo; o que, por consequência, requer a organização do proletariado.

Da tese que demonstrava que o monopólio dos meios de produção pelo capitalismo é a causa essencial da servidão econômica se infere que seria necessário suprimir este monopólio. Esta dedução é ratificada na exposição que sustenta a necessidade de suprimir a divisão da sociedade em classes.

O estatuto não diz diretamente, como o *Manifesto Inaugural*, que para cumprir todos os objetivos que se propõe o proletariado, este deve conquistar o poder político; emprega outra fórmula. Diz somente que a emancipação econômica da classe operária “é o supremo objetivo a que se deve subordinar todo o movimento político: como meio”. Como esta tese provocou as mais violentas divergências na primeira Internacional, convém analisarmos.

Qual é o significado da tese? O propósito supremo do movimento operário é a emancipação econômica da classe operária, que somente pode ser conquistada pela expropriação dos meios de produção e a supressão de toda dominação de classe. Mas de que modo isso seria alcançado? Deve-se

evitar a luta política, como propunham os socialistas e anarquistas puros? Não, responde a tese elaborada por Marx. A luta política da classe operária é tão necessária como a luta econômica. É indispensável uma organização política; o movimento político da classe operária há de se desenvolver fatalmente, mas esta luta não é um fim em si, como na democracia burguesa, nos intelectuais radicais que colocavam em primeiro plano a modificação das formas políticas, a instauração da república, mas não querem ouvir falar da tarefa fundamental. Por isto, Marx destacava que, para a classe operária, o movimento político é somente um meio para cumprir seu propósito, um movimento subordinado. É verdade que esta fórmula não era tão clara como a do *Manifesto Comunista* ou a do *Manifesto Inaugural*, onde se diz que a conquista do poder político se converteu na principal tarefa histórica da classe operária.

Para os membros ingleses da Internacional, a fórmula de Marx era clara. O estatuto foi redigido em inglês e empregava uma terminologia familiar aos velhos cartistas e owenistas, presentes no comitê. Contra estes, que se limitavam a aceitar o “supremo objetivo” e rechaçavam o que concernia à ação política, lutavam os cartistas. Quando os cartistas formularam seu programa com seus célebres pontos, os owenistas censuraram aqueles por esquecer completamente o socialismo. Por sua parte, os cartistas destacavam então que, ao menos para eles, a luta política não era o objetivo principal. Empregavam exatamente a mesma fórmula que Marx empregaria vinte anos mais tarde. Para nós, replicavam os cartistas aos owenistas, é somente um meio e não um fim em si. De modo que a formulação de Marx não suscitou dúvida alguma no próprio comitê. Somente alguns anos mais tarde, quando começaram as discussões virulentas entre os bakuninistas e

seus adversários sobre a questão da luta política, este ponto chegou a ser a verdadeira maçã da discórdia. Os bakuninistas sustentavam que as palavras “como meio”, originalmente não figuravam no estatuto; que Marx as havia introduzido mais tarde, para impor clandestinamente ao estatuto a sua teoria. E, dessa forma, se suprimidas as palavras “como meio”, o ponto passa a ter outro sentido. Segundo isso, no texto em francês estas palavras foram omitidas.

Foi gerado um ligeiro mal-entendido, que teria sido fácil esclarecer, mas que no calor da luta conduziu os adversários de Marx a acusá-lo de falsificação do estatuto da Internacional. Quando foi traduzido o estatuto para a língua francesa, para divulgá-lo na França, suprimiram na edição oficial as palavras “como meio”. No texto francês dizia: “a emancipação econômica dos trabalhadores é o supremo objetivo a que deve ser subordinado todo movimento político”. Se julgou necessária a supressão para não chamar a atenção da polícia, que vigiava cuidadosamente toda movimentação política entre os operários. Esta última, com efeito, inicialmente considerava os internacionalistas franceses, para empregar nossa velha terminologia, não como “políticos”, mas como “economistas”. Da mesma forma eram vistos pelos blanquistas que, considerando-se “políticos”, cobriam de injúrias todos os internacionalistas, que para eles eram somente miseráveis “economistas”.

A questão foi agravada pelo fato de que a tradução francesa do estatuto, assim desnaturalizado, ter sido impressa na Suíça francesa e dali distribuída em todos os países onde a língua francesa estava mais em uso, ou seja, Itália, Espanha e Bélgica. Como veremos mais tarde, no primeiro congresso internacional que ratificou o estatuto provisório da In-

ternacional, cada nação aceitou os pontos do estatuto segundo o texto que tinha em suas mãos. A Primeira Internacional era demasiado pobre para imprimir seu texto em três idiomas. Do texto em inglês, ainda que formasse com o *Manifesto Inaugural* um pequeno livreto, somente foram impressos mil exemplares, esgotados rapidamente. Guillaume, um dos mais encarniçados adversários de Marx, um dos que o acusaram furiosamente de falsificação, assegura, em sua história da Internacional, que viu pela primeira vez o texto inglês com as palavras “como meio” somente em 1905. Se tivesse desejado poderia ter se convencido antes de que Marx não era um falsificador, ainda que isto não teria modificado em nada sua atitude, pois como sabemos perfeitamente, alguém pode gerar desavenças sobre tática mesmo aceitando um só e mesmo programa.

Há ainda no estatuto um ponto contra o qual os anarquistas não protestaram, mas que do ponto de vista marxista suscitava algumas dúvidas. Já vimos que para obter a unanimidade dos elementos heterogêneos que formavam o comitê, Marx se viu obrigado a fazer algumas concessões. Mas estas concessões não foram feitas no *Manifesto Inaugural*, mas no estatuto. Vou explicar no que consistem.

Após expor os princípios que os membros do comitê eleito pela assembleia de 28 de setembro de 1864 tomaram como base para fundar a Associação Internacional dos Trabalhadores, Marx continua: “O congresso... declara que esta Associação Internacional, como também todas as sociedades e indivíduos que a ela aderiram, reconhecem como base de sua conduta perante todos os homens a ‘Verdade’, a ‘Justiça’ e a ‘Moral’, sem distinção de cor, crença ou nacionalidade. O congresso considerava como um dever reivindicar os direitos do homem e do cidadão não somente para os membros da

Associação, mas também para todos os que cumpram seus deveres. Não mais deveres sem direitos, não mais direitos sem deveres”.

Em que consistem as concessões feitas por Marx? Sobre isso, ele mesmo escreveu ao seu camarada Engels: “todas as proposições foram aceitas pela subcomissão. Somente fui obrigado a inserir na introdução do estatuto duas ou três frases, como “obrigação”, “direito”, “verdade, moral e justiça”, mas tudo isso está disposto de modo tal que não prejudique em nada o sentido geral”. Dessa forma, não há ali nada particularmente prejudicial. Pode-se falar de verdade, de justiça, de moral, com a condição de não se esquecer que nem a verdade, nem a justiça e tampouco a moral são algo eterno e imutável, algo absoluto, independente das condições sociais. Marx não negava a verdade, a justiça e a moral; mas demonstrava que o desenvolvimento destes conceitos está condicionado pelo processo histórico concreto e que cada classe lhes atribui um sentido próprio.

Perigoso teria sido se Marx fosse obrigado a repetir a declaração dos socialistas ingleses e franceses, a provar que é necessário realizar o socialismo porque a verdade, a justiça e a moral o exigem, e não porque, como expôs no *Manifesto Inaugural*, é inevitável e surge logicamente das próprias condições criadas pelo capitalismo, da situação que a classe operária ocupa. Tal como foram colocadas por Marx, estas palavras não são mais do que a comprovação do fato de que os membros da Associação Internacional dos Trabalhadores assumiram a obrigação de ater-se em suas relações mútuas a verdade, a justiça e a moral, isto é, não trair a si mesmo, não trair sua classe, não enganar uns aos outros, trabalhar como

camaradas. Estas ideias, que eram para os utopistas os princípios, os fundamentos do socialismo, são em Marx as regras essenciais da conduta da organização proletária.

Mas no ponto de vista que examinamos se diz que estes princípios devem estar na base da conduta dos membros da Internacional, entre eles e com todos os homens, independente da raça, religião e nacionalidade. E isso não é racional. Há que recordar que nessa época a guerra civil torturava os Estados Unidos; que antes, a insurreição polonesa havia sido definitivamente esmagada; que nesse mesmo momento as tropas czaristas terminavam de subjugar o Cáucaso; que, em vários Estados, as perseguições religiosas eram furiosas; que até na Inglaterra os judeus somente haviam obtido seus direitos políticos a partir de 1858 e que nos demais estados europeus ainda não gozavam inteiramente dos direitos civis. Mesmo a própria burguesia não havia realizado os “eternos” princípios de moral e de justiça para os membros de sua própria classe e em seu próprio país os violava sem cerimônias, caso se tratasse de outro país ou nacionalidade.

O segundo ponto sobre os direitos e os deveres suscitou ainda mais objeções. Se impôs, não se sabe o porquê, a cada membro da Internacional, a obrigação de obter os direitos do homem e do cidadão: não só para si mesmo, mas também para os outros. Mas este adjunto não torna mais claro o sentido. Apesar de toda diplomacia, Marx foi obrigado, nesta circunstância, a fazer uma concessão aos representantes dos revolucionários franceses emigrados, membros do comitê.

Deixe-me recordar agora alguns fatos da história da Revolução Francesa. Um dos primeiros atos desta revolução foi a proclamação dos Direitos dos Homens e do Cidadão. Em sua luta contra a nobreza e contra o absolutismo, que arro-

gavam para si todos os privilégios e deixavam todas as obrigações para os demais, a burguesia revolucionária reivindicou a igualdade, a fraternidade e a liberdade, o reconhecimento para todo homem e cidadão alguns direitos intangíveis, entre eles o direito de propriedade, frequentemente violado pela aristocracia e o poder real em detrimento do terceiro estado.

A esta declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão, os jacobinos somente acrescentaram algumas emendas, que deixaram intacto o ponto que concerne à propriedade individual, mas que fazem esta declaração mais radical, do ponto de vista político, com a adição do direito do povo à insurreição e a proclamação da fraternidade de todos os povos. Essa versão ficou conhecida como “Declaração dos direitos de 1793” ou de Robespierre, que foi o programa dos revolucionários franceses a partir de 1830.

Os seguidores de Mazzini, como vimos, insistiam para que seu programa fosse adotado. Em seu celebre livro *Os Deveres do Homem*, que traduzido ao inglês e era muito popular entre os operários que falavam este idioma, Mazzini, conforme sua insígnia “Deus e Povo”, contrariamente aos materialistas franceses com sua declaração dos direitos do homem fundada na razão e na natureza, colocava na base de sua ética idealista a concepção de *dever* e das obrigações do homem estabelecidas por Deus.

Compreenderão agora de onde provinha a célebre fórmula de Marx: “não mais direitos sem deveres, não mais deveres sem direitos”. Obrigado a introduzir em seu documento a reivindicação da Declaração dos Direitos do Homem, aproveitou as divergências existentes entre os franceses e os italianos para destacar em sua fórmula a diferença desta reivindicação com a velha reivindicação da burguesia. O proletariado

reclama igualmente os direitos para ele mesmo, mas, desde o princípio, declara que não reconhece direitos ao indivíduo sem deveres perante a sociedade.

Quando, alguns anos mais tarde, o estatuto foi revisto, Marx propôs que fosse suprimido unicamente as palavras que falavam da Declaração dos Direitos do Homem. Enquanto a tese “não mais direitos sem deveres, não mais deveres sem direitos” foi mantida e mais tarde inserida no programa de Erfurt de forma modificada: “iguais direitos e iguais deveres”.

Examinemos agora o próprio estatuto:

“Foi fundada uma associação para obter um ponto central de comunicação e de cooperação entre os operários de diferentes países movidos pelo mesmo propósito, a saber: a ajuda mútua, o progresso e a libertação da classe operária. Seu nome é Associação Internacional dos Trabalhadores.

Em 1865 será convocada um congresso internacional operário na Bélgica composto por representantes de todas as sociedades operárias que aderiram à Internacional.

O congresso deverá proclamar ante Europa as reivindicações gerais da classe operária, aceitar em sua forma definitiva o estatuto da Associação, estudar os meios necessários para a eficácia de sua ação e designar o conselho central. O congresso se reunirá a cada ano. O conselho central residirá em Londres e será composto por operários de diferentes países representantes da Associação Internacional; ele elege do seu seio a todos os funcionários necessários para a gestão dos assuntos: um presidente, um tesoureiro, um secretário-geral, secretários específicos para as relações com os países.

A cada ano o conselho central apresentará um informe ao congresso sobre sua ação durante o mesmo período. Eleito

pelo congresso, tem o direito de cooptação. Nos casos extraordinários poderá convocar o congresso antes que haja completado o período de um ano.

O conselho central estabelecerá relações com as diferentes associações operárias, de modo que os operários de cada país, estejam constantemente conscientes do movimento de sua classe nos outros países; fará simultaneamente e dentro do mesmo espírito uma pesquisa sobre a situação social; os problemas propostos por uma sociedade cuja discussão seja de interesse geral serão examinados por todos e, quando uma manifestação prática ou uma dificuldade internacional reclamem sua ação, este poderá atuar de modo uniforme. Quando se julgar necessário, o conselho poderá formular proposições e submetê-las às associações locais ou nacionais.

Posto que o êxito do movimento operário de cada país somente pode se assegurar pela força resultante da ação e de associação; que, por outra parte, a utilidade do conselho central depende de sua estreita vinculação com as sociedades operárias já locais, já nacionais, os membros da Associação Internacional deverão se esforçar, cada um em seu país, para reunir em uma associação nacional as diversas sociedades operárias existentes”.

Os princípios fundamentais deste estatuto foram ratificados pelo congresso. Uma das principais modificações que foram feitas foi a supressão, por iniciativa de Marx, do posto de presidente do conselho central, que mais tarde foi chamado de “conselho geral”.

A experiência da União Operária Geral Alemã fundada por Lassalle demonstrou quais inconvenientes tinha esta ins-

tituição completamente inútil. O conselho geral elegia presidente da sessão e para a ordenação dos assuntos dos secretários de países que se reuniam com o secretário-geral.

O estatuto da Internacional foi mais tarde largamente utilizado pelo movimento operário internacional. Não detalharei as modificações que foram introduzidas durante oito anos, mas o deixaram intacto em suas características fundamentais: somente os poderes do conselho geral foram ampliados ao fim da Primeira Internacional.

A tarefa primordial do conselho provisório era convocar o congresso internacional. Sobre este ponto ocorreram discussões acaloradas. Marx insistia que se fizesse desde o primeiro instante os trabalhos preparatórios para que os diferentes países tivessem tempo para conhecer melhor os propósitos da Internacional e poder se organizar. Pelo contrário, os ingleses, que colocavam em primeiro plano os interesses do seu movimento profissional, insistiam que o congresso fosse convocado o mais rápido possível, e nessa posição tinha como aliados os emigrados franceses do conselho central.

A querela terminou com um compromisso. Em 1865 foi convocado, não um congresso, mas uma conferência, realizada em Londres: onde se escutaram toda sorte de informes e foram elaborados os temas de debate do futuro congresso. Suíça, Inglaterra, Bélgica e França foram representadas; a situação não era promissora. Planejou-se o congresso para maio de 1866.

Era na Alemanha onde, apesar de existir a União Operária Geral, os assuntos iam de mal a pior. Lassalle havia morrido em 30 de agosto de 1864 em um duelo, e foi substituído, conforme os estatutos da União, por Bernhard Becker, homem incapaz e pouco influente. Muito maior era a influência

de Schweitzer, redator o órgão central da União, o *Social-democrata*. Mas logo, entre este último e Wilhelm Liebknecht, que fazia parte da redação, surgiram fortes divergências sobre problemas de política interna. Marx e Engels, que haviam aceitado colaborar com o jornal, renunciaram a esta tarefa publicamente pouco tempo depois. O falecido Mehring se esforçou na defesa de Schweitzer para demonstrar que em tal circunstância Marx e Engels não tinham total razão. Mas se enganou completamente: todos os fatos estão contra ele.

Já vimos anteriormente que a tática de Lassalle padecia de defeitos consideráveis: Lassalle se permitia procedimentos inadmissíveis com o bando governamental. Schweitzer ia ainda mais longe. Publicou em seu jornal uma série de artigos que, conforme o próprio Mehring afirmou, por seus disparates sobre Bismarck, lhe produziu uma impressão extremamente desfavorável. Mas Mehring tratava de justificar Schweitzer mostrando que as condições da luta legal exigiam essa tática pretensiosa. Liebknecht, velho revolucionário, não podia, como ele mesmo dizia, adaptar-se a tais condições e exortava seus antigos amigos e mestres contra Schweitzer. Deste modo, Schweitzer foi obrigado a se separar de Liebknecht, e ao lado do último ficaram não somente Marx e Engels, mas também muitos dos seus velhos adversários, como Hesse, que tampouco aceitavam a tática de Schweitzer. A semelhança do que ocorreu na Rússia nas discussões entre bolcheviques e liquidacionistas, nas quais estes últimos foram batizados por Lenin como partido operário “stolypiniano”, o de Schweitzer foi chamado pelos velhos militantes clandestinos de partido “bismarckiano”.

De qualquer maneira, no momento em que se reuniu a conferência de Londres os alemães próximos a Marx não possuíam nenhum órgão de publicidade e somente se ocupavam

em criar sua própria organização, enquanto os lassallianos, não queriam, nessa época, ouvir falar da Internacional. O resultado desta cisão foi que, durante os primeiros anos, os alemães somente participaram da Internacional com os velhos emigrados residentes na Inglaterra e na Suíça.

Os informes apresentados na conferência de Londres demonstram que a situação econômica da Internacional naquele momento era muito ruim. Durante todo o ano havia acumulado uma soma aproximada de 750 francos. Todas as operações de tesouraria, todas as entradas desse ano, representavam umas 33 libras esterlinas. Com tal soma é muito difícil fazer grandes coisas: apenas foi possível pagar o aluguel e satisfazer as necessidades urgentes.

As discussões da ordem do dia renovaram as divergências suscitadas anteriormente entre os franceses radicados em Londres e seus compatriotas que representavam a organização parisiense. Estes últimos não queriam então que se colocasse a questão da independência da Polônia como um assunto puramente político. Os emigrados franceses, apoiados por alguns ingleses, lutavam para que fosse inserido um ponto sobre a religião e reclamavam uma luta implacável contra a superstição religiosa. Marx se posicionou contrário a essa proposição. Sustentava com justeza que, dado o nível pouco elevado do movimento operário e a escassa relação entre os trabalhadores dos distintos países, o fato de colocar tal ponto no debate principal do congresso somente geraria conflitos inúteis. Mas, foi minoria neste debate.

Se passou ainda um ano antes da convocação do primeiro congresso, cuja realização ficou determinada para setembro de 1866. Durante esse tempo, alguns acontecimentos se desenvolveram, sobre os quais quero dizer algo. Na Inglaterra foi um ano de grande e intensa luta política. As *trade*

*unions*, dirigidas pelos operários ingleses que compunham o conselho central, desenvolveram uma luta encarniçada para conquistar novos direitos eleitorais. Essa luta, repito, se efetuou sob a direção da Internacional. Marx realizava grandes esforços para que os operários não repetissem seus velhos erros e desenvolvessem a luta independentemente, sem coligar-se com os radicais. Mas no início de 1866 reapareceu a tática tão nociva na época do cartismo e que havia causado tanto dano. Com o propósito de conquistar o sufrágio universal, os líderes dos operários, em parte por razões financeiras, realizaram um acordo com o partido mais radical da burguesia democrática, que também reivindicava o sufrágio universal, e organizaram um comitê comum para dirigir esta luta. Havia elementos respeitáveis, como o professor Beesley, e democratas sinceros, mas também haviam indivíduos de profissões liberais, advogados e juizes, representantes da pequena e da média burguesia e, em particular, da burguesia comercial, que desde o começo foi partidária de um compromisso. A luta se realizou à maneira inglesa: organizaram-se encontros e manifestações. Em junho de 1866, Londres presenciou uma demonstração grandiosa, como nunca se havia visto, ainda na época do cartismo. Sob a pressão da multidão agrupada em Hyde Park, onde se reunia a manifestação, cederam as cercas. O governo entendeu que chegava o momento de fazer concessões.

Depois da Revolução de Julho, na Inglaterra um forte movimento a favor da reforma eleitoral foi desenvolvido e que culminou em um acordo. Os operários foram indignamente enganados e somente a burguesia industrial obteve o direito de voto. Ainda então, vendo que a efervescência era grande entre os operários urbanos e que estava obrigado a ceder, o

governo propôs uma nova ampliação dos direitos eleitorais, que seria concedido a todos os operários das cidades.

Evidentemente, o direito de voto somente era reivindicado naquele momento para a população masculina; nem sequer se sonhava que pudesse também ser conferido as mulheres. Foi proposto aos operários o seguinte acordo, que foi imediatamente aceito pelos membros burgueses do comitê de reforma eleitoral: o direito de voto se estenderia a todos os operários que possuíam domicílio (ainda que seja de uma parte) e que pagassem um mínimo determinado de aluguel. Desta maneira, o direito de voto foi conferido a quase todos os operários urbanos, exceto os que se alojavam conjuntamente em um só domicílio (situação que era comum então), mas os operários rurais, pelo contrário, não foram contemplados. O autor desta hábil manobra foi o líder conservador inglês, Disraeli, para a qual consentiram os reformistas burgueses, incentivando os operários a aceitar essa concessão e indicando que depois da nova eleição parlamentar poderiam reclamar uma nova extensão dos direitos eleitorais. Todavia, os operários rurais tiveram que esperar ainda vinte anos, até 1885, e somente sob a influência da Revolução Russa de 1905, os que não *pagavam aluguel* ou *não possuíam um domicílio* obtiveram, enfim, o direito de voto.

Em 1865-1866 se produziram na Alemanha acontecimentos não menos importantes: uma encarniçada luta pela hegemonia se desenvolveu entre Prússia e Áustria. Bismarck propôs deixar definitivamente a Áustria fora da confederação germânica, fazer da Prússia a coluna vertebral da Alemanha e até reduzir as províncias alemãs que então eram da Áustria. A esta questão me referi ao expor as divergências entre Marx e Engels, de uma parte, e Lassalle, de outra.

O litígio entre Áustria e Prússia terminou em uma guerra. Em duas ou três semanas, a Prússia, que não se importava em se aliar com a Itália contra um Estado alemão, venceu facilmente a Áustria e anexou vários pequenos estados que estavam ao lado desta última: o reinado de Hannover, a cidade livre de Frankfurt, o grande ducado de Hesse, etc. A Áustria foi excluída definitivamente da confederação germânica e se organizou a união do norte da Alemanha, com a Prússia à frente e, para conquistar a simpatia dos operários, Bismarck introduziu o sufrágio universal.

Na França, Napoleão foi obrigado a fazer algumas concessões, com a revogação de determinados artigos do código penal estabelecidos contra as coalizões operárias. As perseguições contra as organizações econômicas, particularmente contra as cooperativas e as sociedades de socorro mútuo, diminuíram, e ganhou terreno entre os operários a corrente que se esforçava em utilizar as possibilidades legais. Além disso, as organizações blanquistas se desenvolveram e travaram uma violenta polêmica com os internacionalistas, a quem reprovavam a renúncia a toda luta revolucionária e flertavam com o governo bonapartista.

Em toda a Suíça francesa, alemã e italiana os operários se ocupavam dos seus assuntos locais e só os emigrados e os estrangeiros se interessavam pela Internacional. A seção alemã que, dirigida por Becker, editava a revista *O Precursor*, que cumpria então o papel de órgão central para as relações com o estrangeiro e para aqueles operários alemães que se desvincularam do lassallismo e aderiram à Internacional.

O congresso se reuniu em Genebra em setembro de 1866, quando a Prússia havia vencido a Áustria e os operários ingleses havia conquistado uma grande vitória política sobre a burguesia. O congresso se iniciou com um escândalo. Havia

chegado da França, além dos proudhonianos, blanquistas que pretendiam participar dos trabalhos; quase todos eram estudantes muito revolucionários e o futuro comissário de justiça da Comuna de Paris, Protot. Ainda que não possuíssem nenhum mandato, eram os que mais causaram alvoroço. No final, foram expulsos. Diz-se que quiseram afogá-los no lago de Genebra, mas esta história é apenas uma lenda. Houve, sem dúvidas, brigas e algumas agressões, como acontece entre os franceses que, em sua luta de frações, nem sempre acabam por se limitar, como fazem os pacíficos eslavos, a simples resoluções de exclusão.

Após o início do trabalho, a batalha principal se desenvolveu entre os proudhonianos e a delegação do Conselho Geral composto por Eccarius e pelos operários ingleses. Marx não pode assistir; estava ocupado na redação definitiva do primeiro tomo de *O Capital*; ademais, doente e estreitamente vigiado pelos espíões franceses e alemães, teria que superar muitas dificuldades para conseguir fazer essa viagem. Mas escreveu para a delegação um informe minucioso sobre todos os pontos do debate.

Os delegados franceses apresentaram então um informe detalhado, que consistia em uma exposição das ideias econômicas de Proudhon, e se declararam energicamente contra o trabalho da mulher, sustentando que a natureza fez da casa seu lugar, que a mulher deveria se ocupar da família e não do trabalho na fábrica. Rechaçavam explicitamente as greves e os sindicatos, além de defender a cooperação e a organização do câmbio sobre a base do mutualismo. As condições primordiais para atualizar seu programa eram, segundo eles, a realização de um acordo entre as diferentes cooperativas e o estabelecimento do crédito sem interesse. Até insistiram para que o congresso ratificasse a organização do crédito

internacional, mas somente conseguiram uma resolução que recomendava a todas as seções da Internacional o estudo da questão e a unificação de todas as sociedades operárias de crédito. Também se opuseram a limitação legal da jornada de trabalho. Foram combatidos pelos londrinos e pelos delegados alemães, que propuseram, como resolução sobre cada ponto da ordem do dia, uma passagem apropriada do informe de Marx, que colocava em destaque os assuntos que proviñham das reivindicações da classe operária.

O informe pedia que a Internacional dedicasse toda sua atividade à união e ao agrupamento de todos os esforços dispersos da classe operária que lutavam por seus interesses. Era necessário criar uma vinculação estreita, que não somente permitiria aos operários dos diferentes países compreender sua fraternidade na luta, mas até chegar a atuar como combatentes de um exército emancipador único; organizar a ajuda mútua internacional para as greves e impedir a substituição dos operários de um país por estrangeiros, que é um dos procedimentos favoritos dos patrões.

Uma das principais tarefas que colocava Marx era o estudo metódico, científico, da situação da classe operária de todos os países, estudo que devia ser empreendido pelos próprios operários, e todos os materiais reunidos deveriam ser enviados ao Conselho Geral, que por sua vez os organizariam. Marx indicava, de forma geral, os principais assuntos aos quais os operários deveriam se ocupar.

O problema dos sindicatos provocou vivos debates. Os franceses se declararam contra as greves e contra qualquer organização de resistência aos patrões; viam exclusivamente na cooperação a salvação dos operários. Os delegados londrinos propuseram, em forma de resolução, toda a parte do in-

forme de Marx sobre os sindicatos. Esta foi adotada pelo congresso, que originou o mesmo mal-entendido que as outras decisões da Primeira Internacional. Durante muito tempo, o texto exato da resolução não foi conhecido; os alemães somente o conhecia por uma tradução de Becker, que em todos os sentidos era insuficiente, publicada em *O Percursor*; a tradução francesa era ainda pior. Traduzida do original inglês, foi publicada pela primeira vez em 1914 no *Sovremenny Mir*.

A resolução repete, em uma forma ainda mais clara, tudo o que havia sido dito por Marx no *Miséria da Filosofia* e no *Manifesto Comunista* sobre os sindicatos, o núcleo fundamental da organização de classe do proletariado. Indica, ademais, as tarefas contemporâneas dos sindicatos e de quais defeitos padeciam fatalmente quando se convertiam em organizações estreitamente cooperativas. Portanto, convém que nos detenhamos nela.

Como surgiram os sindicatos? Como estes se desenvolveram? São o resultado direto da luta entre o capital e o trabalho assalariado. Nesta luta os operários estão em condições muito desvantajosas; o capital é uma força social concentrada nas mãos de um capitalista, enquanto que o operário somente dispõe de sua força de trabalho individual. Por isso, este assunto não é próprio da natureza de um contrato entre o capitalista e o operário. Quando os proudhonianos falavam sobre um contrato livre e justo, demonstravam sua total incompreensão do mecanismo da produção capitalista. O contrato entre o capital e o trabalho não pode ser celebrado em condições justas, ainda em uma sociedade que ponha de um lado, os meios materiais de vida e de trabalho e do outro, a energia produtiva viva. Detrás de cada capitalista está a força da sociedade, que só pode ser contraposta pelos operários com seu número, a força social de que dispõe. Mas a

força do número, da massa, se reduz a um mínimo pela divisão dos operários, criada e mantida por sua concorrência inevitável. Em primeiro lugar é indispensável suprimir esta concorrência entre os operários; e das tentativas dos operários para suprimi-la ou ao menos para atenuá-la, para obter por um contrato determinado condições de trabalho que os tirem da escravidão, nasceram os sindicatos. No início, sua tarefa imediata se limitou as necessidades do salário; buscaram os meios para deter a contínua usurpação capitalista; em uma palavra, se ocuparam dos assuntos do salário e da jornada operária. A despeito das afirmações dos proudhonianos, esta ação não somente é legítima, mas necessária, inevitável enquanto subsista o atual sistema de produção e deve ser generalizada mediante a formação de novos sindicatos e por sua união em todos os países.

Mas os sindicatos desempenham um papel não menos importante, que os proudhonianos, em 1866, compreendem tão pouco como seu mestre em 1847. Inconscientemente, os sindicatos foram e ainda são centros de organização para a classe operária, como foram na Idade Média as comunas para a burguesia; e se são necessários para a guerra entre o capital e do trabalho, sua importância é ainda maior como fator de organização para a supressão do regime de assalariamento. Por desgraça, os sindicatos não compreenderam completamente tal tarefa. Demasiados absorvidos em sua luta local e imediata contra o capital, ainda não compreenderam cabalmente a força de sua ação dirigida contra o sistema da escravidão assalariada. Isso explica o porquê de ter se mantido e ainda se manter demasiadamente distantes dos movimentos gerais e políticos.

Marx destacava quais os sintomas que indicavam que os sindicatos começavam a ter a compreensão da sua missão

histórica, dentre os quais citava a participação dos sindicatos ingleses (trade unions) na luta pelo sufrágio universal e a resolução que adotaram na conferência de Sheffield, com a recomendação a todos os sindicatos para a adesão à Internacional.

Em conclusão, Marx, que até então havia polemizado contra os proudhonianos, se pôs contra os tradeunionistas puros, que queriam limitar a ação dos sindicatos à assuntos salariais e da jornada de trabalho. Os sindicatos deveriam, ademais, aprender a atuar conscientemente como centros de organização da classe operária para a luta pela sua completa emancipação e seguir todo movimento social e político que tendam a este fim. Considerando-se combatentes e representantes da classe operária e agindo em concordância, assim hão de atrair a suas fileiras todos os operários; vigiar atentamente seus interesses nos ramos industriais menos lucrativos; preocupar-se, por exemplo, com os operários agrícolas que, em virtude de sua situação específica, são reduzidos à impotência; proclamar ante o mundo inteiro que suas aspirações não são estreitas e egoístas, mas que pretendem, concretamente, a libertação dos milhares de oprimidos.

Os debates do congresso de Genebra sobre a questão sindical têm um grande interesse para nós. Os delegados londrinos defenderam com muita inteligência sua posição, pois consideravam que a resolução não era mais que a dedução do extenso informe de Marx, que, infelizmente, somente eles conheciam. Assim, quando o Conselho Geral examinou as questões que deviam figurar na ordem do dia do futuro congresso, surgiram profundas divergências entre seus membros. Por isso, Marx leu no Conselho Geral um informe detalhado no qual explicava a importância dos sindicatos no regime capita-

lista. Aproveitou também essa ocasião para expor a sua audiência, de forma popular, sua nova teoria do valor e da mais valia, a dependência que existe entre o salário, o lucro e o preço das mercadorias. Estas discussões do Conselho Geral impressionaram por sua seriedade e gravidade dignas de uma sociedade de sábios burgueses. Toda a autoridade, todas as aquisições desta nova ciência econômica marxista foram postas a serviço da classe operária.

Os delegados londrinos defendiam com igual habilidade a resolução de Marx sobre a jornada laboral de oito horas; contrariamente aos franceses, demonstravam, com Marx, que “a condição prévia e sem a qual toda tentativa de melhorias e libertação da classe operária resulta infrutífera, é a limitação legal da jornada de trabalho”. Era necessário restaurar a saúde e a energia de cada nação, assegurar a possibilidade do desenvolvimento intelectual, de comunhão social e de sua atividade política.

Tendo como base a proposição do Conselho Geral, o congresso fixou em 8 horas o limite legal da jornada de trabalho. E como esta era também uma reivindicação dos operários dos Estados Unidos, assim se transformou no programa geral da classe operária em todo o mundo. O trabalho noturno seria considerado em casos excepcionais, em alguns ramos da produção e em certas profissões que seria determinado claramente pela lei, mas com aspiração a ser suprimido.

Em sua nota-informe Marx não estudava em detalhe, infelizmente, a questão do trabalho da mulher; acreditou que bastava dizer que o parágrafo sobre a redução da jornada de trabalho se referia integralmente a todos os operários adultos, homens e mulheres. Por conseguinte, especificava que estas últimas não deviam empregar-se no trabalho noturno e

não poderiam ser obrigadas a cumprir nenhuma função prejudicial para seu organismo nem exercer um ofício que requeresse a manipulação de substâncias venenosas ou nocivas à sua saúde. Assim, como a maioria dos franceses e dos suíços se manifestaram categoricamente contra o trabalho da mulher, o congresso adotou a tese de Marx e a resolução dos franceses, com a qual se declarou, em suma, que era preferível impedir o trabalho feminino, mas que, onde não fosse possível, teria que se contentar com os limites fixados por Marx.

Pelo contrário, a tese de Marx sobre o trabalho das crianças e dos adolescentes foram adotadas integralmente, sem ter sido feita nenhuma emenda proudhoniana. Dizia-se nestas que a tendência da indústria de fazer crianças e adolescentes de ambos sexos colaborar na obra da produção social, era uma tendência progressista, sã e legítima, ainda que, sob a dominação do capital, se transformava em horrível flagelo. Em uma sociedade racionalmente organizada, segundo Marx, todas as crianças, a partir dos 9 anos, deveriam ser produtores. De igual modo, nenhum adulto não pode escapar do cumprimento desta lei da natureza: trabalhar para ter a possibilidade de comer, e não somente trabalhar intelectualmente, mas também fisicamente. A este respeito, Marx propôs um programa de combinação do trabalho manual com o intelectual, programa que comportava o desenvolvimento intelectual geral, o politécnico, que proporcionaria às crianças conhecer as bases científicas de todos os procedimentos de produção.

Em sua nota-informe, Marx se referia a cooperação, oportunidade em que aproveitou não somente para criticar as ilusões dos cooperativistas puros, mas também para destacar a condição especial para a existência do movimento cooperativo. Como no *Manifesto Inaugural*, não concedeu sua preferência às cooperativas de consumo, mas às de produção;

“mas não é com as cooperativas, quaisquer que sejam – agrega – que se pode suprimir o regime capitalista. Para isto é necessária uma mudança mais vasta, mais radical, que se estenda a sociedade inteira. Modificações tais que só podem se produzir por meio de uma força social organizada, o poder estatal, que passarão das mãos dos capitalistas e latifundiários as da classe operária”. Assim, pois, proclamou Marx a necessidade da conquista do poder político pelo proletariado.

O projeto de estatuto que vocês já conhecem foi adotado sem nenhuma modificação. A tentativa dos franceses (que já haviam suscitado esta questão na conferência de Londres) de não entender por “operário” mais do que as pessoas ocupadas em um trabalho manual e excluir os representantes do trabalho intelectual, foi fortemente combatida. Os delegados ingleses declararam que para aceitar a proposição dos franceses seria necessário excluir o próprio Marx, que tanto havia feito pela Internacional.

O congresso de Genebra desempenhou um papel importante como instrumento de propaganda: todas suas resoluções para estabelecer as reivindicações primordiais da classe operária, escritas quase exclusivamente por Marx, entraram no programa mínimo prático de todos os partidos operários. O congresso teve uma imensa repercussão em todos os países, compreendida a Rússia, onde já, em 1865, o *Sovremenny* reproduziu grande parte do *Manifesto Inaugural*, apresentando-o como escrito de Marx. Após o congresso de Genebra, que deu forte impulso ao movimento operário internacional, a Internacional adquiriu grande popularidade e chamou a atenção de algumas organizações democráticas burguesas que tentaram utilizá-la para seus propósitos.

No congresso seguinte, realizado em Lausanne, a luta se deu ao redor da participação no congresso de uma nova

sociedade internacional, a *Liga para a Paz e a Liberdade*, que deveria se reunir em Genebra. Triunfaram os partidários da participação. Só no congresso seguinte, realizado em Bruxelas, triunfaria o ponto de vista do Conselho Geral e se decidiu propor a Liga que aderisse à Internacional e se afiliassem às respectivas seções de cada país.

Marx não participou destes dois congressos. Ainda não havia sido encerrado o congresso de Lausanne, quando o primeiro tomo de *O Capital* foi publicado. No congresso seguinte, realizado na cidade de Bruxelas em 1868, foi adotada a proposição da delegação alemã, uma resolução que recomendava aos operários de todos os países o estudo de *O Capital*. Esta destacava o imenso mérito de Marx: é “o primeiro economista que submeteu o capital a uma análise minuciosa e reduziu a seus elementos fundamentais”.

Entre outras coisas, examinou o congresso de Bruxelas a questão da influência das máquinas na situação da classe operária, as greves e a propriedade territorial. As resoluções adotadas são, mais ou menos, compromissos; pelo contrário e pela primeira vez, o ponto de vista do socialismo ou, como se dizia então, do coletivismo, triunfou contra o critério dos franceses; se reconhecia a necessidade de socializar os meios de transporte, de comunicação e o solo, mas esta resolução somente foi adotada de forma definitiva no congresso seguinte, realizado na Basileia em 1869.

A questão política fundamental que foi motivo de preocupação da Internacional após o congresso de Lausanne foi a guerra e os meios possíveis de ser empregados para combatê-la. A guerra de 1866, entre Prússia e Áustria, vencida pela primeira, fez surgir a opinião de que esta guerra originaria, em breve, outra entre a França e a Prússia. Em 1867, as rela-

ções entre ambos países estavam delicadas. As aventuras coloniais empreendidas por Napoleão para refazer seu prestígio, pelo contrário, prejudicaram consideravelmente sua situação. A expedição empreendida ao México, realizada sob a pressão dos grandes financeiros, o indispsôs fortemente com os Estados Unidos, que eram categoricamente hostis a toda tentativa das potências europeias de intervir nos assuntos da América. O plano de Napoleão foi frustrado lastimavelmente. Urgia reparar suas desventuras na Europa, mas ali o perseguia também a desgraça; obrigado a fazer concessões na política interna, esperava, mediante uma anexação na Europa, ampliar as possessões francesas e consolidar sua situação. Assim, foi gerado o assunto de Luxemburgo em 1867; depois das tentativas frustradas para obter algum território à margem esquerda do Reno, Napoleão tentou comprar o grande ducado de Luxemburgo junto a Holanda, que até 1866 pertencera a Confederação alemã, mas cujo chefe supremo era o rei da Holanda. Em outro tempo havia neste ducado uma guarnição prussiana, que já havia se retirado. A notícia da transação entre Napoleão e os Países Baixos produziu efervescência entre os patriotas alemães; se respirava então uma atmosfera de guerra, mas Napoleão, não se considerando pronto, se bateu em retirada, e assim seu prestígio sofreu consideravelmente e teve que fazer novas concessões à oposição, que aumentava sua força sem cessar.

Quando se realizou o congresso de Bruxelas, a situação era tão aguda que a cada dia se esperava a guerra, com a convicção de que esta eclodiria assim que a França e a Prússia terminassem os preparativos e encontrassem um pretexto favorável. Estava posta ao movimento operário, que a cada dia se desenvolvia mais e mais, a questão alarmante das medidas

a empregar para impedir essa guerra, que desferiria um terrível golpe aos operários franceses e alemães. Daí que a Internacional, que desde 1868 representava uma força considerável e estava à frente do movimento operário internacional, não podia senão se interessar profundamente pelo assunto. No congresso de Bruxelas, uns pediam a organização de uma greve geral em caso de guerra; outros demonstravam que somente o socialismo poria um fim, e depois de animados debates foi adotada uma resolução contemporizadora e bastante confusa.

Tal como no verão de 1869, o espectro da guerra parecia ter se esmorecido, e assim no congresso da Basileia os problemas econômicos e sociais ocuparam a posição principal; pela primeira vez, se colocou de maneira categórica o problema, já tratado brevemente em Bruxelas, da socialização dos meios de produção e, desta vez, os adversários da propriedade individual da terra, triunfaram definitivamente. A derrota dos proudhonianos foi completa, mas surgiram outras divergências, pois ali aparecia o representante de uma nova tendência, Bakunin. De onde vinha? Após 1840, o vemos em Berlim; sabemos que passou pela mesma escola filosófica que Marx e Engels; que no início da Revolução de 1848 se pôs ao lado dos emigrados alemães que, a partir de Paris, haviam organizado uma legião revolucionária para invadir a Alemanha. Durante o processo revolucionário, esforçou-se na Moravia para unificar os revolucionários eslavos; preso em seguida, foi condenado à morte, mas quando entregue à Nicolau I, foi encarcerado em Schlüsselburg. Alguns anos mais tarde, sob o reinado de Alexandre II, foi enviado à Sibéria. Isto ocorreu em 1862. Se envolveu nos assuntos russos, aliou-se com Herzen, escreveu alguns folhetos sobre as questões eslava e russa, onde demonstrava a necessidade da união revolucionária dos

eslavos e cometeu uma tentativa desastrosa de participar da insurreição polonesa. Em 1864, se encontrou com Marx em Londres e por ele soube da fundação da Internacional. Prometeu participar desta e se mudou para a Itália, onde se ocuparia de outras coisas. Como em 1848, Bakunin acreditava que Marx superestimava a importância da classe operária; opinava que os intelectuais, estudantes, representantes da democracia burguesa e, particularmente, o lumpemproletariado, constituem um elemento muito mais revolucionário.

Enquanto a Internacional lutava contra as primeiras dificuldades e chegava de forma gradual a ser a organização internacional mais influente, Bakunin trabalhava na Itália para organizar sua sociedade revolucionária; logo passou a Suíça, onde se afiliou a Liga burguesa para a Paz e a Liberdade, do qual comitê central chegou a ser preso. Dessa saiu em 1868, mas ao invés de entrar na Internacional fundou com seus camaradas uma nova sociedade: a *Aliança Internacional da Democracia Social*.

Essa sociedade era, pelo menos na aparência, muito revolucionária; declarava guerra implacável a Deus e ao Estado e exigia que todos seus membros fossem ateus; seu programa econômico não se destacava pela clareza e ao invés de tender a supressão das classes, postulava sua igualdade econômica e social. Apesar dos seus alardes revolucionários, nem sequer se mantinha consequente com um programa socialista e se limitava a reclamar a supressão do direito de herança. Sem dúvida, para não aterrorizar os fugitivos das outras classes, se recusava a destacar com nitidez seu caráter de classe.

A Aliança se dirigiu ao Conselho Geral para pedir seu ingresso na Internacional, mas em caráter de associação es-

pecial, com estatuto e programa próprios. Com isso abordamos um dos pontos mais espinhosos. Como Marx gozava de grande influência dentro do Conselho Geral, lhe responsabilizam correntemente por todas as decisões que aquele tomava, e isso é um exagero. Mas na decisão que concerne a Bakunin é efetivamente a Marx que devemos atribuir a maior responsabilidade. Se acreditamos, não somente nos partidários de Bakunin, mas também em alguns marxistas que defenderam o intriguista, mas sincero revolucionário, Marx foi demasiadamente grosseiro ao responder o pedido da Aliança com uma negativa categórica.

Para compreender a fundo a discussão imagine, por exemplo, que uma organização que acaba de se desvincular de uma sociedade democrática qualquer se dirige a Internacional Comunista pedindo para ser aceita em seu seio, mas reclama o direito de existir como uma sociedade que possui um programa, e ainda o de convocar seu congresso especial. Responderiam, com razão: certamente vale mais tarde do que nunca, e se compreenderam o erro de aliar-se com a burguesia, venham conosco, que serão bem-vindos, mas comecem por dissolver sua organização e ingressem em nossas diferentes seções. Não poderia estar nessa resposta uma prova de hostilidade ou de aversão contra a organização de outrora.

Ademais, convém não esquecer a seguinte circunstância: quando do programa de sua Aliança, Bakunin enviou uma carta pessoal a Marx quase quatro anos depois de ter-lhe escrito na Itália para propor que trabalharia ali pela Internacional, e não apenas não cumprir esta promessa, mas ali dedicou todas suas forças ao movimento burguês. Agora escrevia a Marx, é verdade, manifestando que compreendia melhor do que nunca quanta razão tinha ao escolher o largo caminho da

revolução econômica enquanto ridicularizava os que cometiam equívocos nas ações nacionais ou ações puramente políticas. E agregava pateticamente: “desde o adeus público e solene que o congresso de Berna deu aos burgueses, não conheço outra sociedade nem outro meio que o mundo dos operários. Minha pátria será agora em diante a Internacional, da qual tu és um dos principais fundadores. Veja, meu amigo, sou teu discípulo e estou orgulhoso de sê-lo”.

Esta carta tem a virtude de encher de lágrimas e de ternura os amigos de Bakunin e provocar indignação contra Marx, o homem sem coração que tão brutalmente rechaçou a mão que lhe fora estendida. Mehring disse que não é possível duvidar da sinceridade das declarações de Bakunin.

Tampouco tenho a intenção de suspeitar da sinceridade de Bakunin, mas rogo aos leitores que se ponham no lugar de Marx. Este era, áspero por natureza, mas o mesmo Mehring reconheceu que até o final de 1868, Marx deu provas de grande tolerância com Bakunin. Todos têm seus limites; e basta ler a carta de Bakunin com atenção para que se compreenda que seu tom sentimental tenha sido pouco convincente para Marx. Não é uma carta escrita por um jovem, mas por um homem de mais de 50 anos, que já anteriormente havia aderido ao “mundo dos operários” para esquecê-lo logo em seguida e se refugiar no “mundo da burguesia”. Depois de quatro anos de permanência neste mundo, profundamente enganado e desejoso de entrar novamente na ampla via, Bakunin solicitou sua admissão na Internacional, mas exigindo condições verdadeiramente excessivas. Marx, pois, que em 1864 foi até benevolente com Bakunin, se colocou dessa vez, com razão, com um pé atrás.

Logo que o Conselho Geral rechaçou categoricamente o pedido de Bakunin, este anunciou que a Aliança seria dissolvida e que sua organização se transformaria em seções da Internacional, mas com a conservação do seu programa teórico. O Conselho não consentiu em admitir as seções da Aliança, mas em condições normais.

Tudo parecia encerrado. Mas Marx suspeitou que Bakunin havia enganado o Conselho Geral e que, ao dissolver sua associação oficialmente, ainda conservara efetivamente sua organização central, para que pudesse conseguir se apoderar da Internacional. E justamente esta foi a base do litígio. Estamos dispostos a admitir que Marx era um homem mal e Bakunin um anjo bondoso, mas não é esta a questão, porque Bakunin também tinha seus defeitos. E quem não os têm? O que devem responder seus defensores, de forma clara, é o seguinte: existia ou não uma organização secreta? Se permitiu ou não Bakunin enganar o conselho geral da Internacional, assegurando-lhe que havia dissolvido sua associação?

Apesar do cego amor a Marx do qual Mehring me acusa, eu estaria disposto a reconhecer juntamente a ele que Bakunin foi indignamente caluniado se o finado Guillaume, velho amigo daquele e historiador da Internacional, tivesse demonstrado que a Aliança foi, de fato, dissolvida. Mas o certo é que, infelizmente, ela existia e realizava uma luta encarniçada contra a Internacional. Nessa luta, nosso honrado Bakunin pôs em ação todos os meios que julgou necessários para alcançar seu objetivo, coisa que não lhe pareceu reprovável. Mas é ridículo ver seus partidários esforçando-se em apresentá-lo como um homem que jamais recorreu a meios perigosos e, como assegura um dos seus defensores menos inteligentes, que nunca teve um propósito oculto.

Qual foi o objetivo para o qual Bakunin não vacilou em utilizar todos os meios? Destruição da sociedade burguesa, revolução social, eis o que queria Bakunin: mas Marx tinha o mesmo propósito, de modo que as divergências devem ser buscadas em outro ponto, com efeito, Marx e Bakunin estavam em completo desacordo sobre a maneira como alcançar este objetivo. Antes de tudo há que destruir, para que, logo em seguida, tudo se reforme a si mesmo, e quanto mais rápido melhor. Basta sublevar aos intelectuais revolucionários e aos operários exasperados pela miséria. Para ele, somente era necessário um grupo composto por homens decididos, iluminados pelo fogo sagrado. Aqui, em essência, toda a doutrina de Bakunin, que à primeira vista, lembra a de Weitling, mas a semelhança é superficial somente e igualmente tem apenas uma superficial analogia com a de Blanqui. Bakunin se recusava a admitir a necessidade da conquista do poder político pelo proletariado, negava qualquer luta política realizada na sociedade burguesa existente, enquanto tinha a tendência para conquistar condições mais favoráveis para a organização da classe proletária. Daí que Marx e todos os que como ele, julgava necessário realizar a luta política e organizar o proletariado para a conquista do poder política, foram, aos olhos de Bakunin e seus adeptos, oportunistas inveterados que atrasavam a marcha da revolução social.

Os bakuninistas aproveitaram, pois, a ocasião, para associar a imagem de Marx a de um homem que para a realização das suas ideias não vacilou em falsificar os estatutos da Internacional; publicamente e em particular, em suas cartas e circulares, o encheram de injúrias, não retrocederam sequer diante de procedimento antisemitas e até chegar a acusá-lo de ser agente de Bismarck.

Na Itália e Suíça, Bakunin mantinham numerosas relações e nesse último, sobretudo na parte romana, tinha muitos partidários. Não estudarei este fato porque isso me levaria demasiado longe; mas me limitarei a dizer que sua propaganda foi produtiva, sobretudo entre os operários instáveis e os relojoeiros assediados pela concorrência da grande indústria da relojoaria.

Quando Bakunin se apresentou ao congresso da Basileia, seu grupo já era considerável e, como acontece em casos semelhantes, a primeira batalha se deu em torno de um assunto distinto do que constituía a base do desacordo. Bakunin, que protestava de forma violenta contra o oportunismo, reclamava com particular insistência que a supressão do direito de herança fosse adotada como uma das reivindicações do movimento. Atentando-se ao informe de Marx, os delegados do Conselho Geral demonstravam que essa medida, como já indicava o *Manifesto Comunista*, era uma das tantas medidas de transição que o proletariado tomaria imediatamente após a tomada do poder político; entretanto, somente se podia reclamar o aumento do imposto sobre as sucessões e a restrição do direito de testar. Mas Bakunin ignorava a lógica e as condições reais; o que buscava nesta reivindicação era o meio de agitação que ela comportava. No fim, nenhuma resolução obteve a maioria.

Outro conflito se desenvolveu entre Bakunin e o velho Liebknecht. O congresso de Basileia foi o primeiro no qual participaram um grupo considerável de delegados alemães, pois, nesse tempo, Liebknecht e Bebel haviam conseguido, após uma encarniçada luta fracionista contra Schweitzer, organizar um partido que em seu congresso constituinte de Eisenach, adotara o programa da Internacional. O órgão central

deste novo partido criticou de maneira virulenta a ação de Bakunin na Liga da Paz e da Liberdade e revelou detalhadamente seus velhos pontos de vista pan-eslavistas. Mehring diz que muito tempo depois, Marx se declarou contra essa crítica, mas, como vimos no caso de Vogt, se considerava responsável por todos os atos dos marxistas, entre os quais estavam Liebknecht e Bebel. Bakunin aproveitou o congresso para efetuar um ajuste de contas com Liebknecht, que se encerrou com uma reconciliação, mas que somente foi temporária.

O congresso seguinte deveria reunir-se em Mainz, mas não pode ser realizado. Imediatamente após o congresso da Basileia, as relações entre a França e a Alemanha se acirraram de tal forma que se poderia esperar a qualquer momento a declaração de guerra. Bismarck, um dos grandes patifes que já existiu, enganou habilmente o seu velho mestre Napoleão e, assim que esteve preparado dos pés à cabeça para a guerra, organizou as coisas de modo que ante os olhos do mundo a França aparecesse como agressora. A guerra eclodiu, e nem os operários franceses nem os alemães estiveram em condições de impedi-la. Alguns dias depois da declaração de guerra, o Conselho Geral publicou um manifesto redigido por Marx. Esta começa com uma citação do *Manifesto Inaugural* da Internacional, na qual se condenava “a política exterior desenvolvida em concordância com os prejuízos nacionais, perseguindo propósitos criminosos e o desperdício do sangue e dos bens dos povos em guerras de rapina”. Seguia uma requisição contra Napoleão, na qual Marx descreve sucintamente a luta deste contra a Internacional, luta que se reforçou quando os internacionalistas franceses realizaram uma encarniçada agitação contra ele. De qualquer modo que a terra termine, acrescenta Marx, o Segundo Império está perdido; terminará como começou, como uma paródia.

Era Napoleão o único culpado pela situação? Não completamente. Todos os Estados europeus também o foram, pois não podemos esquecer que estes e as classes dominantes da Europa ajudaram Bonaparte durante quase 18 anos a desempenhar a comédia da restauração do Império.

Contra a Alemanha, Marx dirigiu os ataques mais violentos. A atual guerra é para os alemães, dizia, uma guerra defensiva, mas, quem colocou a Alemanha nesta posição com a necessidade de se defender? Quem sugeriu a Napoleão o ataque contra a Alemanha? Prússia. Esta realizou um acordo com Napoleão contra a Áustria. Se a Prússia tivesse sido derrotada, a França teria invadido a Alemanha. E o que fez a Prússia após sua vitória sobre a Áustria? Ao invés de opor à França escravizada uma Alemanha livre, não somente manteve intacto o velho regime prussiano, mas acrescentou a ele todos as características fundamentais do regime bonapartista.

A primeira fase, a fase decisiva da guerra, foi de uma rapidez aterradora. O exército francês não estava preparado; apesar da declaração presunçosa do ministro de guerra, que afirmava que tudo, até o último botão, estava pronto, se averiguou que ainda que estivessem prontos os botões, não haveria onde costurá-los. Em cerca de seis semanas, o exército regular francês foi derrotado completamente e Napoleão capitulou em 2 de setembro em Sedan. Em 4 de setembro se proclamou a República em Paris e, contrariamente à declaração da Prússia, afirmando que combatiam o império napoleônico somente, seguiram as hostilidades. Esta foi a segunda fase da guerra, a mais longa e encarniçada.

Imediatamente após à proclamação da República na França, o Conselho Geral publicou um segundo manifesto sobre aquela guerra. Este manifesto, também redigido por Marx, é, pela profunda análise da situação e agudeza de sua visão

histórica, uma de suas obras mais geniais. E é interessante o fato de que Marx assinou como secretário do Conselho Geral não somente para a Alemanha, mas também para a Rússia, pois pouco tempo antes havia se constituído na Suíça uma seção russa da Internacional.

Como vimos, Marx preconizou no primeiro manifesto que a guerra resultaria na queda do Segundo Império. O segundo, se inicia com a recordação desta passagem, mas não se justificava menos a crítica que Marx fez anteriormente sobre a política prussiana, pois a guerra defensiva da Prússia se transformou em um ataque aberto contra o povo francês. Desde que a desagregação do exército francês ficou evidente, muito antes da capitulação de Sedan, o bando militar prussiano optou pela política de conquista. A crítica feita por Marx à hipócrita burguesia liberal alemã foi igualmente impiedosa. Aproveitando as indicações feitas por Engels, que como especialista militar, seguia atentamente o desenvolvimento da guerra e que na primeira quinzena de agosto profetizara a catástrofe de Sedan, Marx analisou os argumentos militares com que os generais prussianos e Bismarck se esforçaram para justificar a anexação da Alsácia e Lorena.

Se decidiu categoricamente contra toda anexação ou contribuição e mostrou que uma paz de violência conduzia a resultados diametralmente opostos aos esperados; uma nova guerra é a consequência de semelhante paz. A França iria querer retomar o que fora perdido e para conseguir trataria de se aliar com a Rússia. Deste modo, a Rússia czarista, que havia perdido sua hegemonia após a guerra da Crimeia, voltaria a ser árbitro dos destinos da Europa. Este prognóstico genial, essa previsão do desenvolvimento da história europeia, que é uma das provas práticas mais brilhantes da justeza da concepção materialista da história, termina com essas palavras:

“Acreditam verdadeiramente os patriotas alemães garantir efetivamente a paz e a liberdade da Alemanha, jogando a França nos braços da Rússia? Se o êxito do exército, a embriaguez da vitória e as intrigas dinásticas conduzem a espoliar territórios franceses, dois caminhos se abrem para a Alemanha. Ou se transforma em instrumento consciente dos planos prussianos, política alinhada com a tradição de Hohenzollern, ou ao cabo de certo tempo muito breve deverá se preparar para uma nova guerra “defensiva”; mas esta não será uma guerra “localizada”, será uma guerra de raças, uma guerra contra eslavos e latinos aliados. Eis a paz “garantida” à Alemanha pelos obtusos patriotas burgueses”.

Esta previsão se cumpriu ao pé da letra, como puderam ver os atuais patriotas alemães, não menos obtusos do que seus antepassados. O manifesto termina com a exposição das tarefas que se impunham então à classe operária: exortar aos trabalhadores alemães a exigir uma paz honrável e também o reconhecimento da república francesa. Aos operários franceses, que estavam em uma situação muito mais complicada, Marx lhes aconselhava a não perder de vista os republicanos burgueses e utilizar o regime da república para que pudessem desenvolver sua organização de classe e obter sua emancipação.

Os acontecimentos não tardaram em justificar a desconfiança de Marx perante os republicanos franceses. Sua conduta infame, sua disposição de conciliar com Bismarck antes mesmo que este fizesse a menor concessão à classe operária determinaram a eclosão da Comuna. Depois de três meses de luta heroica, este primeiro ensaio da ditadura do proletariado, realizado nas mais desfavoráveis condições, foi vencido. O Conselho Geral não estava em condições de prestar aos franceses a ajuda necessária; Paris estava isolada do

mundo inteiro e do resto da França pelas tropas francesas e alemães. Certo é que a Comuna despertou simpatias gerais e podemos dizer com todo orgulho que sua sorte emocionou profundamente mesmo a Rússia, onde, já em abril de 1871, um grupo de revolucionários dirigidos por Gontcharov, publicou manifestos para exortar ao povo a seguir o exemplo dos *communards*.

Marx, que durante a Comuna, como comprova uma de suas cartas (encontrada por mim) ao iminente internacionalista e mártir da Comuna, Varin, esforçou-se em manter relações com Paris, foi encarregado pelo Conselho Geral de escrever um manifesto sobre a experiência francesa. Nele defendia os comunistas caluniados pela totalidade da imprensa burguesa e manifestava que a Comuna é uma nova e grande etapa do movimento proletário, o protótipo do Estado proletário, que assumirá a realização final do comunismo. Já com a experiência de 1848, Marx havia chegado à conclusão de que a classe operária não poderia se limitar à conquista do poder político burguês, mas que deveria destroçar esse organismo burocrático e policial, e a experiência da Comuna o convenceu definitivamente dessa verdade. Ela ensinou que o proletariado, uma vez dono do poder, está obrigado a criar seu próprio órgão estatal adaptado as suas necessidades. Ela ensinou igualmente que o Estado proletário não pode encerrar-se nos marcos de uma cidade, ainda que seja a capital. O poder do proletariado deve estender-se a todo o país para se consolidar, e a vários países capitalistas para obter a vitória definitiva.

Pelo contrário, Bakunin e seus seguidores extraíram outras distintas conclusões da experiência da Comuna. Seguiram combatendo, mas com mais violência, toda política e todo Estado, recomendando a organização, quando possível,

de “comunas” nas cidades isoladas cujo exemplo seria imitado por outras.

A derrota da Comuna de Paris prejudicou consideravelmente a Internacional e o movimento operário francês foi praticamente interrompido durante vários anos. Na Internacional somente esteve representado pelas communards radicados na Inglaterra ou na França, que conseguiram escapar das duras perseguições e entre os quais se desenvolvia a mais encarniçada luta de fração, luta esta que foi levado ao seio do Conselho Geral.

O movimento operário alemão foi igualmente afetado. Liebknecht e Bebel, que protestaram firmemente contra a anexação de Alsácia e Lorena e se solidarizaram com a Comuna de Paris, foram detidos e condenados à prisão. O partido havia perdido a confiança em Schweitzer e se viu obrigado a abandoná-lo. Os seguidores de Liebknecht e de Bebel, os “eisenachianos”, como se denominavam, continuavam trabalhando à margem dos lassallianos e somente iniciaram uma aproximação com estes quando o Estado perseguiu vigorosamente aos partidos em luta. Deste modo, a Internacional perdeu de um só golpe seu apoio nos dois principais países da Europa continental.

Até no movimento operário inglês também ocorreu uma reviravolta. A guerra entre os dois países mais desenvolvidos do continente, do ponto de vista industrial não foi menos proveitosa para a burguesia inglesa do que foi a Guerra Mundial para a burguesia dos Estados Unidos. Então foi possível à burguesia inglesa a possibilidade de retirar dos seus lucros fabulosos certa quantidade e distribuir esta soma entre os numerosos operários empregados nos principais ramos da indústria. Os sindicatos disfrutaram de liberdade de ação; algumas velhas leis dirigidas contra eles foram suprimidas e

tais reformas influenciaram diretamente alguns membros do Conselho Geral, que tinham um papel importante no movimento tradeunionista. A medida em que a Internacional se tornava mais radical, muitos deles se tornavam cada vez mais moderados. No aspecto formal, eram membros do Conselho Geral, mas utilizavam tal título apenas para seus interesses pessoais. A Comuna e os furiosos ataques que ela provocou contra a Internacional os amedrontou; se apressaram em declarar que não se solidarizavam com o manifesto sobre a Comuna de Paris, ainda que Marx o tivesse escrito sob ordem do Conselho Geral. Tudo isso determinou uma cisão na seção inglesa da Internacional.

Nessas condições foi convocada, em Londres, no fim de setembro de 1871, a conferência da Internacional, que se ocupou principalmente de duas questões. Constituía a primeira a litigiosa questão da luta política, e um dos motivos que induziram a conferência a se ocupar desta foi a conduta dos bakuninistas que insistiam na acusação contra Marx de ter falsificado intencionalmente o estatuto da Internacional para impor-lhe sua opinião. A resolução desta vez é uma resposta que não permitia mais dúvida alguma e que significou a derrota completa dos bakuninistas. Como possivelmente poucos de vocês a conhecem e esta é muito importante, lerei a última parte: “Considerando: Que a reação desenfreada reprime violentamente o movimento emancipador dos operários e tentar pela força brutal perpetuar a divisão de classes e a subsistência do domínio de uma classe que dela resulta; Que esta constituição do proletariado em partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e o seu fim supremo, a abolição das classes; Que a união das forças operárias já conquistada pela luta econômica também deve servir de alavanca nas mãos desta classe em sua luta

contra o poder político dos exploradores; A conferência re- lembra a todos os membros da Associação Internacional dos Trabalhadores que no plano de combate da classe operária o movimento econômico e o movimento político estão indissolu- velmente ligados”.

Mas a conferência ainda teve que lidar com os bakuni- nistas por outra razão. O Conselho Geral estava cada vez mais persuadido de que apesar dos protestos feitos por Bakunin, sua sociedade secreta existia, motivo pelo qual a conferência adotou uma resolução que proibia dentro da Internacional a organização de sociedade alguma com programa especial. A este respeito se conseguiu novamente a declaração dos baku- ninistas sobre a dissolução da Aliança e o incidente se decla- rou encerrado.

Porém, havia outra decisão que devia inquietar parti- cularmente a Bakunin e a seus seguidores russos. A conferên- cia declarou categoricamente que a Internacional nada tinha a ver com Nechayev, que havia reivindicado e explorado o tí- tulo de membro da Internacional para seus fins particulares.

Tal decisão era exclusivamente contra Bakunin, que esteve, como se sabe, ligado por muito tempo a Nechayev, re- volucionário russo que fugiu ao estrangeiro em março de 1869. No outono desse mesmo ano regressou à Rússia com plenos poderes outorgados por Bakunin e então organizou em Moscou um grupo especial. Suspeitando que o estudante Ivanov trairia a organização, o assassinou, com a ajuda de al- guns camaradas, próximo a Academia Petrovsko-Razumovs- koie, e teve que fugir do país novamente. Este fato motivou a prisão dos membros da nova organização e de muitos estu- dantes de Petersburgo, que estavam relacionados a esta. To- dos foram denunciados aos tribunais durante o verão de 1871. Este acontecimento ficou conhecido com o nome de

Nechayev. Foram publicados inúmeros documentos no curso do processo, e neste se confundia a sociedade de Bakunin e sua seção russa da Internacional, mas bastava comparar esses documentos com os escritos de Bakunin para reconhecer seu verdadeiro autor. Somente se diferenciavam de outros chamamentos análogos por sua franqueza e, nas partes retificadas e completadas por Nechayev, por uma certa imperícia na exposição.

Se acostumaram a dizer que Bakunin esteve submetido à influência de Nechayev, este que o enganava e o utilizava para fins pessoais. Nechayev, homem de talento, mas de pouca instrução, que rechaçava como inútil todo trabalho teórico, estava dotado de uma energia excepcional, de uma vontade de ferro; revolucionário entregue de corpo e alma à causa, demonstrou mais tarde, diante dos seus juizes e na prisão, sua firme coragem e seu irredutível ódio aos opressores e exploradores do povo. Disposto a tudo, não poupava meio algum para cumprir o propósito ao qual havia consagrado sua vida, mas não recorria jamais a meios sujos quando se tratava de sua pessoa. Aqui, neste ponto, era incomparavelmente superior a Bakunin que, em seus propósitos pessoais, estava sempre disposto a acordos espúrios, e a superioridade de Nechayev em tal aspecto não deixava dúvida alguma e tudo indicava que o próprio Bakunin o reconhecia e o apreciava altamente, ainda que do ponto de vista intelectual aquele lhe fosse muito inferior.

Seria ingênuo acreditar, porém, que Nechayev impunha a Bakunin seus próprios pontos de vista revolucionários, pois o mesmo era seu discípulo. Mas enquanto nosso apóstolo da destruição se mostrava, com certa frequência, ilógico e revolucionário não conseqüente, Nechayev era diferente deste por seguir uma lógica intransigente e extrair das teorias

dos seus mestres todas as deduções práticas que comportavam. Quando Bakunin disse que não podia abandonar o trabalho que havia assumido (a tradução de *O Capital*), porque já haviam sido feitos alguns adiantamentos, Nechayev lhe ofereceu ajuda para tirá-lo dessa obrigação, o que seria simples: em nome do comitê revolucionário de *Narodnaia Rasprava* escreveu à pessoa que havia feito a intermediação entre o editor e Bakunin para que este deixasse o tradutor em paz caso não quisesse morrer. Como Bakunin colocava o *lumpemproletariado* em primeiro plano, considerando-o como o verdadeiro ator da revolução social e opunha este elemento ao proletariado da grande indústria, de igual modo acreditava que os criminosos e os bandidos eram a melhor peça do exército revolucionário. Nechayev chegou logicamente à conclusão de que era urgente organizar homens resolutos para iniciar com eles a expropriação na Suíça. Finalmente, Bakunin rompeu com seu discípulo, não por questões de princípio, mas unicamente porque a lógica implacável e simplista de Nechayev o espantava; mas nunca ousou separar-se dele publicamente, pois este tinha em suas mãos muitos documentos que o comprometiam.

Imediatamente após a conferência de Londres a luta redobrou sua intensidade; os bakuninistas declararam abertamente guerra ao Conselho Geral, acusando-o de ter ele mesmo preparado a conferência e imposto a toda a Internacional o dogma da necessidade de organizar o proletariado em partido especial para a conquista do poder político e requisitaram a realização de um congresso que resolveria definitivamente o assunto.

Este congresso foi realizado em setembro de 1872 e ambas partes se prepararam arduamente, com a participação, pela primeira vez, de Marx. Bakunin não o assistiu. Sobre a

questão principal, o congresso ratificou a resolução da conferência, na qual acrescentou a seguinte frase, tomada quase literalmente do *Manifesto Inaugural* da Internacional: “como os proprietários de terras e do capital se aproveitam sempre dos seus privilégios políticos para defender e perpetuar seus monopólios econômicos e escravizar o trabalho, a conquista do poder político é o supremo dever do proletariado”.

Após examinar todos os documentos relativos ao assunto da Aliança e chegar à conclusão de que esta subsistia dentro da Internacional como uma sociedade secreta, a comissão especial propôs, e foi aceita a exclusão sumária de Bakunin e Guillaume. Na resolução constava ainda que Bakunin estava excluído, ademais, por “um assunto pessoal”, que se refere a já mencionada questão de Nechayev. Pessoalmente, acredito que as razões políticas bastavam para motivar a expulsão de Bakunin, mas é ridículo querer transformar esta triste história, na qual o russo foi vítima de sua própria falta de caráter, em um pretexto para acusar Marx. É ainda mais ridículo dizer que Bakunin acabou expulso porque, da mesma forma que muitos tradutores, havia solicitado um adiantamento ao editor e não finalizou o trabalho. Isso é uma fraude? Não, certamente. Contudo, quando os defensores de Bakunin, aos que se somaria Mehring mais tarde, afirmam que Marx não devia encarar aquilo como um crime, não compreendem ou esquecem que não se tratava da restituição dos adiantamentos recebidos, mas de um problema mais importante. Mehring, como aconteceu com frequência, se posicionou ao lado do tradutor. Muitos escritores, diz, não devolveram aos editores o valor que recebiam a título de adiantamento. Certo, acrescenta, que esse não é um procedimento muito louvável, mas não se pode julgar ao homem por semelhantes ninharias. Por isso, Mehring demonstrava que não compreendeu mais

do que os anarquistas a discussão fundamental ocorrida do congresso de Haia. Ali, onde Bakunin e seus seguidores viram somente um fato perdoável, com prejuízo para o editor, os membros da comissão especial, com os documentos em mãos, viram o abuso criminoso do nome de uma organização operária revolucionária ligada estreitamente à Internacional, abuso este cometido para fins pessoais, para se livrar do pagamento de uma dívida. Havia sido escrito por Nechayev, mas no fundo concordava perfeitamente com os princípios defendidos por Bakunin. Há que se acrescentar que Bakunin não se separou de Nechayev por isto, mas porque lhe parecia que este o considerava como um instrumento para seus objetivos revolucionários. Basta ler as cartas de Bakunin a seus amigos para constatar o quão pouco se preocupava em lançar contra seus adversários, incluso Marx, acusações políticas, o que tinha o direito de fazer, mas, pelo contrário, era célebre por fazer acusações pessoais. Atualmente sabemos que Bakunin é o autor do célebre manual para uso dos revolucionários, atribuído a Nechayev, e cuja publicação no curso da polêmica provocou a indignação geral dos revolucionários. Os amigos de Bakunin negaram de forma obstinada a autoria e responsabilizaram Nechayev.

No final de suas tarefas, o congresso de Haia aceitou a proposição de Engels para transladar a sede do Conselho Geral para New York. Vimos que nessa época a Internacional havia perdido não somente o apoio na França, onde deste 1872, só o fato de pertencer a ela já era um crime, como também na Alemanha e na Inglaterra. A mudança da sede do organismo central para a América seria provisória. Mas o congresso de Haia acabou por ser o último realizado pela Internacional. Em 1876, o Conselho Geral anunciou em New York que a Primeira Internacional havia deixado de existir.

## Nona Conferência

*Engels se instala em Londres. Seu papel do Conselho Geral. Doença de Marx. Engels substitui Marx. O Anti Dühring. Os últimos anos de Marx. O interesse de Marx pela Rússia. Engels, editor das obras póstumas de Marx. Ação de Engels na época da Segunda Internacional. Morte de Engels.*

Finalizamos na última conferência a história da Internacional. Quase não citamos o papel de Engels, e sabemos que isso interessa grandemente, a julgar pelas notas que recebi dos meus ouvintes.

Foi me perguntado se Engels era na verdade um fabricante. Como nos últimos tempos, sob o regime da NEP, a palavra “fabricante” ganhou um sentido pejorativo e se emprega ainda contra os administradores comunistas, nos deteremos um pouco nesse assunto. Engels, já dizemos no começo, provinha de uma família de industriais e também era um. A fundação da Internacional foi levada a cabo sem sua intervenção, e até o início de 1870 não teve nela senão uma participação insignificante e indireta. Durante esses anos, escreveu alguns artigos para as revistas operárias inglesas. Não falamos da ajuda sistemática prestada a Marx, que nos primeiros anos da Internacional se encontrava em uma situação de grande pobreza. Sem a ajuda de Engels e a pequena herança que lhe havia deixado seu amigo Wilhelm Wolf, a quem dedicou *O Capital*, Marx não poderia ter superado a miséria e estar condições de escrever sua obra fundamental. Entre sua correspondência há uma carta comovente destinada a Engels para informar-lhe que tinha recebido finalmente a última prova de impressão: “Por fim – escreve – este tomo está finalizado. A ti

somente devo por ter podido concluí-lo. Sem tua ilimitada ajuda jamais poderia terminar o prodigioso trabalho de três tomos. Te agradeço com todo coração e te abraço”.

Engels foi industrial, mas há que se notar que não o foi por muito tempo. Após a morte do seu pai, em 1860, permaneceu ainda vários anos como um simples empregado. Somente em 1864 foi associado aos negócios, passando a ser um dos diretores da fábrica. Durante todo esse tempo se esforçou para se livrar do seu “ofício desprezível”. Sonhava com seu futuro e, sobretudo, com o de Marx. Temos, a este respeito, várias cartas muito curiosas escritas à Marx em 1868, nas quais comunicava que estava se esforçando para abandonar a fábrica, mas que queria fazê-lo em condições que assegurassem a existência do seu amigo.

Chegou finalmente a um entendimento com seu sócio e em 1869 deixou a fábrica, não antes sem assegurar, como dizemos, o futuro de Marx, quem, desde então ficou livre da miséria. Mas até setembro de 1870, Engels não pode se radicar em Londres.

Para Marx a chegada de Engels foi não somente uma alegria pessoal, mas também um alívio considerável no trabalho que realizava no Conselho Geral. Dessa forma, deveria tratar com inúmeros representantes de distintas nações, com quem se comunicava verbalmente ou por escrito. Engels, que em sua juventude já estava muito bem capacitado para os idiomas, falava ou, como dizia seus amigos de forma irônica, arranhava uma dúzia de línguas. Era, pois, um auxiliar precioso para a correspondência internacional, além do que, em sua larga prática comercial, havia aprendido a ordenar os assuntos, o que não constituía exatamente o forte de Marx.

Desde sua incorporação ao Conselho Geral, Engels se dedicou a este trabalho. Mas assumiu ainda outra parte do

trabalho para aliviar Marx, cuja saúde estava demasiadamente debilitada pelas privações e trabalho excessivo. Empolgado, depois de ter aspirado por muito tempo este tipo de atividade, Engels, como provam os debates do Conselho Geral, se tornou um dos seus membros mais diligentes.

Mas a participação de Engels no Conselho Geral teve igualmente sua fase negativa. Quando se estabeleceu em Londres, os comunistas lutavam contra os bakuninistas e essa luta repercutia no Conselho. Por outra parte, nessa época, segundo vimos, existiam entre os ingleses profundas divergências na apreciação dos problemas de princípios e de tática.

Como o sabemos pelo exemplo da organização moscovita e por ele, os diversos distritos da capital, as divergências políticas se complicam e se agravam frequentemente em consequência do caráter pessoal dos adversários. Ocorre também que membros de uma organização aderem a tal ou qual grupo ou plataforma muito menos por razões de princípios do que por motivos de vinculação pessoal com chefes ou militantes influentes de um ou outro grupo. Assim, camaradas em quem a voz do sentimento afoga a da razão, transferem suas simpatias por uma pessoa à doutrina e princípios sustentados por ela. Seja como for, as divergências pessoais complicam a luta de princípios.

Quando tais divergências são suscitadas em um distrito, em geral se pode remediar o problema afastando de forma temporária os militantes. Mas esse procedimento, eficaz em um bairro, em uma região ou até um país, era inaplicável na Internacional. Em geral, a solução das dificuldades por meio da transferência de militantes somente tem um valor restrito. É muito melhor anular rapidamente as oposições, seja por um acordo, seja pela divisão.

Falamos das razões objetivas que haviam provocado as divergências no partido inglês. O que não compreendem ou não querem compreender certos historiadores da Internacional e, em particular, os historiadores do movimento operário inglês, é que o Conselho Geral que dirigiu de 1864 a 1873 o movimento operário internacional era, ao mesmo tempo, o órgão diretor do movimento operário inglês. De maneira que se os assuntos internacionais influenciavam os assuntos ingleses, toda mudança no movimento operário inglês repercutia fatalmente nas funções internacionais do Conselho Geral.

Indicamos a última vez em que as concessões obtidas pelos operários ingleses de 1876 a 1871 (leia-se: direito eleitoral para os operários urbanos e legalização das trade unions), provocaram entre os tradeunionistas que integravam o Conselho Geral um robustecimento da corrente conciliadora. O próprio Eccarius se inclinava a isso; nessa época precisamente estavam em situação tranquila e, como acontecia com frequência, se tornava muito mais tolerante perante a burguesia. Com ele haviam vários outros membros do Conselho Geral que, com o tempo, se separaram de Marx.

Devemos destacar também que as relações pessoais que agravaram as principais divergências se explicam pela participação de Engels no Conselho Geral, no qual ele substituíva frequentemente a Marx.

Cerca de 20 anos haviam se passado desde que Engels partira para Manchester e, dessa forma, tinha se distanciado do movimento operário durante todo esse tempo. Marx ficara em Londres. Ali mantinha relações com os cartistas, colaborava em seus órgãos, frequentava os clubes operários alemães e compartilhava a vida dos emigrados. Proferia conferências, via regularmente os camaradas e discutia frequente-

mente com eles, mas as relações com o “pai” Marx eram sempre cordiais e fraternais, seladas por uma grande ternura, como pode ser comprovado até mesmo pelas lembranças daqueles que mais tarde se separaram politicamente. Vínculos particularmente amistosos foram estabelecidos entre os operários e Marx na época da Internacional. Os membros do Conselho Geral que o conheciam, que conheciam sua penúria, sua miserável casa, que eram testemunhas de sua atividade no conselho e que sabiam que ele estava pronto a abandonar todas suas ocupações, sua obra científica, para dar todo seu tempo e todas suas forças à classe operária, o respeitavam profundamente. Sem retribuição alguma, recusando qualquer privilégio e toda honra, Marx trabalhava com infatigável perseverança.

Outra situação ocorria com Engels, a quem a maior parte dos membros do Conselho Geral não conhecia sequer remotamente. Somente os alemães o recordavam, mas Engels ainda tinha que conquistar sua confiança. Para os demais, era um homem rico, um industrial de Manchester que, 25 anos antes havia escrito um bom livro em alemão sobre os operários ingleses. Frequentando, durante quase duas décadas, exclusivamente a sociedade burguesa, os grandes banqueiros e industriais, Engels, naturalmente distinto, adquiriu modos ainda mais refinados. Sempre com boa postura, indiferente, reservado, fino, passo um pouco militar, nunca manifestando intemperanças na linguagem, passava a impressão de um homem seco e frio.

Assim o descrevem os que o conheceram pessoalmente pouco depois de 1840. Na redação da *Nova Gazeta Renana*, durante a ausência de Marx, Engels tinha frequentemente fortes discussões com seus camaradas, aos quais às

vezes fazia transparecer de forma demasiada sua superioridade intelectual. Menos violento que Marx, era muito mais intolerante nas relações pessoais e se alienava assim da amizade de inúmeros operários, ao contrário de Wolf e Marx, que eram professores e camaradas exemplares.

De forma progressiva, Engels se adaptou a nova situação e se livrou dos velhos costumes. Mas nesses anos particularmente difíceis, quando teve que substituir a Marx de forma frequente, seu caráter, sua personalidade, contribuíram consideravelmente para aprofundar os desacordos transitórios, sobretudo no Conselho Geral. Assim, não somente Eccarius, mas também velhos colaboradores de Marx, como Jung, que havia sido por muito tempo secretário geral da Internacional e estava estreitamente ligado a Marx, quem com gosto e muita delicadeza o ajudava no cumprimento da sua árdua tarefa, se retiraram paulatinamente do Conselho Geral.

Naturalmente as fofocas e falatórios habituais foram postos em prática. Muitos que não conheciam Engels não compreendiam porque Marx o amava tanto e fazia-lhe tantos elogios. Há que se ler as lembranças de Hyndmann, fundador da social-democracia inglesa, para apreciar a ruindade das suas explicações. Segundo eles, se Marx estava tão intimamente ligado a Engels, era pela riqueza deste e por sua ajuda. Particularmente vil foi a conduta de alguns ingleses e, entre eles, um tal Smith, que mais tarde participou como tradutor nos congressos da Segunda Internacional, se destacando durante a guerra, como Hyndmann, por seu chauvinismo desenfreado. Nem a ele nem aos demais, Engels nunca perdoou por essa campanha caluniadora contra Marx e, como registra Vandervelde, pouco antes de morrer expulsou Smith de sua casa, quando este havia ido visitá-lo.

Mas então, pelo ano de 1872, essas fofocas eram difundidas com zelo entre os operários alemães de tendência lassalliana chegados a Londres, e sobretudo entre os jovens revolucionários que haviam escapado depois do esmagamento da Comuna e nada conheciam da história do movimento. O Conselho Geral provida ajuda material aos emigrados, mas por mais que Marx e Engels empreendessem grandes esforços para organizar a ajuda aos communards, estes nunca estavam satisfeitos e os incriminavam.

Mas não foi somente em Londres onde a participação de Engels no Conselho Geral acentuou a divisão. Bakunin e seus seguidores atuavam principalmente na Rússia e nos países latinos: na Itália, na Espanha, no sul da França, em Portugal e na Suíça romana e italiana. Bakunin apreciava de forma destacada a Itália, porque o elemento dominante ali era o *lumpemproletariado*, no qual via a principal força revolucionária, pois existiam numerosos jovens “sem classe” absolutamente incapazes de ter uma carreira na sociedade burguesa, e porque a pilhagem era naquela região a forma com a qual se manifestava o protesto dos camponeses pobres. Em uma palavra, a Itália tinha elevada quantidade de conterrâneos famintos, mendigos, bandidos, elementos todos aos quais Bakunin concedia tão grande importância na Rússia.

Era Engels quem mantinha correspondência com esses países e, como pode ser visto em alguns rascunhos que ainda se pode ter acesso, combatia de forma implacável aos bakuninistas.

O célebre folheto sobre a Aliança de Bakunin, que era o informe da comissão do congresso de Haia, no qual se denunciava e combatia a política dos bakuninistas, foi escrito por Engels e Lafargue. Este último, depois da derrota da Comuna, se refugiou na Espanha, onde travou uma encarniçada

polêmica com os espanhóis partidários de Bakunin. Marx não colaborou senão no último capítulo, mas politicamente se solidarizava com o conjunto dessa requisitória dirigida contra o bakuninismo.

Depois de 1873, Marx abandonou a atividade pública. Nesse ano finalizou a segunda edição do primeiro tomo de *O Capital* e corrigiu a tradução francesa, cujo último fascículo foi publicado em 1875. Foi isso, com o novo comentário ao velho opúsculo sobre a *Liga dos Comunistas*, e um curto artigo para os camaradas italianos, tudo o que Marx publicou de então até 1880. Enquanto o permitia sua debilitada saúde, continuava trabalhando em sua obra capital, da qual havia terminado o primeiro esboço em 1864. Mas ainda assim não teve tempo de preparar definitivamente a impressão do segundo volume, no qual trabalhava nesta época. Agora sabemos que o último manuscrito publicado nesse tomo foi escrito em 1878. Cansado ao extremo, apenas empreendia um trabalho intelectual intenso. Marx estava ameaçado por um ataque de apoplexia. Durante esses anos, sua família e Engels temiam constantemente um fim repentino. O poderoso organismo de Marx, que antes pode resistir a um trabalho sobre-humano, estava então muito debilitado e suportava menos os transtornos físicos e morais do que nos anos de miséria material. A comovente solicitude de Engels, que fazia o quanto era possível para reconfortar fisicamente a seu velho amigo, era pouco eficaz. Marx tinha em rascunho sua imensa obra, a que se dedicava quando suas forças o permitiam, desaparecido o perigo imediato de morte e autorizado pelos médicos a trabalhar algumas horas por dia. O sentimento de que já não estava em condições de cumprir sua tarefa como queria, o torturava. “Estar incapacitado para o trabalho – dizia – é uma

sentença de morte para o homem que não quer ser um ignorante". Após 1878 se viu obrigado a interromper completamente o trabalho acerca de *O Capital*, mas conservava a esperança de voltar a sua obra quando pudesse se reestabelecer. Esta esperança nunca se realizou.

Contudo, ainda era capaz de escrever. Continuou tomando notas; seguia atentamente ao movimento operário internacional e intelectualmente tomou nele parte ativa, respondendo a inumeráveis consultas e problemas que lhe submetiam de diferentes países. A lista de endereços que anotou em um livro especial é enorme após 1880. Com Engels, que então assumiu definitivamente o grosso do trabalho, estava a par do movimento operário, que se desenvolvia rapidamente e no qual começavam a triunfar as ideias do *Manifesto do Partido Comunista*, e isso, graças sobretudo a Engels, que de 1870 a 1880 empregou uma intensa energia na propaganda revolucionária.

Falar de luta entre marxistas e bakuninistas na Primeira Internacional é exagerado. Os segundos eram na realidade bastante numerosos, mas suas fileiras estavam compostas dos elementos mais heterogêneos, somente unidos pela campanha contra o Conselho Geral.

A situação era ainda pior entre os marxistas. Marx e Engels não tinham com eles senão um punhado de homens, que conheciam bem o *Manifesto do Partido Comunista* e compreendiam perfeitamente a doutrina marxista. A publicação de *O Capital* não fez aumentar em número, nos primeiros tempos. Para a imensa maioria dos comunistas, essa obra era como um bloco de granito, a qual tentavam entender arduamente, mas sem resultado. É suficiente ler os escritos dos social-democratas entre 1872 e 1875, e ainda os de Wilhelm Liebknecht, discípulo direto de Marx, para ver o quão pouco se

desenvolvia o estudo teórico do marxismo. Frequentemente, o órgão central do partido alemão apresentava uma estranha mescla dos mais diferentes sistemas socialistas. O método de Marx e Engels, a concepção materialista da história, a doutrina da luta de classes, tudo isso estava em hebreu para a maior parte dos comunistas, e o próprio Liebknecht se orientava tão mal na filosofia do marxismo, que confundia o materialismo histórico de Marx e Engels com o materialismo biológico de Moleschov e Büchner.

Engels se encarregou de defender e difundir as ideias do marxismo, enquanto Marx, como vimos, se esforçara em vão para terminar *O Capital*. Engels utilizava de um artigo qualquer que havia chamado atenção ou de um fato da atualidade, para demonstrar a profunda diferença entre o socialismo científico e os demais sistemas socialistas, ou para esclarecer um problema prático a partir do ponto de vista do materialismo histórico e ensinar a maneira correta de aplicar o método.

Assim, quando o proudhoniano alemão Mühlberger publicou no órgão central da social-democracia artigos sobre o problema de moradia, Engels aproveitou a ocasião para mostrar o abismo que separava o marxismo do proudhonismo, oferecendo assim um complemento ao livro de Marx, *Miséria da Filosofia*, e evidenciando um dos fatores mais importantes que determinam a situação da classe operária. Reeditou com um novo prefácio seu velho livro sobre *As Guerras Camponesas na Alemanha*, para dar aos jovens camaradas um exemplo da aplicação da concepção materialista da história a um dos principais episódios da história da Alemanha e dos seus camponeses.

Quando surgiu no Reichstag a questão das recompensas pelas quais os grandes proprietários de terras prussianos

queriam garantir o meio de continuar dando saída a sua bebida alcoólica para o povo, Engels, em um folheto intitulado *A vodka prussiana e o Reichstag alemão*, desvelou os apetites dos junkers e aproveitou a oportunidade para mostrar o papel histórico da grande propriedade rural e dos “junkers” prussianos. Todos esses trabalhos, como também outros artigos sobre a história alemã, proporcionam a Kautsky e a Mehring a possibilidade para popularizar as ideias fundamentais de Engels em seus trabalhos sobre a história alemã.

Mas o auge de Engels são seus trabalhos de 1876-1877. Em 1875, lassallianos e eisenachianos se uniram em torno do Programa de Gotha, que foi um mal compromisso entre o marxismo e essa deformação do marxismo que ficou conhecido como lassallismo.

Marx e Engels protestaram energicamente contra tal programa, não porque estivessem contra a união ou quisessem a todo custo a modificação do programa segundo suas indicações, mas porque consideravam, com razão, que se a união era necessária, de nenhuma forma era preciso dar-lhe como base teórica um programa ruim. Opinavam que mais convinha esperar e limitar-se então a uma plataforma geral para o trabalho prático diário. Bebel e Bracke compartilhavam deste ponto de vista, mas não Liebknecht. Alguns meses mais tarde, Marx e Engels puderam se convencer que quanto a preparação teórica, a dos fracionistas do bloco estava no mesmo nível.

A doutrina do filósofo e economista alemão Eugen Dühring havia alcançado grande popularidade no partido, entre os membros jovens, os intelectuais e ainda entre os operários. Dühring, como professor adjunto na Universidade de Berlim, havia conquistado ali a simpatia geral, tanto por sua personalidade como pela audácia de suas opiniões. Cego,

dava conferências sobre história da mecânica, economia política e filosofia. A diversidade dos seus conhecimentos era motivo de surpresa, porque se sabia que estava obrigado a fazer outros lerem para ele os livros necessários e que ditava suas obras. Era, de qualquer modo, um homem eminente. Quando iniciou uma violenta crítica das velhas doutrinas socialistas e, em particular, contra Marx, suas conferências causaram grande impressão. Os estudantes e os operários alemães, assim como os admiradores russos de Dühring, acreditavam ouvir pela primeira vez “a voz da vida no domínio do pensamento”. Dühring destacava a importância da atividade, da luta, do protesto; opunha ao fator econômico o político; insistia na importância da força e da violência na história. Não se continha em sua polêmica; atacava mais rudemente a Marx do que a Lassalle e em sua argumentação não vacilava em recordar de forma xenofóbica que Marx era judeu.

Engels esteve por um largo tempo indeciso antes de responder a Dühring. Finalmente cedeu as solicitações dos seus amigos na Alemanha e, em 1877, publicou no órgão central do partido, o *Vorwärts*, vários artigos que demoliram as teorias daquele. Mas esses artigos provocaram a indignação de muitos dos seus camaradas do partido. Os partidários de Dühring estavam dirigidos então por Bernstein, futuro teórico do revisionismo, e Most, líder dos anarquistas alemães, posteriormente. No congresso da social-democracia, vários delegados, entre eles o velho lassalliano Waltheich, atacaram Engels violentamente. Pouco faltou para que o congresso resolvesse impedir a publicação do texto dos artigos de Engels no órgão central do partido que considerava Marx e Engels como seus mestres.

O assunto teria tomado escandalosos contornos se, finalmente, não se tivesse encontrado um conciliador para propor que se continuasse a publicar os artigos de Engels no próprio órgão central, mas em um suplemento especial. A proposição foi adotada. Esses artigos, logo reunidos em um volume, foram publicados em 1878. A obra *A Revolução da Ciência por Eugen Dühring* ou *O Anti-Dühring*, como chamamos, ficou marcada para sempre na história do marxismo. A jovem geração que começou a militar até 1876-1880 soube, por essa obra, o que é o socialismo científico, quais são seus princípios filosóficos e seu método. *O Anti-Dühring* é a melhor introdução ao estudo de *O Capital*. Lendo os artigos escritos pelos pretensos marxistas de então pode-se constatar as estranhas conclusões deduzidas de *O Capital*, interpretado de forma tortuosa.

Reconhecemos que, para a difusão do marxismo, como método e sistema especial, nenhum livro depois de *O Capital* fez mais do que *O Anti-Dühring*. Todos os jovens marxistas, Bernstein, Kautsky, Plekhanov, que construíram suas primeiras armas entre 1880 e 1885, apreenderam a partir do livro de Engels.

E não somente os dirigentes do partido foram influenciados pelo *O Anti-Dühring*. Em 1880, Engels, a pedido dos marxistas franceses, selecionou alguns capítulos que foram traduzidos ao francês e cuja difusão não foi inferior à do *Manifesto Comunista*. Os capítulos citados apareceram com o título *Do Socialismo Utópico e Socialismo Científico*. Esta obra foi imediatamente traduzida ao polonês e, um ano e meio depois da publicação de uma edição em alemão, apareceu também em russo. Todos esses trabalhos foram realizados por Engels durante a vida de Marx, quem às vezes participava neles, não somente como conselheiro, mas diretamente, como,

por exemplo, em *O Anti-Dühring*, para o qual escreveu um capítulo inteiro.

Na Alemanha, onde o partido social-democrata caiu em 1876 sob o golpe da lei contra os socialistas, a corrente marxista, após uma curta interrupção, ganhou terreno. Como disse Bebel em suas memórias, os velhos militantes de Londres tiveram um grande papel naquela mudança: ameaçaram protestar publicamente caso não se pusesse fim ao que eles chamavam de “escândalo”, caso não se travasse uma implacável luta contra toda tentativa de se fazer acordos com a burguesia.

Em 1879, nasceu na França o Congresso de Marselha, um novo partido operário, com um programa socialista. Tratava-se de um jovem grupo marxista, liderado por um ex-bakuninista, Jules Guesde. Em 1880 resolveram elaborar um novo programa. Com este objetivo, Guesde e seus camaradas foram a Londres encontrar Marx, que participou ativamente da preparação. Sem aprovar, na parte prática, certos pontos sobre os quais davam ênfase os franceses, em razão de sua importância para a agitação local, Marx se encarregou de formular inteiramente os princípios. Novamente demonstrou como, a despeito das asserções de Mehring, compreendia as particularidades da França, e soube encontrar uma forma pela qual fluíam logicamente os princípios fundamentais do comunismo e, não obstante, era acessível a qualquer francês. Este programa serviu de modelo a todos os programas que se seguiram: o russo, o austríaco e o de Erfurt. Guesde e Lafargue redigiram imediatamente um comentário ao programa, que foi traduzido por Bernstein ao alemão, e depois por Plekhanov ao russo com o título *O que querem os Social-democratas*. Com esta obra se formaram os primeiros marxistas rus-

sos. O folheto de Engels foi para eles uma introdução ao estudo do programa e um excelente manual para o ensino nos círculos operários.

Para os franceses, Marx compôs um questionário detalhado, que devia ser aplicado em uma pesquisa sobre a situação da classe operária. Apareceu com a assinatura de Marx. Enquanto o questionário por ele esboçado em sua nota-informe ao congresso de Genebra em 1866 não continha mais de quinze perguntas, o novo questionário apresentava mais de uma centena. Os menores detalhes da vida operária estavam ali contemplados. Era este, para aquela época, um grupo de questões excelente, que não poderia ter sido redigido senão por um conhecedor do problema operário, como Marx. Novamente ficou comprovado, assim, que sabia compreender as condições concretas e que, apesar de todas as acusações sobre seu pretense amor ao abstrato, se distinguia pelo profundo sentido de realidade. Saber analisar esta, saber extrair dela conclusões gerais, não significa necessariamente se desligar da realidade e remontar às alturas da abstração. Infelizmente, esse questionário, publicado em francês, somente foi traduzido ao polonês. Em russo foi publicado em 1922, por minha iniciativa, em um dos órgãos sindicais.

Engels e, sobretudo, Marx, seguiam atentamente ao movimento revolucionário russo. Ambos estudaram a língua russa. Marx o fez muito tarde, mas com tal entusiasmo que logo pode ler não só a Dobrolyubov e a Chernichevsky, mas também a escritores como Saltykov-Chechédrine, de difícil leitura para os estrangeiros. Chegou a ler a tradução russa de *O Capital*. Contrariamente as afirmações de Mehring, a popularidade de Marx após o congresso de Haia não deixou de aumentar na Rússia. Como crítico da economia burguesa, Marx

gozava na Rússia de uma autoridade maior do que em qualquer outro país, incluso a própria Alemanha, e exerceu profunda influência sobre vários intelectuais russos, a orientação de que cujos trabalhos determinou. Direta ou indireta, a influência de Marx se encontra nas obras de economistas russos como Sieber, Yanjul, Kablukov, Kaufmann, e historiadores como Kovalevsky e Lutchitsky. Além de *O Capital*, outras obras de Marx eram pouco conhecidas. Quanto à filosofia de Marx, a concepção materialista da história, a maior parte dos russos a ignorava completamente ou não tinha mais do que uma vaga ideia desta.

Há muito, certamente, conhecia-se a importância preponderante que Marx atribuía às relações econômicas. Segundo o que demonstrei em 1901, Katchev, crítico conhecido, que figurava como réu no processo Nechayev, havia traduzido para o russo, em 1865, o célebre prefácio da *Contribuição à Crítica da Economia Política*, em que Marx expõe sucintamente a concepção materialista da história. Mas, ainda reconhecendo a importância da economia, Katchev, tal qual posteriormente Sieber e Nicolaion – pseudônimo de Nikolai Danielson, economista russo – não teve ideia alguma da vinculação existente entre a concepção econômica da história e a doutrina da luta de classes.

Após 1870, Marx e Engels exerceram influência direta sobre Lavrov, que editava em Londres a revista *Avante*. Tal qual os social-democratas alemães dessa época, os adeptos de Lavrov na Rússia respeitavam Marx profundamente, mas ligavam o marxismo a toda sorte de doutrinas idealistas. Marx gozava de prestígio entre os bakuninistas russos que renunciaram aos métodos de Nechayev e adaptaram a doutrina de Bakunin às condições russas, convertendo-a em uma espécie de populismo revolucionário.

Pelo ano de 1878, Marx e Engels apreciavam, sobretudo, o movimento *Narodnaia Volia*. Considerando a Rússia como o foco principal da contrarrevolução internacional, aclamavam a luta heroica travada pelos “narodovolstsy”, um poderoso movimento revolucionário dirigido contra o czarismo. A *Narodnaia Volia* tinha em Marx um dos grandes mestres do socialismo e o reconheceu publicamente com tal em uma mensagem que fizeram chegar a ele, que tem imenso interesse.

Temos de Marx uma quantidade de manuscritos e cartas relevadoras da atenção com que estudava a literatura e as relações econômicas e sociais russas. Até seus familiares e chegados protestavam pelo excesso de zelo dos seus conhecidos russos, como Nicolaion, no envio de diferentes materiais estatísticos. Diante do estado deplorável de sua saúde, temiam que a leitura intensiva a qual se entregara na preparação de *O Capital* arruinara de forma definitiva seu organismo, fortemente debilitado. Do ardor e da atenção com que Marx estudava a situação da Rússia, falam não somente os apontamentos que fez em seus cadernos, mas também suas cartas a Nicolaion, nas quais se encontram reflexões extremamente interessantes sobre este país. Um estudo sério dos elementos concernentes ao estado da agricultura lhe permitiu estabelecer não somente as causas principais das más colheitas, mas também da lei de sua periodicidade, lei verificada na Rússia deste então até hoje.

Marx queria fazer de certo modo o balanço dos seus trabalhos no terceiro tomo de *O Capital*, no qual examinaria as formas da propriedade territorial, mas, infelizmente, não teve tempo. Quando em 1881, Vera Zaslitch lhe enviou uma carta solicitando seu parecer sobre o futuro da comunidade rural russa, Marx se dispôs ao trabalho imediatamente. Não

sabemos se Zaslitch e Plekhanov receberam a resposta. Suponhamos que não. Encontramos apenas o rascunho, que revela que sua capacidade de trabalho estava muito comprometida. Está coberta de pontuações e emendas, e provavelmente foi abandonado sem conclusão.

Em colaboração com Engels, Marx pode ainda escrever um prefácio para a nova tradução do *Manifesto Comunista*, da qual acreditava-se ser de Zaslitch, mas que na realidade era obra de Plekhanov.

A história de certo modo jogou com Marx e Bakunin. Do grupo de revolucionários que formava a seção russa da Internacional e que havia eleito Marx como representante no Conselho Geral, nenhum chegou a ser um marxista consequente. Com exceção de Lopantin, todos abandonaram com o tempo a trajetória de revolucionário profissional ou se converteram em inimigos. Pelo contrário, dos então bakuninistas russos, Plekhanov, Zaslitch, Axelrod e Deutch, saíram os primeiros marxistas russos, para quem o marxismo, tanto como uma doutrina econômica, foi a álgebra da revolução.

No último ano e meio, a vida de Marx foi de uma lenta agonia. Ainda tinha em rascunho uma enorme quantidade de trabalho, ao que se dedicava apenas quando sua saúde o permitia. Em pleno domínio de suas energias, havia traçado o modelo, os contornos, fixado as leis fundamentais da produção e da troca capitalistas. Mas não tinha mais força para fazer desse esboço uma obra viva, acabada, como o primeiro tomo de *O Capital*, que demonstrara tão brilhantemente todo o mecanismo da produção capitalista e a luta que sobre sua base se desenvolve entre o capitalista e o operário.

Minado pela enfermidade, seu organismo estava completamente extenuado; não pode suportar por isso duas desgraças extremamente dolorosas – a morte de sua esposa e a

de suas filhas – que o comoveram sucessivamente. Naturalmente bastante tímido, Marx, ainda que isto possa parecer surpreendente para alguns, amava muito sua família e era muito carinhoso em sua vida privada. Nisso se parecia muito com Chernichevsky. Lendo suas cartas à sua filha mais velha, cuja perda o afetou tão dolorosamente que seus familiares temiam sua morte repentina, pode-se ficar assombrado diante da sensibilidade e da ternura extraordinárias daquele homem exteriormente tão rude.

Me permitirei agora uma breve digressão. Em ocasião de um ato organizado em honra de Lenin durante o novo congresso do Partido Comunista, os congressistas me obrigaram a falar. O fizeram acreditando provavelmente que somente faria elogios. Assinalei então algumas das características que tornavam Lenin tão estranho aos nossos camaradas do ocidente. Me referi, entre outras coisas, a surpresa de Friedrich Adler quando ao falar dos meios para livrar rapidamente Lenin e Zinoviev da embaraçosa situação na qual se encontravam na Áustria no início da guerra, lhe disse que Lenin adorava sua família e conservava grande solicitude com seus sogros. Pouco antes, Martov havia publicado, com o propósito de desacreditar Lenin e os bolcheviques de forma definitiva, um odioso opúsculo, no qual apresentava Lenin como chefe de bandidos e expropriadores, para quem nada era sagrado.

E tal qual Adler quando me ouvia falar de Lenin, os filisteus e os próprios revolucionários neófitos, leem hoje, assombrados, a história dos últimos anos de Marx. Na verdade – como dizem – é lamentável que um revolucionário consagre uma parte de suas preocupações a outra coisa que não a revolução. Um verdadeiro revolucionário deve estar durante toda sua vida, as 24 horas de cada dia, em seu posto. Da manhã até a noite e da noite até a manhã escreve ou executa

resoluções. Homem talhado em uma só peça de aço revolucionário, é inacessível a todo sentimento humano; vive sem comer nem beber, ou quando mais, como João o Precursor, se contenta com gafanhotos e mel silvestre (nutrição que, por outro lado, não é inferior à de muito dos nossos militantes em 1918-1919). Enquanto isso, sabemos Jesus era um epicurista. O Evangelho diz que este comia e bebia e que chegou a amaldiçoar a figueira porque era estéril. Mas ainda assim, Jesus tinha mais firmeza em sua revolta do que o rígido apóstolo Pedro, quem por razões políticas, o negou três vezes.

Há que julgar todas as coisas a partir do ponto de vista humano. Quando lemos a biografia de homens que honramos e respeitamos, sem dúvida nos alegra saber que foram ou são como os outros, ainda que mais inteligentes, instruídos e úteis à causa revolucionária. Apenas nos velhos dramas e nas tragédias pseudo-clássicas se representa os homens como heróis: caminham e as montanhas vem abaixo; chutam e a terra se abre; comem e bebem como deuses. Assim apresentaram Marx algumas vezes; como por exemplo, nossa querida Clara Zetkin, um pouco levada pelo exagero. Nesses casos se esquece sua resposta quando lhe perguntaram qual era sua frase preferida: *Homo Sum: humani nihil a me alienum puto*. Como qualquer um, ele cometia erros; com frequência, deplorava sua excessiva confiança nas pessoas e algumas vezes exercia sua injustiça com determinadas pessoas. Podemos perdoar-lhe sua inclinação ao vinho, lógica para um natural do Mosela, mas, não obstante nosso afeto por ele, não podemos fazer o mesmo a respeito da sua paixão pelo tabaco. Como anedota, ele mesmo dizia que *O Capital* não havia rendido nem o valor para pagar os cigarros que fumou enquanto o escrevia. Como era pobre, consumia um tabaco de má qualidade, que contribuiu para abreviar sua vida e contrair a

bronquite crônica que tanto o fez padecer durante seus últimos anos de vida.

Em 14 de março de 1883, faleceu Marx. Engels tinha razão ao escrever sobre esse dia a seu velho camarada Sorge:

Todos os fenômenos, mesmo os mais horríveis, que ocorrem segundo as leis da natureza, comportar um consolo. Não há no caso presente. Talvez os recursos da medicina poderiam dar-lhe ainda dois ou três anos de vida vegetativa, de vida impotente para o ser que lentamente morre; mas Marx não suportaria semelhante vida. Viver tendo diante de si uma série de trabalhos inconclusos e padecer do suplício de Tântalo de pensar na impossibilidade de terminá-los, haveria sido para ele mil vezes mais penoso do que uma morte tranquila. “A morte não é terrível para o que morre, mas para o que fica”, costumava dizer Epicuro. Ver este homem genial e potente feito um despojado, arrastando sua existência para a glória da medicina e alegria dos filisteus que, fustigados tão implacavelmente durante a plenitude de suas energias, tinham uma ocasião para agora zombá-lo, teria sido um espetáculo demasiado grotesco, e mais vale que assim seja, que tenha desaparecido e que passado amanhã o depositemos na tumba em que descansa sua mulher. Em minha opinião depois de tudo o que passou, não havia outro final; o que sei melhor do que todos os médicos. A humanidade toda, tem uma cabeça menos. Perdeu a um dos seus representantes mais geniais. O movimento do proletariado seguirá seu caminho, mas não terá mais o chefe a quem recorriam nas horas críticas os franceses, os russos, os americanos e os alemães e de quem recebiam sempre conselhos claros e seguros, conselhos que somente podia oferecer um gênio e um homem consciente.

Tarefas importantíssimas ficaram a partir de então sob a incumbência de Engels. Escritor brilhante, considerado com um dos melhores estilos alemães, de vasta erudição e especialista em muitos assuntos, durante a vida de Marx, passava, naturalmente e por sua própria vontade, em segundo plano.

Não posso negar que contribuí para o estabelecimento e, principalmente, elaboração da teoria, durante os quarenta anos das minhas relações com Marx. Mas a maior parte das ideias diretrizes, sobretudo em história e economia, assim como sua formulação definitiva, pertencem a Marx. O que contribuí, o mesmo poderia ter sido suprido facilmente, salvo talvez duas ou três partes especiais. Mas o que fez Marx, eu nunca poderia ter feito. Marx estava à frente, via mais longe; sua visão era mais ampla e mais rápida do que as nossas. Era um gênio; nós, na melhor das hipóteses, éramos somente homens de talento. Sem ele, nossa teoria estaria muito longe de ser o que é. Por isso leva, com toda justiça, seu nome.

Engels, como escrevia o velho Becker, devia assumir então o papel principal, depois de ter desempenhado com gosto, toda a vida, o secundário. E o primeiro trabalho importante que coube agora a Engels consistia em organizar o legado literário de Marx. A despeito das suposições de um professor italiano que anteriormente em suas cartas a Marx era prodígio em elogios a seu respeito e que, após sua morte, ousou publicar que ao se referir no primeiro tomo de *O Capital*, acerca do segundo e do terceiro, Marx havia enganado o público, pois fora encontrado entre seus papéis os manuscritos de um segundo, um terceiro e um quarto tomo. Infelizmente, todos esses materiais foram deixados de tal forma que Engels – sem poder dedicar-lhes todo seu tempo – necessitou onze

anos para ordená-los e classificá-los. A escrita de Marx era muito pouco legível; com frequência usava abreviações somente inteligíveis a ele. Pouco antes de morrer, quando compreendeu que não estava em condições de acabar seu trabalho, disse a sua filha mais nova que Engels talvez aproveitaria alguma coisa desses papéis.

Felizmente, Engels pode cumprir a parte principal daquele trabalho. Editou o segundo e o terceiro tomo de *O Capital*. O plano dessa conferência não nos permitirá nos deter nessa obra, pois a exposição acerca do primeiro tomo de *O Capital* foi transferida para outro curso. Mas para demonstrar a importância do trabalho de Engels, diremos que sem ele, provavelmente ninguém teria sido capaz de levar a cabo tal tarefa. A obra apresenta alguns defeitos, mas não são imputáveis unicamente a Marx. Pouca esperança temos de ver alguma vez em nossas mãos todos os manuscritos tal como os teve Engels, e não podemos, tal qual as gerações futuras, estudar os dois últimos tomos de *O Capital* senão no seu atual estado, na forma que lhe deu Engels.

Outro dever lhe cabia, que antes havia cumprido como colaborador e auxiliar de Marx, mas que agora recaía sobre ele, com todo seu peso.

Depois da dissolução da Primeira Internacional, Marx e Engels continuaram ocupando as funções do antigo Conselho Geral. Agora, Engels somente havia de ser intermediário entre os diferentes partidos socialistas, devia aconselhá-los e, por consequência, estar minuciosamente informado sobre suas situações. E justo após a morte de Marx, o movimento operário internacional se desenvolveu com força, de forma que em 1886 se colocava a questão da organização de uma nova Internacional. Mas após 1889, ano no qual se reuniu em

Paris o primeiro congresso que fundou a Segunda Internacional (a qual ficou sem comitê central permanente até 1900), Engels, na qualidade de escritor e conselheiro, tomou a mais ativa participação no movimento operário de quase todos os países da Europa. O velho Conselho Geral, composto por muitos membros e com secretários para cada país, estava agora personificado em Engels. Quando um novo grupo marxista aparecia em qualquer país, pedia conselhos a Engels, quem, graças ao seu excelente conhecimento dos idiomas, chegou a responder quase sem erros, nas respectivas línguas dos seus correspondentes. Engels seguia com atenção o movimento operário de cada país, em sua literatura própria. Isso lhe absorvia muito tempo, mas consolidava assim a influência do marxismo, aplicando habilmente seus princípios às distintas particularidades nacionais. Não havia país, cujo movimento operário não tivesse participação dele, colaborando com seu órgão central. Escrevia artigos nos diários alemães, austríacos, franceses; ainda assim encontrou tempo para redigir um prefácio à tradução polonesa do *Manifesto Comunista* e para ajudar com seus conselhos e indicações a marxistas espanhóis e portugueses, suecos e dinamarqueses, búlgaros e sérvios.

Convém destacar o apoio particular que deu ao jovem marxismo russo. Seu conhecimento da língua o permitia ler no original a literatura marxista russa e somente graças a sua influência, não obstante o imenso prestígio do *Narodnaia Vólia*, o grupo da *Emancipação do Trabalho* pode ligar-se tão rapidamente com o marxismo alemão e vencer a desconfiança que tinha a Europa ocidental, particularmente Alemanha e França, a respeito do movimento operário e do marxismo em um país asiático como a Rússia. Em 1889, Plekhanov foi a

Londres especialmente para conhecer Engels e informá-lo sobre a nova tendência que se manifestava no movimento revolucionário russo. Para a primeira revista marxista russa que começou a ser editada pelo grupo *Emancipação do Trabalho*, Engels escreveu um artigo especial sobre a política externa do czarismo.

Engels logo viu os frutos da sua intensa ação. Desde que foi fundada a Segunda Internacional, não participou diretamente dos trabalhos dos seus congressos. Evitava as intervenções públicas e se limitava a ser o conselheiro daqueles seus discípulos que em todos os países dirigiam o movimento, lhe informavam dos sucessos importantes e se esforçavam em utilizar sua autoridade. Graças ao prestígio de Engels, alguns partidos alcançaram e conservaram uma ascensão considerável na Internacional. Em consequência de sua vida, esse procedimento de se comunicar exclusivamente com os chefes do principal partido de cada país, trouxe consigo alguns inconvenientes. Enquanto se levantou imediatamente contra os extravios dos marxistas franceses na questão agrária e destacou o caráter proletário do programa, Engels cedeu à pressão dos alemães, temeroso de que fosse retomada a lei contra os socialistas, e suavizou sua introdução aos artigos de Marx sobre a *Luta de Classes na França*, que são uma brilhante aplicação do princípio da implacável luta de classes e da ditadura do proletariado.

No prefácio da quarta edição alemã do *Manifesto Comunista*, que escreveu no dia da celebração internacional do 1º de maio (1890), Engels destacou o crescimento do movimento operário e lamentou que Marx não esteja lá para ver com seus olhos tal espetáculo reconfortante. Enquanto Marx não foi conhecido senão nos meios mais avançados do movi-

mento operário e, em vida, não gozou de grande popularidade, Engels, que valorizava perfeitamente a importância da fama, ainda que detestasse, como seu melhor amigo, os efeitos pessoais, chegou a ser no fim dos seus dias um dos homens mais populares do movimento operário internacional. Disso pode se convencer quando em 1893, cedendo pela primeira vez a sugestão dos amigos, visitou o continente. Os desfiles, as ovações em massa, as cerimônias organizadas em sua honra se revestiram de grandiosas características como consequência do formidável desenvolvimento do movimento operário a partir do ano de 1883. Assim, no congresso internacional de Zurique, no qual quis ser somente um convidado e pronunciou um pequeno discurso no final da sessão, Engels foi objeto de uma ovação sem precedentes.

Temos que mencionar aqui um episódio desse congresso, assistido por Engels. O partido socialista polonês gozava então de influência desproporcional na Internacional, onde fazia ostentação de um “marxismo” próprio e lançava a palavra de ordem da independência da Polônia, desviando-se cada vez mais para um vulgar social-chauvinismo. Paralelamente havia surgido outro grupo marxista, que já então denunciava o distanciamento do partido socialista polonês do caminho proletário. Esse pequeno grupo, dirigido por Rosa Luxemburgo, pediu admissão em Zurique. Foi rechaçado, e Plekhanov tampouco apoiou, porque, como me manifestou na presença de Engels, considerava que seus esforços a nada conduziriam. Havia também, na verdade, outras razões, a principal das quais era que o núcleo de Luxemburgo destacava seus vínculos com a organização polonesa *Proletariado*, que outrora fora aliada da *Narodnaia Volia*, e que, assim, combateu o grupo *Emancipação do Trabalho*.

Seja como for, o grupo de Luxemburgo ficou completamente isolado. A ela mesmo foi pedido que se retirasse do congresso. Sofreu uma afronta perante toda a Internacional, em presença do próprio Engels. Pode ser que tenha chorado, mas não abandonou nem a Marx, nem a Engels, nem ao socialismo científico; se reafirmou mais em sua convicção e disse: convenceremos a Internacional, provaremos a justeza da nossa posição. Essa característica distinguia precisamente Rosa Luxemburgo da maior parte dos mesquinhos intelectuais que, afiliados por casualidade em um partido proletário, ao ser vítima de uma injustiça aparente ou real, se apressavam a sair dele para vilipendia-lo e passar, em seguida, às fileiras da burguesia. Um partido não é uma pensão de “meninas do bem”. Está composto por homens apaixonados que, na disputa, trocam às vezes golpes sensíveis. Isto é desagradável, mas inevitável, tanto na ordem nacional quanto na ordem internacional. E após esse congresso de Zurique, no qual foram descartadas igualmente outras pessoas, que imediatamente se puseram ao lado dos anarquistas ou simplesmente ao da burguesia, Rosa Luxemburgo provou ser uma verdadeira discípula de Marx e Engels, representante dos intelectuais revolucionários cuja principal missão é a de ajudar à classe operária a ter consciência de si mesma e fazer os operários revolucionários não intelectuais, mas sim operários ilustrados.

Ao contrário de Marx, Engels conservou sua capacidade de trabalho quase até os 75 anos de idade. Em março de 1895 escreveu a Adler uma carta interessante, na qual lhe indica em que ordem convém ler o segundo e terceiro tomo de *O Capital*. Na mesma época escreveu um interessante complemento do terceiro tomo. Se dispunha a escrever a história

da Primeira Internacional, e no meio dessa atividade intelectual foi surpreendido pela doença que o arrebatou em 5 de agosto de 1895.

Os restos mortais de Marx repousam no cemitério de Highgate, em Londres, na mesma sepultura de sua mulher e seu neto. Uma simples pedra constitui sua tumba. Quando Bebel escreveu a Engels manifestando sua intenção de erguer um monumento sobre a sepultura de Marx, Engels respondeu que as filhas deste se opunham categoricamente. Na época em que Engels morreu, a prática da cremação começava a estender-se. Pediu por isso que seu corpo fosse cremado e suas cinzas lançadas ao mar. Após sua morte, se vacilou em executar sua última vontade, porque alguns camaradas alemães tinham a mesma opinião dos que agora querem transformar a Praça Vermelha de Moscou em um cemitério, com monumentos funerários. Felizmente, outros camaradas fizeram com que o desejo de Engels fosse respeitado. Seu cadáver foi queimado e suas cinzas jogadas ao mar do norte.

Ambos amigos nos deixaram um monumento mais perdurável que o granito, mas eloquente que qualquer epitáfio: o movimento comunista internacional do proletariado, que, com o estandarte do marxismo, o comunismo revolucionário, marchará até a revolução social vitoriosa. Nos deixaram o método da investigação científica, as regras da estratégia e da tática revolucionárias. Nos deixaram um tesouro inestimável, ao que acudimos para o estudo e a compreensão da realidade.

Lhes faltaram somente uma felicidade: experimentaram a alegria de sentir a tempestade da revolução, de tomar nela parte ativa, mas somente era a revolução burguesa. Não puderam viver até a revolução social do proletariado. Mas seus espíritos estão presentes em nossa revolução e no meio

do fragor cada vez mais próximo da revolução universal, ressona o poderoso chamado que fizeram há 65 anos: **Proletários de todos os países, uni-vos!**





